

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
Centro de Estudos Gerais, Instituto de Geociências
Departamento de Geografia, Programa de Pós-Graduação em Geografia
DOUTORADO EM GEOGRAFIA



**PELAS MARGENS DA CIDADE E NO MEIO DA FESTA:
A (re) invenção das Festas e da Identidade no espaço urbano de Mossoró -
RN.**

AMÉLIA CRISTINA ALVES BEZERRA

NITERÓI-RJ

2006

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

AMÉLIA CRISTINA ALVES BEZERRA

PELAS MARGENS DA CIDADE E NO MEIO DA FESTA:
A (RE) INVENÇÃO DAS FESTAS E DA IDENTIDADE NO ESPAÇO URBANO DE
MOSSORÓ-RN

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, do Departamento de Geografia, do Instituto de Geociências da Universidade Federal Fluminense para a obtenção do título de Doutor em Geografia.

Orientador

Prof. Dr. Rogério Haesbaert

Niterói-RJ

2006

AMÉLIA CRISTINA ALVES BEZERRA

PELAS MARGENS DA CIDADE E NO MEIO DA FESTA:
A (RE) INVENÇÃO DAS FESTAS E DA IDENTIDADE NO ESPAÇO URBANO DE
MOSSORÓ-RN

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, do Departamento de Geografia, do Instituto de Geociências da Universidade Federal Fluminense para a obtenção do título de Doutor em Geografia.

Aprovada em outubro de 2006.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. ROGÉRIO HAESBAERT – Orientador (UFF)

Prof^a. Dr^a. FERNANDA SÁNCHEZ (UFF)

Prof. Dr. JAN BITOUN (UFPP)

Prof. Dr. MÁRCIO PIÑON DE OLIVEIRA (UFF)

Prof. Dr. MANOEL FERNANDES (UFC)

*Ao meu pai, pelas festas, embora breves,
que proporcionou, quando vivo, no meu
coração de menina. In-memoriam.*

AGRADECIMENTOS

Ao ingressar no universo da festa e da sua relação com a cidade por meio deste trabalho descobrimos os vários sentidos, funções e significados que a festa congrega, dentro os quais a celebração, o encontro e a afetividade são aqueles que melhor justificam a sua existência. É desses sentidos da festa que eu gostaria de me apropriar nesse momento para partilhar com os meus amigos, familiares, professores, companheiros e amores(r), que me acompanharam nessa trajetória festiva.

Delinear a importância dessas pessoas nesse meu itinerário de “forma seguida e alinhavada só sendo coisa de pouca importância”, pois cada uma delas está guardada “em trechos diversos cada uma com o seu signo e sentimento”, como bem diria Guimarães Rosa. Mesmo que de forma pouco seguida e alinhavada, gostaríamos de lembra-lás e manifestar-lhes nosso agradecimento, mesmo correndo o risco de esquecer algumas delas.

Assim, gostaria de celebrar inicialmente esse momento com a minha família, que mais do que ninguém acompanhou o meu desafio de adentrar nesse universo acadêmico ainda tão restrito para as classes trabalhadoras. À minha mãe (Cristina) e às minhas irmãs (Eva, Jaqueline, Carmem e Deida) agradeço a compreensão pelas ausências cotidianas e ainda pelo apoio ao longo desse percurso no mundo da Geografia, no qual os desafios e as superações andaram sempre de mãos dadas.

Gostaria de celebrar esse momento também com os amigos conquistados em espacialidades e temporalidades diferentes. É o caso do Flávio e do Gilmar, amizades primeiras construídas nas terras fluminenses, amigos com os quais dividi os desafios de habitar nessas terras diferentes onde reencontrei amigos de outros tempos, a exemplo do Charlles. Através dele pude conhecer a Elizete, amiga simpática e carinhosa conquistada durante esse período do doutorado. Agradeço a todos pelo apoio e pela atenção.

Nessa trajetória de desafios e descobertas também tive o prazer de conhecer o Bira e a Mônica, amigos/irmãos com os quais pode compartilhar momentos festivos.

Esse percurso também me aproximou da Cris, amiga corajosa e sincera dos lados do sul, embora encontrada nas terras do sudeste. A Cris agradeço o carinho e as trocas iniciadas desde os primeiros dias de doutorado. Esse doutorado que se iniciou a partir dos primeiros fragmentos lidos pro Edílson Junior, amigo cearense que encontrei no departamento de Geografia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte no momento da feitura do projeto.

Nessa universidade tive o prazer ainda de conhecer e conviver com Robson, amigo sincero e comprometido com os caminhos do curso de Geografia na “cidade da festa”. Nessas terras também encontrei Jamilson, outro amigo sempre disposto a me dar notícias do país de Mossoró. Com esses dois celebro e agradeço o apoio e a atenção a mim dedicados durante esse período do doutorado.

Gostaria de celebrar e agradecer também ao meu amigo Manoel Fernandes, amizade construída em outras temporalidades e espacialidades, mas reencontrada e reafirmada nas terras fluminenses. A ele agradeço pelo apoio nos primeiros dias em Niterói e pela leitura dos primeiros fragmentos desse trabalho. Agradeço ainda por ter me acompanhado em um dos trabalhos de campo realizado nas longas noites festivas de Mossoró.

Quero agradecer também aos professores do programa de pós-graduação em Geografia, sobretudo o Marcio Piñon, a Esther Limonad e o Ivaldo Lima pelas contribuições e interesse demonstrados ao longo do desenvolvimento desse trabalho. Sou grata ainda aos professores Jorge Luís Barbosa e Fernanda Sanchez pelas contribuições dadas no processo de qualificação dessa tese.

Agradeço e celebro com o Rogério Haesbaert por ter-me acompanhado, apoiado e se entusiasmado com a relação entre a festa, a cidade e a Geografia. A ele agradeço tanto a orientação quanto o aprendizado de que sempre sabemos pouco diante da complexidade do mundo e que por isso a dedicação e a humildade representam qualidades a serem perseguidas cotidianamente.

Quero agradece e celebrar com o Valter, meu amor “caboclo” encontrado nas terras fluminenses. A ele agradeço as festas cotidianas que proporcionou no meu coração e ainda o carinho, o apoio e a paciência dedicados ao longo do tempo que

estamos juntos, bem como as leituras e as inquietas observações que fez acerca desse trabalho.

Sou grata a Maria de Jesus, amiga de outras temporalidades também reencontrada nas terras fluminenses, pelo apoio e ainda pelas contribuições no processo de espacialização das minhas festas na cidade. Nesse sentido, agradeço também ao Edir, amigo recente, pelas sugestões e pelo cuidado minucioso com a formatação deste trabalho.

Agradeço ainda a disponibilidade dos representantes da Secretaria de Cultura de Mossoró, bem como as auxiliares de pesquisa Janaína, Kaline e, ainda recente, Ana Luíza que me davam de vez em quando notícias do país de Mossoró. Agradeço também ao meu colega de trabalho Everaldo Bernardino por ter-me concedido a base cartográfica da cidade de Mossoró e também ao Almir, funcionário da pós-graduação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, pela atenção com a parte burocrática que envolve a nossa saída para a pós-graduação. Sou grata ainda aos colegas de departamento de Geografia da UERN pela concessão da minha liberação para cursar esse doutorado.

Também agradeço a Regina, minha professora de francês predileta, pela revisão de partes deste trabalho. Agradeço também a Nazira pela paciência em conhecer a festa através da gramática francesa, renunciando, assim, a outras possíveis leituras. Sou grata ainda aos encontros no NUREG e aos seus participantes pelos profícuos debates e pelas celebrações que fazíamos para festejar a vida dos nossos aniversariantes.

Gostaria de celebrar também com a Penha e o Sandro, companheiros de morada nessas terras fluminenses. Quero celebrar com o Tadeu, amigo inquieto com os rumos da Geografia.

Agradeço ainda a Flávia por me ajudado a compreender e aceitar as minhas limitações, bem como assumir minhas potencialidades.

Por fim, quero agradecer e celebrar a vida e ao meu encontro com a festa na cidade e com seus participantes. Com eles aprendi os diferentes sentidos que a festa congrega, inclusive a celebração, o encontro e a afetividade.

... a cidade foi um espaço ocupado ao mesmo tempo pelo trabalho produtivo, pelas obras, pelas festas. Que ela reencontre essa função para além das funções, na sociedade urbana metamorfoseada. Assim se formula um dos objetivos estratégicos (que aliás consiste apenas na formulação daquilo que se passa hoje, sem graça nem esplendor, nas cidades em que festividades ou festivais tentam sem jeito recriar a festa)". (Lefebvre, 1991, p.129).

RESUMO

A festa tem ocupado um lugar significativo na dinâmica de algumas cidades brasileiras, através dela têm sido (re)atualizadas e ritualizadas os valores culturais, as crenças coletivas e as representações identitárias locais. Por congregar características tanto materiais quanto simbólicas, a festa representa uma das formas de produção e representação da identidade, especialmente territorial. Esta característica tem contribuído para que ela se destaque nesse momento histórico da sociedade, no qual a cultura assume um papel de recurso, sendo apropriada como uma das formas de demarcação da diferença frente a homogeneidade global. Essa tendência de apropriação da cultura como recurso tem desencadeado investimentos nas políticas urbanas de revitalização de centros históricos e na organização de festas - que têm assumido a característica de grandes espetáculos nas cidades- reafinando, desse modo, particularidades/singularidades regionais e locais. E neste quadro que festa e identidade se colocam como questões importantes para pensarmos a cidade. E este é o tema desse trabalho, cujo objetivo central é entender qual tem sido o papel das festas na dinâmica sócio-espacial da cidade de Mossoró e no processo de demarcação das diferenças locais para o mercado de cidades. Em termos específicos tentamos compreender quais são os referenciais do ponto de vista do planejamento, que têm norteado os investimentos na espetacularização das festas e na (re)estruturação da área central em Mossoró e nesse processo verificar quais os entrelaçamentos entre uma dinâmica mais global de pensar a cidade e os projetos das elites' locais, bem como as tensões, questionamentos e insatisfações gerados por esse processo na cidade

Palavras Chave: Festa, identidade, espaço urbano, mercado, Mossoró.

RÉSUMÉ

La fête occupe ces derniers temps une place significative dans la dynamique de quelques villes brésiliennes. Par l'intermédiaire de la fête sont réactualisées et ritualisées les valeurs culturelles, les croyances collectives et les représentations identitaires locales. En réunissant des caractéristiques aussi bien matérielles que symboliques, la fête représente l'une des formes de production et de représentation de l'identité, en particulier territoriale. Cette caractéristique fait qu'elle ait une place de choix à ce moment historique de la société où la culture joue un rôle de ressource et est envisagée comme l'une des formes de démarcation de la différence en face de l'homogénéité globale. Cette tendance à l'appropriation de la culture en tant que ressource suscite des investissements dans les politiques urbaines de revitalisation des centres historiques et dans l'organisation des fêtes — qui prennent la caractéristique de spectacles grandioses dans les villes — en réaffirmant ainsi des particularités/singularités régionales et locales. C'est dans ce cadre que fête et identité se placent en tant que questions importantes pour penser la ville. Ces questions constituent le thème de ce travail qui a pour but central comprendre quel est le rôle des fêtes dans la dynamique socio-spatiale de la ville de Mossoró ainsi que dans le processus de démarcation des différences locales en vue du marché des villes. Du point de vue de la planification, nous cherchons plus spécifiquement les références qui orientent les investissements ayant pour but le caractère spectaculaire des fêtes et la restructuration de l'aire centrale de Mossoró, tout en vérifiant au cours de ce processus quels sont les liens entre une dynamique plus globale de penser la ville et les projets des élites locales ainsi que les tensions, questionnements et insatisfactions engendrés par ce processus dans la ville.

LISTA DE FIGURAS

FIGURAS

FIGURA 1. MAPA DA LOCALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE MOSSORÓ.....	73
FIGURA 2. FOLDER DE DIVULGAÇÃO DA CIDADE DE MOSSORÓ	74
FIGURA 3. MAPA POR BAIRROS DA CIDADE DE MOSSORÓ.....	77
FIGURA 4. ANTIGA ESTAÇÃO DE TREM NA DÉCADA DE 1980.....	98
FIGURA 5. ESTAÇÃO FERROVIÁRIA RESTAURADA.....	98
FIGURA 6. GINÁSIO DE ESPORTES PEDRO CTARLINE	99
FIGURA 7. TEATRO DIX-HUIT.....	99
FIGURA 8. VERTICALIZAÇÃO PRÓXIMO A ESTAÇÃO DAS ARTES	100
FIGURA 9. PRÉDIO RESIDENCIAL RECENTEMENTE CONSTRUÍDO.....	100
FIGURA 10. LOCALIZAÇÃO DOS ESPAÇOS E EQUIPAMENTOS CONSTRUIDOS E (RE)ESTRUTURADOS NA ÁREA CENTRAL DA CIDADE.....	102
FIGURA 11,12 E 13 - DIVULGAÇÃO DA PROGRAMAÇÃO DAS FESTAS..	103
FIGURA 14. IMAGENS DO MOSSORÓ CIDADE JUNINA.....	113
FIGURA 15. CAPELA NA ESTAÇÃO DAS ARTES.....	118
FIGURA 16. ALTAR COM A IMAGEM DE SÃO JOÃO	118
FIGURA 17. CENA DO ESPETÁCULO “CHUVA DE BALAS”.....	120
FIGURA 18. CENA DO ESPETÁCULO “CHUVA DE BALAS”.....	120
FIGURA 19. IGREJA DO SÃO JOÃO NO BAIRRO DOZE ANOS.....	123
FIGURA 20. ESPACIALIZAÇÃO DAS FESTAS JUNINAS NA CIDADE DE MOSSORÓ- RN.....	127
FIGURA 21 . CENAS QUE TEATRALIZA O ESPETÁCULO AUTO DA LIBERDADE.....	134
FIGURA 22. MONUMENTO SÍMBOLO DE LIBERDADE.....	141
FIGURA 23. XILOGRAVURA: BATALHA ENTRE LAMPIÃO E OS MORADOES DA CIDADE DE MOSSORÓ.....	141
FIGURA 24. IMAGENS DO ORATÓRIO DE STA. LUZIA.....	149
FIGURA 25. CONCENTRAÇÃO DAS PESSOAS EM FRENTE À MATRIZ.....	153

QUADROS

QUADRO 1. LINHAS DE TRANSPORTES ALTERNATIVOS DE MOSSORÓ.....	84
QUADRO 2. DISTRIBUIÇÃO DE ESTABELECIMENTOS COMERCIAIS.....	85
QUADRO 3. CALENDÁRIO ANUAL DAS FESTAS E FEIRAS.....	104
QUADRO 4. CARACTERIZAÇÃO DO ESPETÁCULO E DA FESTA	156

GRÁFICOS

GRÁFICO 1 VARIAÇÃO NO EMPREGO ACUMULADA (2000-2005).....	86
GRÁFICO..2 PRODUTO INTERNO BRUTO POR SETOR DE ATIVIDADE ECONÔMICA.....	87

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	15
CAPÍTULO 1- FESTA E IDENTIDADE: UM CAMINHO EM BUSCA DA DIFERENÇA.....	26
1.1- Festa, Festas: (re)cortando olhares	28
1.2 - Espaço, Festa e Identidade.....	37
CAPÍTULO 2- FESTA, CIDADE E IDENTIDADE: ENTRELAÇAMENTOS E PROXIMIDADES	46
2.1 - A festa nas cidades brasileiras	47
2. 2- Cidade e Festa em tempo de espetáculo	55
2.3 - O Planejamento Estratégico e a (re) invenção das cidades e da festa.....	59
CAPÍTULO 3- PERCORRENDO OS RASTROS DA FORMAÇÃO SÓCIO-ESPACIAL DA CIDADE DE MOSSORÓ E O SEU (RE) ENCONTRO COM AS FESTAS	72
3-1 - A formação sócio-espacial da cidade de Mossoró: Processos e Atores	75
3.2- A constituição da área central de Mossoró: Espaço de convergência dos encontros e das festas.....	90
3.3- O centro e as festas: (re) configurações e (re) invenções.....	98
CAPÍTULO 4—AS TRILHAS DAS FESTAS NA CIDADE	111
4.1 - O São João: trajetórias e adaptações.....	114
4. 1.1 - Os São João em Mossoró: Apresentando os cenários.....	118
4.1.2 - Os São João em Mossoró: pensando as origens, revendo as tradições.....	124
4.2 - Cangaceiros, escravos e libertadores: O Auto da Liberdade, — a Festa Cívica da cidade.....	135
4.2.1 O Auto da Liberdade: a (re)atualização do mito fundador e a construção da cidade-pátria	138

4.3 - Festa de Santa Luzia: seus espaços e sua trajetória na cidade.....	150
4.3.1 - O final da festa: A procissão pela cidade.....	150

CAPÍTULO 5 - DESFAZENDO CONSENSOS: TENSÕES E AMBIGÜIDADES

NAS FORMAS DE PENSAR A CIDADE E A FESTA EM MOSSORÓ.....	160
---	-----

5.1- Entre o espetáculo e a festa. Contradições, diferenças e mediações.....	161
--	-----

5.2- Entre a cidade do espetáculo e a cidade da festa. Tensões e ambigüidades nas formas de pensar a cidade e a festa em Mossoró.....	170
---	-----

REFLEXÕES CONCLUSIVAS	187
-----------------------------	-----

REFRÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	200
---------------------------------	-----

APRESENTAÇÃO

Mossoró, em tempos de festas, é uma dessas cidades que, uma vez descrita, lembraria as cidades visitadas, vividas e contadas por Marco Pólo nas crônicas escritas por Ítalo Calvino, pois em Mossoró é possível se deparar com maracatus atômicos se intercalando com navios negreiros e, ainda, com uma batalha entre os moradores da cidade e o bando de Lampião. Durante essa batalha, uma “chuva de balas” é trocada entre os cangaceiros que entram no palco sobre seus cavalos e os homens da cidade. Todas estas cenas se misturam num grande espetáculo denominado “Auto da Liberdade”, que ocorre no final do mês de setembro na cidade.

Além destas imagens, é possível lembrar a Mossoró Cidade Junina, festa que ocupa toda a área central da cidade e que nesse período se (re)veste de balões coloridos que enfeitam as ruas, as praças e as pontes. Durante esta festa, a Estação das Artes, antiga estação de trem de Mossoró, se transforma em cidade cenográfica e as fachadas dos bares são revestidas de cores e formas que lembram a Mossoró do início do século. Neste cenário, a igreja é feita réplica e a imagem de São João é colocada em um altar que é visitado pelos frequentadores.

Neste período junino, mais uma “chuva de balas” invade Mossoró e a cidade comemora novamente a batalha travada contra Lampião por meio de uma teatralização denominada *Chuva de balas no país de Mossoró*, cujo palco é a igreja de São Vicente. Nesta igreja ainda estão preservadas as marcas deixadas pelas balas no momento do confronto entre a cidade e o bando de Lampião, ocorrido em 1927. Ao longo das festas, é possível perceber a intensidade da circulação de pessoas entre a Estação das Artes e a Igreja de São Vicente, sendo que esses dois espaços congregam juntos uma área de 48.000 m².

À margem das luzes do espetáculo que ocorre no centro da cidade, com muitas dificuldades, outros cenários juninos persistem nos bairros. Nestas festas, as novenas, que normalmente são acompanhadas por encenações que relembram a vida de

São João, (re)atualizam o caráter sagrado presente nas comemorações dos bairros. Os leilões, as quadrilhas fazem parte desse cenário festivo e, em alguns desses festejos, encontramos os parques de diversões que se colocam como o espaço de encontro e de brincadeiras das crianças. Nos bairros onde ainda ocorrem essas festas é comum os moradores colocarem cadeiras nas calçadas para acompanharem o ir e vir dos participantes no decorrer da festa.

Mossoró também se enche de festa ao longo do mês de dezembro, período em que é comemorada a festa da padroeira. Ao longo dessas comemorações, o centro da cidade se coloca como o espaço do encontro, para ele se dirigem todos aqueles que desejam acompanhar as novenas e ver os anjos e demônios que povoaram a vida de Santa Luzia. Essa história é contada ao longo de uma peça teatral que tem a igreja central como palco.

Esta breve descrição dos diferentes cenários de que Mossoró se reveste ao longo do ano, nos dá conta da dinâmica festiva que se instalou na cidade. Um dos primeiros contatos que tivemos com esses festejos ocorreu no dia em que retornávamos de um trabalho de campo que havíamos feito como parte de uma disciplina que ministrávamos na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Era noite e, ao sairmos do ônibus que nos conduzira ao longo das atividades, não conseguíamos chegar às nossas casas por causa da movimentação das pessoas ao longo das ruas, das praças e calçadas da cidade.

O encontro com a festa na cidade nos causou impacto, pois havíamos chegado recentemente a Mossoró. A aprovação em um concurso para professores na UERN nos levava a morar nesta cidade de temperaturas elevadas e de uma área central bastante movimentada. Esse movimento expresso através das inúmeras lojas, dos magazines, dos bancos, intensificava-se com o fluxo de transportes alternativos que chegavam e saíam de outros municípios, conduzindo pessoas que se dirigiam a cidade, seja para terem acesso ao comércio, seja para utilizarem os serviços, sobretudo, aqueles destinados à saúde. Essa movimentação nos colocou diante do papel regional que a cidade exerce na parte oeste do Rio Grande do Norte.

Esse primeiro contato com as festas no centro nos fez perceber as mudanças ocorridas na cidade durante o período festivo. Esse aspecto foi sendo reforçado na medida em que tínhamos contato com as demais festas, a exemplo do *São João* que ocorre em junho e ainda das comemorações cívicas, recentemente agregadas ao espetáculo denominado *Auto da Liberdade* que acontece em setembro na cidade.

Assim, na medida em que intensificávamos o contato com as festas, algumas questões foram nos chamando atenção, dentre as quais se destacava a mudança que é impressa na cidade no decorrer das festas. Essa mudança se revela tanto através da estética que se configura na cidade ao longo desses períodos, em especial, durante as festas juninas, quanto na dinâmica sócio-espacial, pois nos períodos festivos se intensifica o número de pessoas que circulam no centro da cidade e isto se reflete no uso das principais vias de circulação do centro, que são redefinidas completamente, no período noturno.

Um outro elemento que nos saltava aos olhos e nos causava espanto e curiosidade era a grandiosidade e, por que não dizer, a espetacularização dessas festas, principalmente das peças que são teatralizadas no decorrer das mesmas. É o caso da “Chuva de balas no país de Mossoró” que ocorre durante as festas juninas e ainda da encenação que ocorre ao longo do “Auto da Liberdade”. Esta última acontece durante as comemorações cívicas da cidade e costuma envolver uma média de 1.500 a 2.000 atores num palco de 1.600 metros. Os altos investimentos feitos nessas festas constituíam um outro aspecto que nos chamava atenção.

A dimensão espetacular presente nessas festas e, em especial, nos festejos juninos e nas comemorações cívicas da cidade, nos causava um misto de curiosidade e espanto que se traduzia em alguns questionamentos: Por que o poder público tem investido de forma tão efetiva nas festas em Mossoró? Qual seria a representação dessas festas para a cidade? Quais os interesses que estariam norteando as centralidades espaço-temporal, simbólica e política das festas na cidade? Quais os impactos desse processo nas formas de festejar que já ocorriam na cidade?

Concomitante a essa centralidade da festa, a cidade tem vivenciado nos últimos dez anos uma (re)estruturação e um embelezamento de alguns espaços e equipamentos localizados na área central da cidade e nas suas imediações, a exemplo das praças, dos teatros e das antigas edificações, dentre as quais se destaca a estação de trem transformada em local de eventos, a antiga cadeia pública, transformada em museu e ainda o Prédio da União Caixerai que hoje deu lugar à biblioteca pública.

Essa (re)estruturação da área central, simultaneamente à (re)invenção das festas, faz parte de um mesmo processo, que, na nossa compreensão, converge para a produção de uma imagem da cidade. Através dessa imagem aqueles que pensam a cidade tentam projetá-la no cenário turístico estadual e regional. Para tanto, a cultura e, especialmente, a festa, representam uma das formas tanto de diferenciá-la, como de projetá-la no mercado de cidades. Isso tem se traduzido inclusive no material publicitário que tem sido veiculado sobre a cidade.

Nesse processo de (re)criação e (re)invenção da festa, os rituais, que inicialmente possuíam um caráter quase espontâneo dos valores e das tradições populares, como é o caso dos festejos juninos, vêm sendo apropriados pelos administradores públicos e empresariais, transformando-se em megaeventos, cujo caráter de empreendimento econômico e comercial tornou-se muito acentuado. Assim, pensar a festa na contemporaneidade, especialmente em Mossoró, nos coloca diante de uma nova questão, qual seja, a sua tendência à mercantilização, o que nos leva a pensar sobre o planejamento da cidade dentro dessa fase histórica do capital, no qual a cultura passa a ser utilizada como recurso.

Essa tendência de apropriação da cultura como recurso tem desencadeado investimentos nas políticas urbanas de revitalização de centros históricos e na organização de festas - que têm assumido a característica de grandes espetáculos nas cidades- reafirmando, desse modo, particularidades/singularidades regionais e locais, o que implica em uma (re)elaboração das identidades, que, não raramente, são vendidas no mercado de cidades. Essa estratégia coloca-se como um dos objetivos do Planejamento Estratégico que vem sendo proposto para as cidades.

Essa tendência de utilização da festa como estratégia de geração de renda e projeção da cidade na dinâmica turística pode ser reconhecida em muitas cidades do Nordeste, especialmente naquelas que apresentam características de cidade média, como é o caso de Campina Grande, na Paraíba, que anuncia o “maior São João do mundo”, de Caruaru, em Pernambuco, que vende não só o maior, mas o “melhor São João”, e, mais recentemente, Mossoró, que até então era reconhecida pelo sal e o petróleo, atividades que fizeram ou ainda fazem parte da sua formação sócio-econômica, mas que agora também pretende ser conhecida como a cidade da cultura e, especialmente, da festa.

Este caminho que foi se conformando ao longo da pesquisa colocou-nos diante da necessidade de compreender a relação das festas com a cidade e, nesse processo, tentar entender os elementos que têm norteado tanto a sua (re)invenção, como o processo de (re) estruturação sócio-espacial que determinadas áreas da cidade têm vivenciado. Pois, embora as festas sempre tenham feito parte da existência de Mossoró, elas não possuíam essa dimensão espetacular que têm apresentado nos últimos dez anos. Esses aspectos têm sido reforçados, principalmente, pela centralidade espaço-temporal que as mesmas têm adquirido na cidade nos últimos anos.

É neste quadro que a festa foi se impondo como uma das formas de entender a dinâmica que hoje se instala em Mossoró, sendo este o tema do presente trabalho, cujo objetivo central é entender qual tem sido o papel das festas, especialmente a partir de 1996 - momento em que as mesmas ganham centralidade - na dinâmica sócio-espacial da cidade e no processo de demarcação das diferenças locais para o mercado de cidades. Para tanto, estamos partindo da compreensão de que a festa coloca-se como uma das formas de produção de identidade, especialmente territorial.

Em termos específicos tentamos compreender quais são os referenciais, sobretudo no que se refere ao planejamento, que têm norteado os investimentos na espetacularização das festas e na (re)estruturação de partes da área central da cidade. Esse objetivo nos conduz a um outro que é verificar os entrelaçamentos entre uma dinâmica mais global de pensar a cidade e os projetos das elites locais, bem como as tensões, questionamentos e insatisfações gerados por esse processo na cidade.

Assim, para entendermos a dinâmica que hoje se coloca na cidade de Mossoró, penetramos no “mundo” da festa por meio de um determinado recorte bibliográfico que, mesmo com limitações, nos colocou diante dos diferentes sentidos e possibilidades que a festa congrega. Nessa perspectiva, foram importantes os trabalhos de Del Priore (2000), Durkeim (2003), Calvo (1991), Amaral (1998) entre outros.

Alguns destes autores contribuíram ainda para a nossa aproximação com a dimensão histórica das festas e das formas de festejar no Brasil, como é o caso de Del Priore. Nessa direção é importante destacar ainda o trabalho de Reis (2001).

No âmbito da Geografia tivemos contato com as reflexões desenvolvidas por Seabra (2002) e os trabalhos de Maia (1999); Ferreira (2003) e Fernandes (2001; 2003); Cada um desses autores, de forma diferenciada, apresenta elementos que nos aproximaram da temática.

Um outro recorte bibliográfico nos aproximou da relação da festa com a identidade, a exemplo das reflexões de Guarinello (2001), Costa (2001) e, sobretudo, Di Méo (2001), que nos apresenta elementos importantes para pensar a relação entre festa/identidade/território. Já o trabalho de Chaves (2003), nos aproximou da dimensão política da festa.

No que se refere especificamente as reflexões que envolvem as discussões sobre identidade foram fundamentais as reflexões desenvolvidas por Hall (2004) e Silva (2004), assim como Haesbaert (1999; 1999; 2002) que nos apresenta elementos valiosos para trabalhar a relação território/identidade na Geografia.

Para além de um entendimento da festa e da identidade, se fez necessário compreender os Planejamentos que tem orientado a dinâmica urbana nos últimos tempos e, a partir daí, entender em que medida esses processos têm influenciado na centralidade que a festa vem adquirindo em algumas cidades, particularmente em Mossoró. Neste sentido, os trabalhos de Arantes (2002); Sanchez (2001), (2003), Vainer (2002), Souza (2004), Castells e Borja (1996) e outros, nos proporcionaram boas elucidções, sobretudo no que se refere ao Planejamento denominado de Estratégico.

Contudo, as tendências globais não explicam por si só as dinâmicas locais, sobretudo quando se trata das cidades de porte médio, ou cidades médias, como é o caso de Mossoró, onde é “comum” a permanência de determinados grupos políticos no poder. Nessas cidades as especificidades parecem se acentuar. Desse modo, as bibliografias locais, bem como as vivências cotidianas são de fundamental importância. Nesse sentido gostaríamos de destacar as reflexões desenvolvidas por Felipe (2001) e Paiva Neto (1997) que trazem para o cenário de debates as estratégias utilizadas pelos grupos locais no seu processo de legitimação na cidade, dentre as quais se destacam as festas.

Ainda no que refere às bibliografias locais, gostaríamos de destacar as informações históricas sobre Mossoró presentes no trabalho desenvolvido por Nonato (1983). Nesse sentido, é importante lembrar ainda o trabalho de Ferreira (2000), que na medida em que apresenta o processo de formação do Sindicato do Garrancho em Mossoró, faz uma contextualização crítica dos processos históricos na cidade. Outras referências bibliográficas também foram utilizadas e podem ser identificadas ao longo do trabalho.

Além dessas bibliografias que discutem especificamente a cidade, a festa e a identidade, foram fundamentais ainda as reflexões que se detiveram numa compreensão mais geral sobre os processos sociais que têm norteado a dinâmica contemporânea da reprodução capitalista, na qual a imagem ocupa uma centralidade e a cultura uma forma de recurso. Nessa direção foram fundamentais respectivamente, as reflexões de Harvey (1992), Yúdice (2004) e Debord (1997) e Jameson (2004)

A revisão bibliográfica, embora nos ofereça muitas elucidações e caminhos, não consegue sozinha responder às perguntas que fazemos sobre as dinâmicas específicas dos lugares, como é o caso das questões que levantamos sobre Mossoró. Nesses casos, os processos sociais que tentamos apreender através dos trabalhos de campo, são os nossos pontos de partida e de chegada, pois através deles conseguimos tanto pensar sobre as perguntas que inicialmente nos inquietaram, como formular

outras, que, em muitos casos, se tornam uma agenda de pesquisa a ser desenvolvida em outros momentos.

E foi através dos trabalhos de campo feitos pelo meio da festa que penetramos na dinâmica festiva em Mossoró. Esse trabalho teve a duração de dois anos (2004 e 2005) e contemplou as Festas de São João que ocorrem durante todo o mês de junho, as comemorações cívicas denominadas Auto da Liberdade, que acontecem em setembro, e ainda a Festa de Santa Luzia que ocorre ao longo de mês de dezembro. Como fizemos este trabalho durante a nossa permanência no Rio de Janeiro, as pesquisas nas referidas festas foram intercaladas ao longo desses dois anos.

As circunstâncias da pesquisa e do tempo não nos permitiram levar em conta as demais festas que ocorrem na cidade, como é o caso da Festa do Bode e tantos outros eventos, a exemplo das feiras, tais como a EXPOFRUIT- Exposição de frutas e a FICRO- Feira Industrial e do Comércio do Oeste - , embora saibamos que as mesmas reúnem pessoas de todo país. Além dos limites circunstanciais da pesquisa, a inclusão das feiras não se justificaria também devido a escolha por trabalhar com os elementos que circundam a festa, percebida enquanto um fenômeno social presente no tempo e no espaço definido pelos grupos sociais e que congrega uma concentração de afetos e emoções em torno de um objeto que é celebrado, sendo o momento em que são colocados em cena os valores culturais, as crenças coletivas e as representações de uma comunidade ou da maioria dos seus membros. Nesse sentido, é um trabalho social específico e coletivo da sociedade sobre si mesma e na sua relação com o território¹.

O trabalho de campo realizado nas longas noitadas festivas que normalmente se iniciava por volta das 18 horas e finalizava por volta das 2 horas da madrugada, nos proporcionou uma observação mais minuciosa sobre os fluxos de pessoas nas festas e sobre a organização dos espaços festivos.

Entrevistas semi-estruturadas também foram feitas com alguns moradores que residem nos bairros periféricos da cidade a fim de entender a relação dos mesmos

com a festa. Além dos moradores e freqüentadores das festas, entrevistamos ainda os representantes dos poderes públicos, a exemplo da então prefeita da cidade, Rosalba Ciarlini e do Secretário de Cultura do município, que é também o organizador das festas na cidade, a fim de saber o que tem movido os investimentos na dinâmica festiva em Mossoró. Fizemos entrevistas ainda com os atores que participam das peças teatrais que são apresentadas ao longo das festas, com os mesmos conversamos também sobre a relação da cultura com a cidade.

Ao longo desses dois anos realizamos pesquisas documentais, nos jornais da cidade, principalmente nos períodos de festas. Durante esse período, buscamos informações no jornal local mais antigo: O Mossoroense, que foi concebido em 1872 pelas elites da cidade. Neste jornal buscamos fragmentos das festas, sobretudo nos períodos compreendidos entre 1872 e 1930, embora pouco tenhamos encontrado, especialmente no que se refere às festas juninas. Esses fragmentos das festas também foram buscados através das entrevistas feitas com os moradores mais idosos da cidade.

Durante as pesquisas de campo, colhemos inúmeros panfletos, boletins, cartazes, *folders* da programação das festas, tanto oficiais como aquelas que ocorrem nos bairros, como é o caso da Festa junina do bairro Doze Anos. Pesquisamos ainda no *site* da Prefeitura de Mossoró, inclusive algumas das imagens utilizadas para ilustrar as festas organizadas pela Prefeitura foram extraídas do mesmo, pois as fotos que realizamos ao longo da pesquisa não apresentaram uma boa resolução.

Além das pesquisas nas festas acompanhamos as mudanças sócio-espaciais na cidade e os impactos desse processo nas formas de uso dos espaços. O distanciamento em que nos encontrávamos ao longo do doutorado dificultava um acompanhamento mais cotidiano desses aspectos, por isso contamos com a ajuda de informações de amigos que sempre estavam dispostos a fornecer notícias da “cidade da festa”.

¹ Essa compreensão de festa tem como base as referências contidas nas reflexões apresentadas por Di Méo (2001) e Guarinello (2001) sobre o fenômeno festivo.

Aprendemos muito com esse percurso teórico e metodológico feito “pelo meio da festa e pelas margens da cidade”. Dele derivou muitas inquietações, muitas dúvidas, mas também alguns caminhos para pensar sobre a relação das festas com a cidade em Mossoró, especialmente seu papel na demarcação das diferenças locais frente ao mercado global, bem como os impactos desse processo na dinâmica sócio-espacial da cidade e no fortalecimento e legitimação das elites políticas locais.

Para pensar sobre essa questão organizamos o trabalho em cinco capítulos. No primeiro elaboramos uma reflexão sobre a festa e os diferentes olhares que têm sido lançados sobre ela, sobretudo no que se refere ao seu papel no processo de produção de uma identidade, inclusive territorial. Neste mesmo capítulo desenvolvemos uma reflexão sobre a identidade, a fim de tentar entender os elementos que circundam esta temática, bem como a sua relação com o território.

O segundo capítulo é uma tentativa de compreender a relação entre festa, cidade e identidade. Para tanto, resgatamos brevemente o papel da festa na dinâmica das cidades brasileiras, especialmente no início do século XIX, período em que se concentram mais reflexões nessa direção. Em seguida discutimos o processo de espetacularização que as festas têm vivenciado na cidade, tentando entender os elementos que têm influenciado nesse formato que a festa tem assumido.

Nesse percurso, tentamos situar os diferentes planejamentos que têm norteado a organização sócio-espacial das cidades, e, de modo específico, aquele que os autores têm denominado Estratégico. Esta forma de planejamento vem sendo orientada, sobretudo, a partir de projetos urbanísticos em “substituição” aos planejamentos urbanos e tem a cultura como um dos elementos de orientação.

No terceiro capítulo apresentamos a dinâmica sócio-espacial que vem historicamente se instalando em Mossoró, cidade localizada no oeste do Rio Grande do Norte, entre o sertão e o litoral, lugar de onde partimos para pensar as questões que orientam o presente trabalho. Neste momento, tentamos situar o papel da festa ao longo da história da cidade e discutir a (re)estruturação sócio-espacial que a área central da

cidade vem vivenciando na última década, destacando os entrelaçamentos entre esses dois processos.

Caminhando ao encontro das festas, chegamos ao quarto momento do trabalho, no qual fazemos uma descrição e análise das festas em Mossoró. Neste capítulo intitulado “As trilhas das festas na Cidade”, descrevemos os diferentes cenários encontrados nas festas de São João, no Auto da Liberdade e na Festa de Santa Luzia em Mossoró. A partir dessa descrição situamos cada uma dessas festas na história da cidade e o lugar que as mesmas vêm ocupando na dinâmica local. Essa descrição, no caso do São João, se estendeu também a algumas festas alternativas que ocorreram no mesmo período da festa organizada pelo poder público. O contato com essas festas alternativas, embora consideradas tradicionais, pela maioria dos moradores, foi fundamental, pois nos colocou diante das tensões que envolvem as festas na cidade.

“Tensões, mediações e ambigüidades” foi o tema do quinto capítulo deste trabalho. Neste, elaboramos uma discussão em torno da festa e do espetáculo, as diferenças e mediações que envolvem essas duas manifestações sociais e seus reflexos nas *formas de organização, no tempo enquanto ritmo e nas sociabilidades sócio-espaciais* que envolvem a festa. Essas discussões foram permeadas ainda pelas tensões que envolvem essas duas manifestações sociais – festa e espetáculo-, na cidade. Essas tensões nos colocaram diante dos diferentes olhares sobre esses processos na cidade, nos levando a discutir o projeto de cidade que está em jogo em Mossoró.

CAPITULO 1 - FESTA E IDENTIDADE: UM CAMINHO EM BUSCA DA DIFERENÇA

A festa tem ocupado um lugar significativo na cultura brasileira, através da mesma são (re) atualizadas, ritualizadas e celebradas as experiências sociais. Ela é capaz de gerar produtos tanto materiais quanto simbólicos, representando desse modo, uma das formas de produção de identidade. Esta característica tem contribuído para que a festa se destaque nesse momento histórico da sociedade, onde juntamente com a homogeneização global há também conforme Hall (2003), uma fascinação com a diferença e com a possibilidade de sua mercantilização.

Contudo, afirmar que a festa produz identidade não esgota outras apropriações e funções que ela congrega. Para desvelar essas possibilidades faz-se necessário uma melhor compreensão da própria festa, de seus sentidos e significados, de suas diferenças e peculiaridades. Muitos desses sentidos já foram “desvendados” por meio dos diferentes olhares que foram projetadas sobre elas, outros necessitam serem pensados, depurados, sobretudo nesse momento histórico no qual elas apresentam um elemento novo, qual seja, a sua mercantilização e espetacularização.

Na geografia o debate sobre festa vem ganhando relevância na medida em que a cultura vem se impondo como elemento para pensar o espaço, embora para Di Méo (2001) poucos são os geógrafos que vêm se debruçando sobre a festa e seus espaços. No resgate feito por ele são apontados Claval (1981, 1995); Fremont, Hérin, Chemalier e Renard (1984); Rieucou (1998) como alguns geógrafos que vem se detendo nessa temática.

Os trabalhos desses autores, segundo Di Méo, tem privilegiado, sobretudo, o papel que as festas representam na construção e no reforço das identidades locais, na sacralização ou a resacralização dos lugares pela qual as cerimônias que acompanham a festa exaltam o imaginário social. Nessas reflexões esses autores descrevem de que maneira a festa exprime uma espécie de um “nós” territorializado.

No âmbito da Geografia brasileira é possível sinalizar alguns trabalhos que privilegiam essa temática, a exemplo das reflexões elaboradas por Seabra (2002). Os trabalhos de Maia (1999); Ferreira (2003) e Nóbrega (2001, 2003) também trazem elementos para pensar as questões que circundam o universo das festas. Cada um desses autores de forma diferenciada, apresenta alguns elementos que nos aproxima da temática, embora, foi sobretudo o trabalho de Di Méo que nos aproximou da relação entre Festa e Identidade na Geografia.

Todas essas abordagens são recentes e expressam a necessidade de refletir sobre a importância da dinâmica espacial da cultura, especialmente das cidades, onde a mesma tem sido utilizada para orientar a implementação de políticas urbanas, como é o caso de Mossoró.

Essa importância que a cultura e, especificamente, a festa tem adquirido no âmbito das reflexões geográficas tem uma relação com o papel que ela tem adquirido na dinâmica social, seja como forma de recurso, na medida em que se coloca como um dos elementos apropriados no processo de produção e de reprodução do capital, seja como elemento de resistência e sobrevivência frente à homogeneização global. A festa, nesse contexto, representa um elemento estratégico, pois ao mesmo tempo em que vem sendo utilizada para dinamizar a economia de alguns setores sociais das cidades tem sido apropriada também para demarcar as diferenças locais frente a dinâmica global e ainda para solidificar as relações no âmbito do território, colocando-se assim, como uma das formas de construção da unidade e de regulação dos conflitos.

A festa, nessa perspectiva, permite diferentes apropriações. Assim, nesse capítulo, tentaremos caminhar na direção de uma melhor compreensão dessas possibilidades que a festa apresenta.

1.1 - Festa, Festas: (re) cortando olhares.

Na busca por compreender os sentidos e os significados que as festas apresentam os autores têm percorrido caminhos substancialmente diferentes. Para Seabra (2002), por exemplo, há, certamente, muitas indagações a serem feitas sobre a festa como fenômeno histórico, social e político. Essa mesma preocupação está presente nas considerações de Del Priore (2000) quando destaca que a festa, tanto no passado, como no presente, tem sido mais descrita que explicada. Ao se posicionar frente a essa trajetória interpretativa da festa, Guarinello (2001) argumenta que:

(...) festa não é um termo neutro, mas o centro de uma polêmica; sua definição mexe conosco, com nossos valores, com nossa visão de mundo. A própria visão de festa é assim, o palco no qual se defrontam diferentes interpretações do viver em sociedade. Os cientistas sociais vêm tentando, ao menos desde Durkheim, reduzir a ambigüidade característica do termo, mas suas tentativas de definição carecem, igualmente, da abrangência e capacidade generalizante necessárias para transformar festa num conceito. Adotam comumente uma concepção implícita do que seja festa a partir de casos particulares de festas ou de aspectos de certas festas que tentam, depois, generalizar (p. 970).

Nas reflexões de Mary Del Priore (2001), por exemplo, existe uma preocupação em discutir a origem das festas. Para tanto, a autora retoma o período colonial e argumenta que a periodicidade da produção agrícola induziu o homem em determinadas épocas de semeadura e colheita a congregar a comunidade para celebrar, agradecer ou pedir proteção. A repetição dos ciclos agrícolas, identificadas com a reunião de grupos sociais, acabou por dar à festa uma função comemorativa. Assim, segundo a autora:

As festas nasceram das formas de culto externo, tributado geralmente a uma divindade protetora das plantações, realizado em determinados tempos locais. Mas com o advento do cristianismo, tais solenidades receberam nova roupagem: a igreja determinou dias que fossem dedicados ao culto divino, considerando-os dias de festa, os quais formavam em seu conjunto o ano eclesiástico. Essas festas são distribuídas em dois grupos distintos: as festas do Senhor (Paixão de Cristo e demais episódios de sua vida) e os dias comemorativos dos santos (apóstolos,

pontífices, virgens, mártires, Virgem Maria e padroeiros) Nos intervalos das grandes festas religiosas, eram realizadas outras menores aos domingos, por isso chamadas “Domingas” (Del Priore, 2000, p. 13).

Prosseguindo em sua reflexão, a autora retoma Câmara Cascudo e argumenta que a marca do travestimento imposta pela igreja foi por muito tempo perceptível. O chamado “Mês de Maria” procurava substituir as festas de Afrodite nas quais os portugueses penduravam “giestas à porta” para comemorar a fartura e o culto do reflorescimento da terra.

Essa aproximação entre festa e religião está presente nas considerações de Durkheim (2003), um dos primeiros estudiosos a tentar interpretar os ritos representativos e as recreações coletivas, ambas, para ele, muito próximas. Nesse sentido argumenta que.

(...) a idéia mesma de uma cerimônia religiosa de certa importância desperta naturalmente a idéia de festa. Inversamente, toda festa, mesmo que puramente leiga por suas origens, tem certos traços da cerimônia religiosa, pois sempre tem por efeito aproximar os indivíduos, por em movimento as massas e suscitar, assim, um estado de efervescência, as vezes de delírio, que não deixa de ter um parentesco com o estado religioso (p. 417).

Embora nas reflexões de Durkheim os rituais festivos lembrem sempre cerimônias religiosas ele foi ao mesmo tempo, o primeiro a reconhecer o caráter libertador das festas, sejam elas religiosas ou não, pois estas “fazem os homens esquecerem o mundo real, transportando-os a um outro em que sua imaginação está mais à vontade. Elas distraem. Têm inclusive o aspecto exterior de uma recreação: os assistentes riem e se divertem abertamente” (Durkheim, 2003, p. 414).

Ao mesmo tempo em que libertam, os ritos comemorativos também celebram a unidade, pois conforme Durkheim (2003, p. 409), através deles, “o grupo reanima periodicamente o sentimento que tem de si mesmo e de sua unidade; ao mesmo tempo, os indivíduos são revigorados em sua natureza de seres sociais”. As gloriosas

lembranças que fazem reviver diante de seus olhos e das quais eles se sentem solidários, doa-lhes uma impressão de força e de confiança.

O caráter libertador da festa também é encontrado em Duvignaud (1983), um dos autores que mais “radicaliza” a idéia de festa, vendo nela não um modo de reafirmação da ordem social vigente, mas de subversão e transgressão. Nessa direção argumenta que:

(...) Quando dizemos que a festa é uma forma de transgressão das normas estabelecidas, referimos-nos ao mecanismo que, com efeito, abala estas normas e, muitas vezes, desagrega-as. (...) a transgressão, por ser estranha às normas e regras e, não explicitando a intenção de violá-las, é, por isso, mais forte” (p. 223).

Esse caráter de ruptura, transgressão e destruição atribuída à festa por Duvignaud, é segundo ele, uma das formas da cultura continuar existindo, pois “nenhuma cultura existe sem tal destruição e nenhuma destruição se define sem os referenciais de uma cultura. A festa nos lembra o que se deve demolir para continuar existindo (...)” (p.233) . No entanto, para o mesmo, a compreensão da festa como algo saudável tem sido prejudicada pela idéia de funcionalidade, ficando a sua dinâmica reduzida a lógica da utilidade.

Essa perspectiva da utilidade da festa é discutida pela maioria dos autores, seja para negá-la, seja para reafirmá-la. É o caso de Baktin (2002), que a partir da obra de Rabelais, discute as festas na idade média, e, nesse momento, discorda daqueles que explicam as festas como um produto das condições e finalidades práticas do trabalho coletivo ou como um produto da necessidade biológica (fisiológica) do descanso periódico. Para ele, as festas tiveram sempre um sentido profundo, exprimindo uma concepção de mundo, vinculando-se ao mundo das idéias e dos ideais. Nesse sentido, refere-se às festividades como uma *forma primordial*, marcante, da civilização humana.

Para Amaral (2001), essa busca de utilidade para a festa está vinculada a idéia de que a humanidade precisa da "vida séria", pois sabe que sem isso a sociedade se

tornaria impossível. Disto resulta que a festa deixa de ser "inútil" e passa a ter uma "função", pois ao fim de cada cerimônia, de cada festa, os indivíduos voltariam à "vida séria" com mais coragem e disposição. Para fortalecer sua argumentação retoma Huizinga e acrescenta:

A festa (como o ritual) reabasteceria a sociedade de "energia", de disposição para continuar. Ou pela resignação, ao perceber que o caos se instauraria sem as regras sociais, ou pela esperança de que um dia, finalmente, o mundo será livre (como a festa pretende ser durante seu tempo de duração) das amarras que as regras sociais impõem aos indivíduos (Huizinga apud Amaral, 2001, p. 27-28).

Essa lógica da utilidade discutida pelos autores parece se reforçar nesse momento histórico em que o processo de estetização e mercantilização que vem sendo vivenciado pela cultura tem resultado na utilização da festa como uma das formas de demarcação das diferenças locais, para tanto, a mesma vem sendo submetida a um processo de espetacularização. Nessa direção, Seabra argumenta que cada vez mais a festa vem sendo progressivamente separada da vida cotidiana e vem adquirindo foro de função especializada.

Ao fazer considerações nessa direção, Calvo (1991), complexifica a questão ao argumentar que as funções atribuídas a festas não podem estar explícitas ou manifestas, pois isso poderá desvirtuar a espontaneidade expressiva da festa. Ela deve ser sempre executada pela única razão de poder estar vivendo-a e revivendo-a, sem segundas intenções.

Todavia, Calvo argumenta ao mesmo tempo, que embora a festa não careça de funções manifestas e explícitas, isso não impede que contenha algumas funções tácitas latentes, às vezes ignoradas e desconhecidas, quando não secretas e ocultas. Dentre essas funções está o poder de impressionar intensamente os sujeitos a ela, seja como executante protagonista, seja como público presente e participante, para tanto, a festa, como interpretação musical ou teatral, há de ser experimentada, há de tirar os

espectadores de suas casas, transfigurando-os em espontâneas vítimas do entusiasmo coletivo.

É nesse sentido que Di Méo (2001) sugere que a festa através dos exageros e até mesmo da caricatura, desvela os objetivos espaciais e territoriais de natureza social que embora estejam presentes todos os dias, não surgem forçosamente na vida cotidiana. Nesse aspecto, ela confere ao território uma legibilidade clara e exemplar, uma espécie de transparência. Contudo, ele adverte que esta última pode, entretanto, ser enganosa e visar a dominação dos mais fracos pelos os mais fortes.

Assim, para Di Méo, a festa se inscreve sempre nas lógicas sociais do momento, em uma atualidade intensa e exclusiva. Ela entra, portanto, num processo de fabricação permanente das relações espaciais e territoriais, participando, assim, de uma vontade ideológica e política. É nesse processo que a festa coloca o acento sobre a unidade e sobre a identidade do grupo, representando, sem dúvida, uma instituição social de regulação e de gestão de conflitos. “Ela preenche uma função de expressão, de afirmação, de desfocamento, marcada por uma desordem passageira da ordem social para a melhor reconstrução em seguida” (Rieucan *apud* Di Meo, 2001, p. 28).

Unidade e identidade também são destacadas nas reflexões que Guarinello (2001) elabora sobre festa, nas quais sugere que:

A festa é uma produção do cotidiano, uma ação coletiva, que se dá num tempo e lugar definido e especial, implicando a concentração de afetos e emoções em torno de um objeto que é celebrado e comemorado e cujo produto principal é a simbolização da unidade dos participantes na esfera de uma determinada identidade. Festa é um ponto de confluência das ações sociais cujo fim é a própria reunião ativa de seus participantes (p. 972).

Contudo, afirmar “que a festa produz identidade não significa afirmar que produza, necessariamente, consenso, embora, os referenciais que são ritualizados tendem, na maioria dos casos, para o fortalecimento das relações de poder hegemônicas. Todavia, a festa é produto da realidade social e, como tal, expressa ativamente essa

realidade, seus conflitos, suas tensões, suas cesuras, ao mesmo tempo em que atua sobre eles”. (Guarinello, 2001, p. 972).

Nesse sentido, Ferreira (2003) propõe que a festa seja apreendida como uma luta pelo poder que se define através da conceituação do espaço festivo. Assim, “festejar será, então, dominar o discurso que define este ou aquele espaço como festivo” (p. 9). Determinar e manter este espaço através das práticas associadas à festa, será uma tarefa exercida tanto pelo grupo que detém o poder sobre o evento, quanto por aquele que, necessariamente, disputa este poder. “Um poder que precisa ser desafiado constantemente na medida em que ter o poder simbólico sobre o espaço pressupõe uma constante luta pela posse dos seus limites (...)” (Ferreira, 2003, p. 10).

Essas reflexões nos conduzem a perceber a festa como um espaço das múltiplas territorialidades, onde os diferentes sujeitos lutam para delimitar seu espaço na festa, tanto do ponto de vista simbólico, quanto material. O sentido de territorialidade aqui referenciado não se limita a uma simples ligação com o espaço, pois concebê-la dessa forma seria, nas palavras de Raffestin (1993, p. 161) “fazer renascer um determinismo sem interesse”. Nessa perspectiva, a territorialidade é sempre uma relação, mesmo que diferenciada, com outros sujeitos sociais. O referido autor acrescenta ainda que:

Cada sistema territorial segrega sua própria territorialidade, que os indivíduos e as sociedades vivem. A territorialidade se manifesta em todas as escalas espaciais e sociais; ela é consubstancial a todas as relações e seria possível dizer que, de certa forma, é a ‘face vivida’ da ‘face agida’ do poder (p.161) .

Esse poder que perpassa as territorialidades se expressa nos processos de disputa do espaço que definem o fato festivo, bem como, na memória da festa. Nesse sentido, Ferreira (2003) retoma Bercé para argumentar que “as festas não são produtos de uma transmissão contínua ligadas a uma filiação “milena”. Ao contrário, os eventos festivos mostram longos períodos de obliteração e recomeços, de nascimentos, empobrecimentos, rupturas e esquecimentos” (p.11).

A manipulação deste processo de memória e esquecimento, segundo Ferreira, será determinante na luta pelo poder da festa. Deste modo, a tensão que define a festa pode ser entendida como um conflito pela hegemonia das representações, realizada através de qualificações e desqualificações, de lembranças e esquecimentos, de enfrentamentos, enfim, que determinam e são determinados pelo espaço festivo.

A festa, partindo dessas abordagens que não têm a pretensão de esgotar a reflexão existente sobre a temática apresenta um caráter sagrado e ao mesmo tempo libertador (Durkheim, 2003), mesmo que em alguns casos esta característica sagrada, esteja relacionada sobretudo com as influências exercidas pela igreja (Del Priore, 2000). A festa apresenta um caráter celebrativo e tem o poder de impressionar intensamente os que estão sujeitos a ela, seja como público executante protagonista, seja como público presente e participante (Calvo, 1991).

A festa coloca o acento sobre a unidade (Durkheim, 2003) e a identidade do grupo, nesse processo, é sem dúvida, antes de tudo, uma instituição social de regulação e de gestão de conflitos (Di Méo, 2001, Guarinello, 2001). Contudo, ao mesmo tempo em que congrega o poder de regulação, contém também o poder de subversão (Duvignaud, 1983). Nesse sentido, afirmar que a festa produz identidade não significa afirmar que não produza, necessariamente, conflitos, pois a festa é produto da realidade social e, como tal, expressa ativamente essa realidade, suas lutas e suas tensões.

Assim, a festa é um espaço de múltiplas territorialidades, onde a tensão que define o espaço festivo pode ser entendida como um conflito pela hegemonia das representações, realizada através de qualificações e desqualificações, de lembranças e esquecimentos, de enfrentamentos, enfim, que determinam e são determinados pelo espaço festivo (Ferreira, 2003).

Essas possibilidades interpretativas nos conduzem a pensar que a festa é o espaço que congrega ao mesmo tempo, o sagrado e o profano, o conflito e a unidade, o consenso e a tensão, a regulação e o caráter libertador, a identidade e a diferença. Esses

elementos, contudo, se apresentam com maior ou menor intensidade dependendo do contexto em que as festas são realizadas.

Em se tratando desse momento histórico da sociedade, e em especial das festas que vêm ocorrendo em Mossoró, é possível apontar duas tendências diferentes que poderão ser percebidas com maior profundidade nos capítulos posteriores. A primeira está relacionada com as festas que vêm sendo organizadas pelo poder público, especialmente as festas juninas e os festejos cívicos realizadas na cidade. Nestas, percebemos que o caráter regulador da festa tem superado sua possibilidade subversiva, que a construção da unidade territorial tem pairado sobre os conflitos identitários e que o caráter profano, especialmente no que se refere aos festejos juninos se apresenta com maior intensidade do que o sagrado. A tensão, embora esteja presente nas duas formas de festejar, é o consenso que ainda permanece, sobretudo no que se refere aos festejos do Auto da Liberdade.

Assim, nas festas que são organizadas pelo poder público, há uma predominância maior da dimensão do concebido, que segundo Lefebvre (1986) corresponde as representações do espaço e está relacionado as relações de produção da “ordem” que incluem os conhecimentos, os signos, os códigos espaciais e que representam um misto de ideologias e conhecimentos. As representações do espaço, segundo Lefebvre personificam o espaço do progresso, isto é, o espaço concebido: aquele dos sábios, dos planejadores, dos urbanistas, dos tecnocratas e de certos artistas. Essa dimensão do concebido tem sido reforçada pelas imagens espetaculares que tem se sobreposto às experiências sociais.

Já no que refere as festas juninas que ocorrem nos bairros da cidade, percebemos outras tendências. Nestas, há uma predominância maior da dimensão do vivido, entendido por Lefebvre (1986, 1983) como o espaço das representações, que está relacionado com o espaço dos “habitantes”, dos “usuários”. Estes espaços têm uma dimensão mais afetiva, contém os lugares da paixão e da ação e são essencialmente qualitativos, relacionais, diferenciais.

Ao elaborar essa interpretação não estamos propondo uma oposição das festas vividas em relação as festas concebidas, pois como bem argumenta Lefebvre (1983) entre os espaços de representação e as representações do espaço, ou seja, entre a vivência e o concebido, não há corte, nem ruptura, não há quebra, pois o movimento dialético entre essas duas dimensões do espaço nunca cessa, pois a “vivencia se enche de representações, porém se livra delas, posto que é ela mesma que se representa” (...) (p.70). Enquanto que o concebido, não só incluem os conceitos teóricos, mas também as ideologias “trabalhadas” em função de um objetivo estratégico.

Essas duas formas de festejar produzem, (re)significam e afirmam identidades territoriais, embora uma delas mais ligada ao domínio estratégico-funcional do espaço pelo poder econômico e político, sendo construída através das representações do espaço, e a outra mais ligada a uma apropriação simbólico-expressiva, tendo mais como referencial a subjetividade e a experiência do espaço vivido, ou seja, dos espaços de representação (Cruz, 2006)

Partindo dessas considerações podemos verificar que as construções identitárias assumem configurações diferenciais, umas assentadas predominantemente no vivido e outras no concebido. Desse modo, podemos ter dois “tipos ideais” de configurações das identidades territoriais que só é possível separar analiticamente, considerando que empiricamente estão imbricadas numa espécie de *continuum* que vai da identidade que se ancora predominantemente no “vivido” até aquela que se pauta no “concebido” (Cruz, 2006, p.44).

Essas distintas configurações não implicam no julgamento da autenticidade ou não das identidades e, portanto, não cabe uma classificação que estabeleça tipologias tais como verdadeiras ou falsas. Pois o que realmente interessa é a performance e a eficácia das suas representações, sua capacidade de criar consensos, mobilização e ação (Cruz, 2006, p.45).

Assim, as identidades produzidas e (re) significadas com uma maior predominância das representações do espaço, ou seja, do concebido tendem a afirmar as identidades hegemônicas, sendo uma das formas comumente usadas para diferenciar as

cidades no mercado global. É o caso da cidade de Mossoró, onde as festas têm sido utilizadas como uma das formas de (re) significação e afirmação da identidade local.

Para compreendermos melhor essa relação da festa com a identidade, tentaremos nos aproximar dos elementos que vem compondo as reflexões sobre identidade e sua relação com o espaço e a festa.

1.2 - Espaço, Festa e Identidade.

Reforçando as identidades locais ou diluindo-as, o processo de globalização tem colocado em evidência a temática identitária, seja, como forma de se diferenciar frente a um mercado global, pois a diversidade vende, como bem coloca Robertson (2000), seja como forma de garantir o direito à diferença, o que em alguns casos, é garantia de sobrevivência.

Nessa direção, Woodward (2004) observa que o processo de globalização tem produzido diferentes resultados em termos de identidade, pois, se por um lado, “a homogeneidade cultural promovida pelo mercado global pode levar ao distanciamento da identidade relativamente à comunidade e à cultura local”, por outro, “de forma alternativa, pode levar a uma resistência que pode fortalecer e reafirmar algumas identidades nacionais e locais” (p. 21).

É nesse contexto que Costa (2001, p. 1) sugere que as experiências que vêm sendo vivenciadas pela sociedade na contemporaneidade poderiam se designar por um “paradoxo das identidades culturais em contexto de globalização”. Segundo ele estar-se-ia perante um paradoxo porque, à medida que os processos contemporâneos de globalização se intensificam e se alargam, envolvendo poderosíssimas dinâmicas de interligação e intercâmbio, de comunicação e difusão em termos mundiais, “as identidades culturais diferenciadas, específicas, fragmentadas, ou mesmo marcadamente particularistas, em vez de se esbaterem ou desintegrarem, parecem tender a proliferar, a multiplicar-se e a acentuar-se” (p.1).

Prosseguindo em sua reflexão, Costa (2001) argumenta que vivemos algo novo em termos sociais, que é a existência de múltiplas referências culturais, em regime de entrecruzamento e sobreposição. Esse processo tem ocorrido num quadro de relacionamento social em que se tornou valor de referência a pretensão de assegurar essa coexistência segundo uma ética da universalidade de direitos e dignidade e, portanto, de reconhecimento das diferenças. Esta configuração de padrões valorativos e regras de relacionamento humano não tem nada de estabilizado ou incontroverso. Pelo contrário, é uma configuração emergente e contraditória.

Tendo em vista a emergência que a identidade e conseqüentemente a diferença vem assumindo, sobretudo nesse momento histórico da sociedade, se faz necessário entender um pouco do debate que hoje circunda esses conceitos. Nas suas reflexões Hall (2004) chama atenção para explosão discursiva acerca da identidade, bem como as severas críticas que têm sido feitas em torno desse conceito. Ao se posicionar frente a essas críticas, que em alguns casos, coloca o conceito “sob rasura”, Hall argumenta que a linha que o cancela, paradoxalmente, permite que continue sendo lido.

Assim, “a identidade é um desses conceitos que operam ‘sob rasura’, no intervalo entre a inversão e a emergência: uma idéia que não pode ser pensada de forma antiga, mas sem a qual certas questões-chave não podem ser sequer pensadas” (Hall, 2004, p. 104). Ao falar da diferença Silva (2004) destaca que a afirmação da mesma só faz sentido se compreendida em sua relação com a identidade. Desse modo, “a identidade e a diferença são vistas como mutuamente determinadas”. (p. 76). O referido autor acrescenta ainda que:

(...) a afirmação da identidade e a marcação da diferença implicam, sempre, as operações de incluir e de excluir, onde dizer “o que somos” significa também dizer “o que não somos”. A identidade e a diferença se traduzem, assim em declarações sobre quem pertence e sobre quem não pertence, quem está incluído e quem está excluído (p.82).

Silva ressalta ainda que esse processo tem que ser ativamente produzido, pois a identidade e a diferença não são criaturas do mundo natural ou de um mundo transcendental, mas do mundo cultural e social, somos nós que as fabricamos, no âmbito das relações de poder. Neste sentido, Haesbaert (1999) argumenta que uma das características da identidade está na relação de semelhança ou de igualdade, sendo este, talvez, seu maior paradoxo: “encontrar a igualdade num ‘objeto’ ou ‘pessoa’, ou seja, defini-la a partir de características que revelem sua totalidade, na sua ‘inteireza’, encontrar um significado, um sentido geral e comum” (p. 173).

Essa busca do igual, do idêntico, pode ser trocada pela busca do “verdadeiro”, do “autêntico”, como se a verdade fosse uma e indivisível (Haesbaert, 1999). Mas é possível pensar uma unidade, um sentido comum, que seja capaz de subtrair as diferenças?

Considerando que a identidade é uma relação social e sua definição está sujeita a vetores de força, é possível dizer que “elas não são simplesmente definidas, mas impostas. Elas não convivem lado a lado, sem hierarquias; elas são disputadas.” (Silva, 2004, p. 81). Nessa direção, são valiosas as contribuições de Hall ao argumentar que as identidades:

Emergem no interior do jogo de modalidade de poder e são, assim, mais o produto da marcação da diferença e da exclusão do que signo de uma identidade idêntica, naturalmente constituída, de uma “identidade” em seu significado tradicional- isto é, uma mesmidade que tudo inclui, uma identidade sem costuras, inteiriça, sem diferenciação interna (2004, p. 109).

A concepção de identidade apontada por Hall não é portanto essencialista, mas estratégico e posicional. Ele aceita que as identidades “jamais sejam unificadas e, nos últimos tempos da modernidade, cada vez mais fragmentadas e fraturadas; jamais singulares, mas construídas multiplamente através de diferentes discursos, práticas e posições, com frequência, interligadas e antagônicas” (Hall, 2004). Acrescenta ainda que a unidade, a homogeneidade interna, à qual o termo identidade trata como fundamental não é uma forma de fechamento natural, mas construído.

Essas reflexões nos conduzem a pensar que as identidades são relacionalmente construídas. Como construção relacional à identidade supera posições essencialistas. Nessa perspectiva, a construção é *tanto* simbólica *quanto* social (Woodward 2004, p. 10). Esse reconhecimento pode levar à renegociação das identidades, pois reformular o modo por meio do qual se representa a identidade é também uma ação política. Compreendida dessa forma, a identidade é construída com base nas representações, nos discursos, nos sistemas de classificações simbólicas.

É nesse sentido que Canclini (2005) afirma que a identidade é uma construção que se narra, sendo estabelecidos a partir de acontecimentos fundadores, quase sempre relacionados à apropriação de um território por um povo ou à independência obtida através do enfrentamento dos estrangeiros. Nesse processo vão se somando as façanhas em que os habitantes defendem esse território, ordenam seus conflitos e estabelecem os modos legítimos de convivência, a fim de se diferenciarem dos outros.

Nesse contexto das representações identitárias, a festa assume um papel estratégico, pois através dela são (re) elaborados os símbolos e tradições e reafirmada as diferenças locais. Nesse sentido são elucidativas as considerações de Guarinello (2001):

A festa é uma produção social que pode gerar vários produtos, tanto materiais como comunicativos ou, simplesmente, significativos. O mais crucial e mais geral desses produtos, é precisamente, a produção de uma determinada identidade entre os participantes, ou, antes, a concretização efetivamente sensorial de uma determinada identidade que é dada pelo compartilhamento do símbolo que é comemorado e que, portanto, se inscreve na memória coletiva como um afeto coletivo, como a junção dos afetos e expectativas individuais, como um ponto em comum que define a unidade dos participantes. A festa é, num sentido bem amplo, a produção de memória e, portanto, de identidade no tempo e no espaço social (p. 972).

Essa relação entre festa e identidade também é encontrada nas reflexões elaboradas por Di Méo (2001), como já apontamos no tópico anterior. Segundo este a festa faz incontestavelmente parte dos meios que os homens mobilizam para forçar as

identidades a nível sócio-geográfico, pois seu significado profundo, suas manifestações, a liturgia de seu desenvolvimento, os discursos ou os mitos, mantêm a festa trabalhando de perto ou de longe a unidade e a identidade social, visto que uma coletividade se define vendo a alternativa que lhes opõem as coletividades que lhes estão em volta.

Desse modo, para Di Méo, a identidade se apresenta como um edifício imaginário, uma representação. Para perdurar e se reproduzir a identidade necessita o recurso à memória social, ao jogo simbólico, às cerimônias comemorativas e às festas, aos discursos históricos e mitológicos, à repetição das práticas e dos comportamentos rotineiros do cotidiano. Assim, a festa, é do ponto de vista da geografia, uma oportunidade de primeira ordem para compreender a natureza do laço territorial, pois ela permite:

(...) perceber os signos espacializados pelos quais os grupos sociais se identificam a contextos geográficos específicos que fortificam sua singularidade. A festa possui com efeito a capacidade de produzir símbolos territoriais cujo o uso social se prolonga bem além de sua duração. Esta simbólica festiva une e qualifica lugares (...) (2001, p. 1-2).

As reflexões de Di Méo apontam para um olhar mais geográfico sobre a festa, pois trazem para o cenário de debates, a relação entre festa e território, nos colocando diante de uma abordagem na qual a dimensão espacial sobre o fenômeno festivo é privilegiada. Nessas reflexões são colocadas em cena as diferentes festas do universo europeu como é o caso das festas paroquiais dos camponeses russos. A importância dessas festas para os paroquianos, segundo Di Méo, era tão grande que elas eram comparadas às festas mais caras do povo russo, como Páscoa, Natal ou Pentecostes” (Toultseva *apud* Di Méo, 2001). Nesta ocasião as festas eram organizadas em pleno ar livre perto da igreja paroquial. Elas expunham a unidade da comunidade e as famílias que não participavam destas festas coletivas eram reprovadas socialmente.

Em certas ocasiões a organização das festas vai até fechar as sociedades em si mesmas. Assim dentro da província basca de La Soule, Vasca, pastorais e mascarados

constituem espetáculos complexos. Eles misturam teatro, canções, danças e desfiles, e depois de vinte anos estão vivenciando uma estonteante renovação, onde a cada ano uma comunidade prepara o pastoreio para o conjunto do vale, depois a representa para todos em seu próprio território.

No Ocidente na época moderna as grandes procissões gerais constituíam espetáculos onde os habitantes representavam, ao mesmo tempo, atores e expectadores. Eles demonstravam aos estrangeiros de passagem, a pujança, a grandeza, a felicidade da sua pátria. Através de seus desfiles, eles veneravam suas cidades (Bercé *apud* Di Méo, 2001). Esses desfiles e os rejúbilos que os acompanhavam aumentavam a coesão comunal. Eles criavam uma identidade urbana “forte” (grifo nosso).

As festas, historicamente têm afirmado não somente identidades hegemônicas, como os casos relatados por Di Méo, mas também identidades subalternizadas. É o caso das festas negras que são retratadas por Reis (2001) na América Portuguesa. Ele destaca que a festa foi referência básica de identidade étnica e também escrava para os negros, pois era na festa que eles exerciam a liberdade de afirmar suas diferenças. A festa, desse modo, reafirmava ritualmente a separação entre as nações africanas, seguindo o costume estabelecido em várias regiões e em várias épocas do Brasil escravocrata. Ela também unia, ajudava a consolidar a solidariedade no seio de cada nação e podia até promover alianças interétnicas (Reis, 2001).

Era também na festa, segundo Souza (2001), que os reis negros eleitos pelas comunidades de africanos na América Portuguesa assumiam maior visibilidade, pois paralelamente às funções atribuídas aos reis, eles eram símbolos importantes na construção de uma identidade da comunidade negra no Brasil, que, ao mesmo tempo em que afirmava seu catolicismo, estreitava laços com um passado que unia a todos e que remetia África natal. O rei Congo reverenciado na festa representava uma africanidade comum a todos, independentemente das origens étnicas particulares a cada um.

Essas festas, contudo, não era resultado de uma concessão livre. Segundo Reis (2001) o direito a festa era resultado da pressão escrava – ou, para ser mais

equilibrado, do engano ou da negociação. Embora, para Reis, diante do cura não há engano, ou negociação, há confronto.

Encontraremos essa relação da festa com a identidade na dinâmica festiva que analisaremos na cidade de Mossoró, onde estas têm sido utilizadas para demarcar a diferença local e, portanto, hegemônica, frente ao mercado global. Esse processo tem ocorrido através da ritualização e (re)significação de fatos que afirmam determinados elementos identitários a cidade. Esse processo tem se fortalecido, sobretudo nesse momento histórico, no qual a demarcação da diferença tem sido colocada como um dos elementos de inserção da cidade no processo de globalização.

A festa, nesse contexto de afirmação identitária local frente à globalização vem assumindo um papel importante em muitas cidades, pois através dela tem sido (re)atualizada e sintetizada a identidade local. Essa identidade conforme Sanchez (2003), tem sido apresentada por aqueles que a promovem como condição de sobrevivência e êxito da cidade face à globalização. Esta proposição está presente nas obras referencias que têm discutido a difusão do modelo de reestruturação urbana contemporânea tais como Borja, Castells e Ascher.

Para Sanchez (2003) esses pensadores assumem uma perspectiva teórica, com evidentes desdobramentos políticos e culturais, que valoriza a construção de sentido de lugar associada à construção de uma identidade unificadora, que se não for vigorosamente perseguida como uma identidade de todos junto a uma atitude competitiva agressiva, será difícil desviar-se de um cenário de futuro apocalíptico.

Contudo, essa síntese que é construída carrega inevitavelmente uma leitura fetichizada e reducionista das relações sociais, pois, nas operações de síntese, prevalecem aqueles traços de identidade instrumentais às relações dominantes de poder. Nessa perspectiva, Sanchez acrescenta que o caminho para auto-definição é a definição do “outro” de modo excludente e estereotipado. Nessa perspectiva argumenta:

A desqualificação do outro, sejam cidades ou regiões, parece ser uma ferramenta para a qualificação do “nós”, para a construção do sentido de pertinência.(...) Porém se por um lado, esta oposição binária entre “nós” e “outros”, reforça e define a identidade do lugar, por outro, simultaneamente, ordena a diferença complexa mediante uma simplificação, mais facilmente apropriada. As múltiplas identidades e diferentes formas de vida social, que co-existem na cidade, são simplificadas, depuradas numa única identidade que se pretende sintética (Sanchez, 2003, p. 120).

A ordem necessária para impor os projetos de modernização se constrói em larga medida por meio do controle da produção simbólica. Esse poder simbólico, conforme Haesbaert (1997) ao se manifestar pode fazer uso de elementos espaciais, representações ou símbolos, constituindo assim uma identidade territorial, que para o autor:

(...) trata-se de uma identidade em que um dos aspectos fundamentais para sua estruturação está na alusão ou referência a um território, tanto no sentido simbólico quanto concreto”. Assim, a identidade social é também territorial quando o referente símbolo central para a construção desta identidade parte do ou transpassa o território (Haesbaert, 1999, p. 178).

Uma das características mais importantes da identidade territorial e que corresponde ao mesmo tempo a uma característica geral da identidade é que “ela recorre a uma dimensão histórica, do imaginário social, de modo que o espaço que serve de referência condense a memória do grupo, tal como ocorre deliberadamente nos chamados monumentos históricos nacionais” (Haesbaert, 1999, p. 180). A (re) construção imaginária da identidade envolve, portanto, uma escolha, entre múltiplos eventos e lugares do passado, daqueles capazes de fazer sentido na atualidade. Nesta perspectiva, a memória é solicitada e reestruturada sem cessar (Haesbaert, 1999).

Contudo, a escolha do que deve ser lembrado e conseqüentemente do que deve ser esquecido, se define no âmbito das relações de poder. Em se tratando desse processo na cidade, os “vencedores”, na maioria dos casos, são aqueles que detém o “direito” de falar pela cidade, e, conseqüentemente, de representá-la. Nesse processo,

segundo Sanchez (2003) a construção da hegemonia é evocada a partir de uma identidade territorial homogênea, que precisa de proteção contra o diferente/externo.

Para Sanchez (2003), essa identidade unificadora em torno do lugar é evocada pela “intelligentsia urbana” (grifo da autora), vinculada ao novo projeto modernizador, onde o lançamento de campanhas publicitárias reforça o projeto de cidade e o papel dos cidadãos neste projeto. São nesses momentos que se torna evidente, a importância da luta simbólica por reconhecimento da autoridade para falar sobre a cidade e seus processos de modernização, bem como as técnicas políticas e midiáticas utilizadas nesse processo.

CAPÍTULO 2 – FESTA, CIDADE E IDENTIDADE: ENTRELAÇAMENTOS E PROXIMIDADES.

A cidade foi um espaço ocupado ao mesmo tempo pelo trabalho produtivo, pelas obras e pelas festas, já nos dizia Lefebvre (1991). Esse entrelaçamento entre a cidade e os rituais festivos também está presente nas trilhas que Mumford (1965) constrói em busca das origens da cidade que, para ele, tem suas bases ligadas à predisposição do homem para a vida em sociedade, ou seja, para o compartilhamento. Nessa direção, observa que antes mesmo que a cidade fosse um lugar de residência fixa ela foi “um ponto de encontro” para onde periodicamente as pessoas voltavam. Assim, “o imã precede o recipiente, e essa faculdade de atrair os não residentes para o intercuro e o estímulo espiritual, não menos do que para o comércio continua sendo um dos critérios essenciais da cidade (...)” (Mumford, 1965, p. 19).

Partindo dessas observações, é possível dizer que o primeiro germe da cidade é, pois, o espaço de encontro cerimonial, é a festa. Compartilhando das observações de Mumford, Fernandes (2001) destaca que as festas são fenômenos primordiais e indissociáveis da civilização, porque nelas os homens sempre alcançam os mais altos níveis de sociabilidade. As festas desempenham um importante papel na relação entre o homem e o meio, pois estas manifestações sempre refletiram o modo como os grupos sociais pensam, percebem e concebem seu ambiente, valorizam mais ou menos certos lugares.

No Brasil, boa parte dos registros existentes sobre a festa no período Colonial traz consigo o cenário urbano, onde os espaços públicos, a exemplo da rua e da praça, se colocam como os locais privilegiados das festividades. É nesse sentido que Lefebvre (1991) propõe que a cidade reencontre sua função primordial que é a festa. Esse reencontro com a festa, segundo o autor, tem sido proposto a partir dos objetivos estratégicos pensados para as cidades; contudo, tem consistido apenas na formulação daquilo que se passa hoje, sem graça nem esplendor, em que festividades ou festivais tentam sem jeito recriar a festa.

Essa “recriação” sem jeito da qual nos fala Lefebvre se refere a forma com muitas festas têm sido apropriadas nas cidades, muitas delas permeadas por objetivos econômicos e políticos. Nesse processo, os aspectos concebidos por aqueles que pensam a cidade acabam se impondo frente aos aspectos vividos. Mas é possível reduzir a festa ao controle daqueles que dela se apropriam? Historicamente no Brasil e, em especial, nas cidades, como as festas vêm sendo tratadas e apropriadas pelos diferentes sujeitos sociais? Nesse capítulo tentaremos abordar essas questões.

2.1 - A festa nas cidades brasileiras.

Nos diferentes relatos e reflexões existentes sobre festa, um elemento nos parece comum: a cidade como o espaço dos rituais festivos. Mary Del Priore (2000), por exemplo, quando trata das festas no Brasil colonial, nos fala do cuidado com o embelezamento da cidade durante o período festivo, onde era comum as Câmaras recomendarem à população que caiassem suas casas e ornassem portas e janelas nos dias de procissão ou de festa profana; costumava-se, igualmente, segundo os relatos por ela registrados, “alcatifar as ruas com flores odoríferas, ornar as janelas com colchas de Pequim ou China ou com as lindezas dos senhores desta terra; noz moscada era jogada nas portas de entrada, para perfumá-las” (p. 38).

A iluminação era outra ferramenta fundamental na ornamentação da cidade. Para tanto, os moradores das vilas participavam acendendo dentro e fora de seus domicílios as estivas luminárias, descritas no trabalho de Amaral (1998) como pequenas painéis de barro com azeite de mamona com um pavio de algodão retorcido que se acendiam na época das festas e procissões. Sobre o ritual de iluminação Del Priore (2000) lembra que:

O importante era iluminar a qualquer custo, uma vez que a luz consagrava as noites de festa: todos os moradores da cidade que se compõe de mais de quatro mil quinhentos fogos, ainda o mais pobre não deixou de pôr meia dúzia de luminárias, não falando em cônegos, homens de negócios e pessoas nobres e ricas que cada um cuidou em mais lustrar tão real festejo (p. 37).

Quando a cidade na qual se realizava a celebração ficava num porto marítimo ou fluvial, enfeitavam-se também com luminárias as embarcações, e outros tantos barcos eram ligados aos cais por fios com luminárias. Ao espetáculo das luminárias e da decoração das ruas somava-se a queima de fogos, cuja presença nas festas coloniais remonta ao século XVII. Essa tradição vinda de Portugal costumava alegrar as romarias e as procissões.

Nas regiões mais ricas da Colônia, as Corporações de Ofício se encarregavam da iluminação das festas e, além delas, os comerciantes. A luz certamente fazia o “contraste entre a festa, a alegria, e o cotidiano escuro, das noites vazias e silenciosas” (Amaral, 1998, p. 77). A iluminação também ajudava a estabelecer claramente as posições econômicas e, portanto, também social dos indivíduos na cidade e na sociedade política.

Conforme Del Priore, as festas que ocorriam nesse período podem ser agrupadas entre aquelas realizadas pelo Estado, de um lado, e pela Igreja Católica, de outro. Ao descrevê-las, a autora discute a forma como a igreja foi se apropriando das comemorações que originariamente eram vinculadas às épocas de sementeira e de colheitas e que, com o advento do cristianismo, passaram a receber nova roupagem. Essas festas passam a ser distribuídas em dois grupos: as festas do Senhor (paixão de Cristo e demais episódios de sua vida) e os dias comemorativos dos santos (apóstolos, pontífices, virgens, mártires, Virgem Maria e padroeiros). Nos intervalos das grandes festas religiosas eram realizadas outras menores aos domingos, por isso chamadas “Domingas”.

As festas no período Colonial organizavam-se também em torno das “Entradas”, que eram rituais solenes de acolhimento reservados a soberanos, bispos e autoridades. Essas cerimônias públicas revestiram-se de importância crescente a partir do século XVI nos rituais da corte européia. Segundo Cardim (2001), as “Entradas”, enquanto cortejos faziam lembrar as procissões, que eram rituais religiosos por excelência. Durante o cortejo, era sempre incluída uma passagem pela principal igreja da cidade, onde o rei era saudado pelas autoridades episcopais.

Para Cardim (2001), as “Entradas” estiveram, não raras vezes, a serviço do projeto político da Monarquia. Porém, elas constituíam, também, acontecimentos de primeira importância para as autoridades urbanas, pois a opção do rei em visitar a cidade era um sinal de preeminência, um sinal de que o monarca considerava essa cidade digna de ser visitada e achava que seus habitantes mereciam avistá-lo, de que as autoridades cidadinas eram dignas de receber garantias régias e teriam as suas prerrogativas preservadas.

Em outros momentos, eram as próprias cidades que tomavam a iniciativa de convidar o rei a visitá-las, um gesto pleno de significado que, em regra, era parte de uma estratégia de afirmação de uma cidade em relação a outras. Nesse sentido, Cardim afirma que a própria capacidade para organizar um evento com estas características era interpretada como sinal de vitalidade política da corporação que governava a cidade, “por outras palavras, a corporação urbana, ao assumir parte da organização da festa, demonstrava que permanecia vigente e que tinha a intenção de continuar à frente do destino da cidade” (2001, p. 9).

Na descrição que Del Priore (2000) elabora sobre tais rituais são destacados os anúncios que precediam todas as festas. Estes eram feitos a partir de carros iluminados com muitas máscaras, bailes e instrumentos musicais. Nesse chamamento eram usados sons, estampidos e figuras fantasiadas que eram acionados quer nas festas civis, quer nas religiosas.

O início da festa era marcado por um passeio com “bandeiras de procissão” ou estandartes com a imagem do santo homenageado que, pintados em ambos os lados com imagens sacras, eram carregados por pessoas “ricamente vestidas” ou então empunhados por indivíduos fantasiados de “Fama” e “vestidos à trágica”. Estes estandartes anunciavam o alvo da comemoração: São Gonçalo, Santo Antônio, Santa Bárbara etc. Depois do anúncio, das máscaras e do desfile que abria as festas, vinha o levantamento dos “mastros comemorativos”. Estes eram substitutos do “mastro de maio”, comum na Europa camponesa, e a presença destes mastros marcava

principalmente as comemorações de Santo Antônio, São João e São Pedro (Del Priore, 2000).

Esse ritual do levantamento dos mastros comemorativos ainda é muito comum nas festas juninas que ocorrem nas cidades do interior do Nordeste, como pudemos observar ao longo da pesquisa realizada nas festas de São João na cidade de Mossoró.

Tendo em vista que as festas tinham sempre um caráter institucional, pois estavam ligadas às comemorações do Estado ou da Igreja, o uso dos espaços públicos (a praça, a rua ou a igreja) para as festas era uma regra. Esse caráter público da festa, segundo Amaral (1998), contribuía para que sua função institucional fosse diluída, abrindo outras possibilidades, pois a festa, uma vez começada, transformava-se em alegria para suportar as árduas condições de vida das classes subalternas da Colônia.

A festa, nessa perspectiva, transformava-se numa pausa nas inquietações cotidianas, num derivativo provisório. A violência do antigo sistema colonial que atingia indiretamente os escravos e os brancos empobrecidos, a violência da escravidão e das relações humanas numa colônia de exploração e ainda a violência interétnica, das relações sociais, terminam por encontrar na festa um canal de escape.

Nessa direção Amaral (1998) argumenta ainda que o poder da festa e da dança era tão efetivo que mesmo as danças e músicas dos escravos, consideradas inferiores e não civilizadas, eram permitidas nos dias festivos, o que acabou facilitando a permanência da religiosidade africana no Brasil, uma vez que esta é intimamente ligada às festas para a incorporação e dança dos orixás.

Apoiada em autores como Freire (1995), Abreu (1988), Dias (1984), Rodrigues (1988), Klein (1987) e outros, a referida autora complementa que a festa colonial possibilitou o espaço necessário à construção das estratégias contra a repressão do catolicismo inquisitorial, ao mesmo tempo em que permitiu a absorção de alguns de seus valores. Essa riqueza de funções que a festa congrega é apontada por Del Priore:

Tempo de utopias, a festa revela a riqueza de funções com as quais as populações do passado dela se apropriavam. Se, de início ela aparece com o reflexo das instituições de poder e de desejo do Estado Moderno de aproveitar essa ocasião para afirmar seu poder, ela mostra-se lentamente expressão de diferentes segmentos da sociedade. Índios, negros, mulatos e brancos manipulam as brechas no ritual da festa e a impregnam de representações de sua cultura específica. Eles transformam as comemorações religiosas em oportunidade para recriar seus mitos, sua musicalidade, sua dança, sua maneira de vestir-se e aí reproduzir suas hierarquias tribais, aristocráticas e religiosas (Del Priore, 2000, p. 90).

Através dessas brechas encontradas no calendário das festas católicas, os negros produziam suas comemorações paralelas que, aliás, podiam ser também católicas. Nestas, a independência dos negros se instalava por estarem juntos, e daí transbordava para o trato com os senhores, autoridades, brancos em geral. A festa os reunia e lhes fortalecia o espírito, ajudando-os a não sucumbir moralmente diante da tragédia da escravidão e de quem os escravizava (Reis, 2002).

Ao tratar especificamente das festas nas cidades da Bahia, Reis (2002) destaca que estas foram vividas pelos escravos com diversos fins, sentidos e resultados, na medida em que era uma oportunidade para a celebração de valores culturais trazidos pelos africanos e de outros aqui criados. Servia para preencher as poucas horas de folga ou para acolher os que fugiam das horas de trabalho. “A partir e em torno dela, muita coisa se tornava possível: rituais de identidade étnica, reunião solidária de escravos libertos, competição e conflito entre os festeiros, ensaios para levantes contra brancos” (Reis, 2002, p. 101).

Assim, o caráter polimorfo e polissêmico da festa negra confundia os responsáveis por seu controle na Bahia. Houve quem acreditasse que, por dramatizar a vida e fazer explodir energias físicas e emoções do espírito, ela pudesse eventualmente evoluir para rebeliões negras, muito comuns ao longo da primeira metade dos oitocentos. Neste caso, a festa negra promovia medo e recomendava precaução aos brancos, por ser identificada como domínio exclusivo dos africanos, que formavam a parte da população escrava e liberta mais rebelde da província. Além disso, muitos a

consideravam obstáculo à europeização dos costumes, um projeto abraçado por setores da elite engajados em “civilizar” a província, particularmente após a Independência, sob o Império (Reis, 2001).

Nesse sentido, Reis (2001) acrescenta que o controle da festa negra, independentemente de suas raízes, constituiu esforço coerente, sereno e unânime. Os de cima podiam discordar entre si sobre o que fazer com a folia de raiz africana, todavia, se uns acreditavam ser ela a ante-sala da revolta social, outros entendiam que servia para diminuir as tensões sociais, sobretudo porque acontecia no seio de uma sociedade baseada na escravidão e na opressão etno-racial. Nessa tensão, uns reconheciam o direito dos negros, inclusive escravos à festa, outros se impunham o dever de proibi-la, reformar ou disciplinar. Nesse contexto, Reis (2001,2002) descreve várias situações em que os batuques negros foram proibidos nas cidades baianas.

Assim, historicamente, as festas realizadas pelas populações subalternizadas, como é o caso dos negros e dos índios no Brasil, podem ser consideradas tanto como uma das formas de resistência, como um dos meios de assimilação dos valores instituídos, assim como demonstra as considerações de Vainfas (2001) sobre as transformações sofridas pela festa da Santidade.

Santidade ou Santidades no plural, como denomina Vainfas (2001), foram, concretamente festas indígenas tradicionais tupinambás, embora celebradas com nome cristão. Estas festas depois passaram a ser festas rebeldes, tiveram seus mitos colonizados pela história, e quanto mais rebeldes ficavam, mais católicas se tornavam, a ponto de os índios orarem rosários, obedecerem a um papa indígena, a uma Santa Maia tupinambá e, no limite, adorarem um ídolo cujo nome era Deus cristão ensinado pelos jesuítas.

É nesse sentido que Del Priore apoiada em uma bibliografia de estudiosos tais como Câmara Cascudo (1969), Melo Mores (1979), Freire (1995), entre outros, destaca que a formação da festa à brasileira, desde o período Colonial, foi marcada pelas

trocas culturais, tendo se constituído como uma das formas de linguagem por meio da qual culturas diferentes podiam comunicar-se.

Essas trocas, contudo, resultaram em muitas perdas tanto por parte dos negros, como dos indígenas, pois, em muitos casos, tiveram que negar seus Deuses e enterrar seus mitos. Assim, as festas no Brasil, desde o principio da colonização serviram, dentre outros objetivos, para “catequizar” os índios e para “domesticar” os negros. Desse modo, exerceu segundo Amaral (1998), um importante papel de mediação simbólica, constituindo uma linguagem a partir da qual diferentes povos podiam se comunicar. Todavia, ao longo desse processo foram registradas muitas resistências, confrontos, negociações e assimilações, como bem destacaram Reis (2001, 2002) e Vainfas (2001).

Esse breve recorte do cenário festivo demonstra a pluralidade das festas no Brasil. Estas se constituíram tanto como forma de afirmação dos valores de culturas dominantes, como de culturas dominadas. Demonstra também que a festa se constituiu historicamente como forte elemento constitutivo do modo de vida brasileiro. As inúmeras festas existentes nos diferentes espaços do país, e em especial nas cidades, nos dão conta da importância das mesmas na dinâmica social.

Nas últimas décadas, especialmente nos idos de 1980, muitas das festas que constituíam o modo de vida brasileiro passaram a adquirir uma importância maior nas cidades, é o caso das *festas juninas* que ocorrem nas cidades de Campina Grande, Caruaru, Mossoró, Sergipe e São Luís, localizadas no nordeste do país. Essas festas que comemoram São João, São Pedro e Santo Antônio, compõem a dinâmica festiva no Brasil desde a sua formação, embora, inicialmente elas estivessem circunscritas as comemorações feitas pela Igreja e no âmbito das iniciativas populares.

Outras festas de caráter mais religioso também se tornaram referências em outras cidades brasileiras, como é o caso da *feira do Sírrio de Nazaré* que ocorre em Belém, da festa de *N. Sra de Achiropita* em São Paulo, *do Divino Espírito Santo* no Centro Oeste, e tantas outras festas que compõe o cenário brasileiro.

Nesse cenário festivo é preciso destacar ainda o *carnaval*. Esta festa caracterizada inicialmente como entrudos anunciava a vinda da Quaresma e a despedida da carne que chegava juntamente com a Quarta Feira de Cinzas. Essa expressão de festejo se tornou comum em algumas cidades brasileiras.

Ao falar especificamente dos entrudos no Rio de Janeiro, Fernandes (2001) destaca as perseguições sofridas por esta manifestação festiva nessa cidade, sobretudo no início do século XIX. Embora tenha resistido por muito tempo, tal folguedo foi retirado da cena carioca pela reforma Pereira Passos. Os entrudos foram proibidos, mas as escolas de samba resistiram e aos poucos foram tomando ares de grande festa, sendo posteriormente apropriada pela elite política e econômica da cidade, sendo projetada como um elemento de referência identitária nacional. O carnaval também é uma festa de referência nas cidades de Olinda, em Pernambuco e Salvador, na Bahia.

Com um caráter mais profano ou mais sagrado, todas essas festas acabaram se afirmando como referências festivas nas cidades brasileiras. Nesse processo se afirmaram como elementos da tradição local, tendo sido apropriadas como forma de (re)afirmação das identidades locais.

Esse aspecto identitário pode ser percebido em alguns trabalhos que contemplaram essa temática, é o caso de Morigi (2001) que desenvolveu uma tese sobre o São João que ocorre em Campina Grande, na Paraíba. Nesse trabalho ele discute quais são os elementos que compõem o imaginário da festa e como são realizadas as mediações e as construções que enreda o discurso identitário regional na construção da cultura nordestina. Já o trabalho de Fernandes (2001), traz para o cenário de debate, um estudo sobre as Escolas de samba no Rio de Janeiro na primeira metade do século XX, no qual busca compreender como estas instituições populares festivas conquistaram o espaço público da cidade e se projetaram como uma das representações da identidade nacional brasileira.

Esse caráter identitário tem sido reforçado especialmente nas últimas décadas onde essas festas adquiriram uma centralidade nas cidades onde ocorrem. Essa

centralidade tem sido evidenciada através da espetacularização das mesmas. Entender os contextos em que se situa esse processo de espetacularização é uma das formas de entendermos as transformações que a festa e a cidade estão vivenciando. Nos tópicos seguintes tentaremos situar esse processo de espetacularização e ainda os reflexos desse processo no planejamento que vem sendo proposto para as cidades.

2.2 - Cidade e Festa em tempo de espetáculo

Celebrando a unidade, reforçando as identidades, espetacularizando a diferença, é nessa direção que as festas vêm sendo (re)inventadas em muitos lugares. Esse processo ilustra a dinâmica que vem se instalando em algumas cidades brasileiras, aonde as festas vêm sendo apropriadas como uma das formas de “renovação” da própria cidade. Na medida em que tenta recriar a cidade, a festa é (re)inventada, transformando-se muitas vezes em grande espetáculo.

Esse processo de espetacularização encontra nas reflexões de Debord (1997, p. 13) uma de suas expressões mais originais. O referido autor denomina esse momento vivenciado pela sociedade como um grande “espetáculo”, argumentando que “toda a vida das sociedades nas quais reinam as modernas condições de produção se apresenta como uma imensa acumulação de espetáculos. Tudo o que era vivido diretamente tornou-se uma representação”. Nessa perspectiva, acrescenta ainda que:

Considerado em sua totalidade, o espetáculo é ao mesmo tempo o resultado e o projeto do modo de produção existente. Não é um suplemento do mundo real, uma decoração que lhe é acrescentada. É o âmago do irrealismo da sociedade real. Sob todas as suas formas particulares – informação ou propaganda, publicidade ou consumo direto de divertimentos –, o espetáculo constitui o modelo atual da vida dominante na sociedade. É a afirmação onipresente da escolha já feita na produção, e o consumo que decorre dessa escolha... (p. 14).

Esse processo de espetacularização se situa nesse momento histórico da dinâmica capitalista em que o uso da imagem e a intensificação do consumo assume uma centralidade, estando intrinsecamente relacionados, pois a aceleração do tempo de giro na produção tem acelerado também as trocas e o consumo. Nesse contexto,

dominar ou intervir ativamente na produção da volatilidade envolve a manipulação do gosto e da opinião. É nesse quadro, segundo Harvey (2000), que a publicidade e as imagens da mídia passaram a ter um papel mais integrador nas práticas culturais, tendo assumido agora uma importância muito maior na dinâmica de crescimento do capitalismo.

Ao discutir o desenvolvimento da arena de consumo, Harvey (2000) chama atenção para duas tendências. A primeira delas foi o fortalecimento do consumo da moda em mercados de massa (em oposição ao mercado de elite), o que acabou acelerando o ritmo do consumo não somente em termos de roupa, ornamentos e decoração, mas também numa ampla gama de estilos de vida e atividades de recreação. A segunda tendência apontada foi a passagem do consumo de bens para o consumo de serviços – não apenas serviços pessoais, comerciais, educacionais e de saúde, como também de diversão, de espetáculos, eventos e distrações. Tendo em vista que o tempo de vida desses serviços é bem menor do que a utilização de um produto faz sentido que os capitalistas se voltem para o fornecimento de serviços bastante efêmeros em termos de consumo. Essa busca, segundo Harvey - que nesse momento faz referência a Mendel e Jameson -, pode estar na raiz da rápida penetração capitalista em muitos setores da produção cultural a partir da metade dos anos 1960.

A cidade, nesse contexto, tem sido uma das dimensões espaciais onde a espetacularização das imagens tem se revelado com maior visibilidade, na medida em que é o receptáculo onde se materializam com mais intensidade os processos sociais. Essa “nova” dinâmica urbana que vem se materializando na cidade opera mediante a incorporação de novos valores culturais e de novos padrões de vida, ou a afirmação destes, pois no mundo global, onde a modernização gerou uma tendência à homogeneidade, muitas cidades viram diluir-se a sua identidade; assim, a diferenciação através da identidade local, como bem destaca Vaz (2004), se torna um triunfo essencial. E a identidade está fortemente ancorada na imagem da cultura local.

Ao falar sobre esse processo de mercantilização da cultura, Arantes (2002) argumenta que o “tudo é cultura” inaugurado nos idos de 1960 teria, pois, se transformado de vez naquilo que a autora denomina de “culturalismo de mercado”. Esse processo ocorreu com tamanha intensidade que a cultura que havia se cristalizado como esfera autônoma dos valores antimercado torna-se imagem.

Nessa mesma direção, Jacques (2004) argumenta que existe nas políticas e nos projetos urbanos contemporâneos, sobretudo dentro da lógica do planejamento estratégico, uma clara intenção de se produzir uma imagem singular de cidade. Essa imagem, forjada ou não, seria fruto de uma cultura própria, ou seja, da identidade do lugar. O que se vende hoje é, sobretudo, a imagem de marca da cidade e, paradoxalmente, essas imagens de marca de cidades distintas, com culturas distintas, se parecem cada vez mais.

Nesse sentido, Vainer (2002) argumenta que se durante um longo período o debate acerca da questão urbana remetia, entre outros, a temas como crescimento desordenado, reprodução da força de trabalho, equipamentos de consumo coletivo, movimentos sociais urbanos, racionalização do uso do solo etc, a “nova” (grifo nosso) questão urbana teria, agora, como nexos central a problemática da competitividade urbana, em que a imagem e o marketing são acionados de forma agressiva.

Nesse cenário, a festa, tem ganhado uma centralidade, pois seu poder de impressionar, como bem destacou Calvo (1991) em reflexões anteriores, seu caráter estético e ao mesmo tempo simbólico, tem contribuído para que ela assuma o papel de representação da identidade local. Em Mossoró, nossa referência empírica de pesquisa, a festa vem sendo apropriada como uma das formas de demarcação da identidade local. Nesta cidade algumas festas vêm sendo (re)inventadas e os referenciais de coragem e liberdade, vêm sendo agregados aos rituais festivos, se colocando como um dos elementos diferenciadores das demais cidades. Nesse processo a tradição é (re)inventada e agregada à imagem da cidade. Esse processo vem sendo acompanhado, não raramente, pelo processo de espetacularização das festas. Estamos entendendo por

espetacularização “o excesso midiático contido nas relações, nos produtos e nas coisas” (Seabra, 2002, p. 3).

Desse modo, os rituais, que inicialmente possuíam um caráter quase espontâneo dos valores e das tradições populares dos diversos grupos sociais, foram apropriados pelos administradores públicos e empresariais, transformando-se em megaeventos, cujo caráter de empreendimento econômico e comercial tornou-se muito acentuado. Uma vez institucionalizados pelo poder público, esses eventos têm assumido a forma de grandes espetáculos urbanos, atraindo pessoas e gerando renda.

O caráter simbólico e material da festa tem contribuído para que ela assuma uma condição de mercadoria, pois como bem sublinha Amaral (1998, p. 9), a “festa à brasileira” possui uma tríplice importância: “Por sua dimensão cultural - no sentido de colocar em cena valores, projetos, arte e símbolos do povo brasileiro -, como modelo de ação popular - no sentido que tem sido em muitas ocasiões o modo de concentração de riquezas - e como espetáculo de muitas cidades”.

Ao tornar-se espetáculo das cidades, a festa se espetaculariza. Essa função que vem sendo assumida pela festa não retira dela outras apropriações. Essa compreensão nos conduz mais uma vez às considerações de Debord, quando coloca que:

Não é possível fazer uma oposição abstrata entre o espetáculo e a atividade social efetiva: esse desdobramento é também desdobrado. (...) Ao mesmo tempo, a realidade vivida é materialmente invadida pela contemplação do espetáculo e retoma em si a ordem espetacular à qual adere de forma positiva. A realidade objetiva está presente dos dois lados. Assim estabelecida, cada noção só se fundamenta em sua passagem para o oposto: a realidade surge no espetáculo, e o espetáculo é real... (Debord, 1997, p. 15).

O cuidado em não separar o espetáculo do vivido parece ser um grande desafio para aqueles que têm se debruçado sobre a compreensão do papel da festa na cidade, sobretudo nesse momento em que a lógica empresarial vem se impondo nos projetos urbanos contemporâneos, transformando a cultura em espetáculos de muitas

idades. Esse processo se situa no momento em que o Planejamento Estratégico se impõe como uma das formas das cidades adentrarem no mercado global.

Assim, entender quais são os elementos que compõe o debate acerca desse planejamento é um dos caminhos para nos aproximarmos das dinâmicas que hoje se expressam em muitas cidades no Brasil. Embora saibamos que essas dinâmicas resultam de uma interligação entre os projetos globais e os interesses dos poderes locais.

2.3 - O Planejamento Estratégico e a (re) invenção das cidades e da festa.

A tentativa de compreender as mudanças e permanências *da e na* cidade conduz não raramente a uma discussão sobre sua dinâmica sócio-espacial e, nesse processo, sobre os planejamentos urbanos que têm sido propostos e vivenciados historicamente pela mesma. Nessa direção, várias têm sido as reflexões feitas em torno dos planejamentos urbanos implementados nas cidades. Os trabalhos mais recentes têm privilegiado, especialmente, reflexões em torno do planejamento denominado “estratégico”, na medida em que este vem se impondo como a “grande saída” para os problemas da cidade nas últimas décadas.

A necessidade de compreender e, ao mesmo tempo, contextualizar as perspectivas de planejamento que vêm sendo propostas para as cidades ao longo do tempo, especialmente nas duas últimas décadas, nos conduziu ao trabalho de Souza (2004). Neste trabalho, que contempla ao mesmo tempo um resgate e uma análise crítica dos planejamentos, são selecionados e classificados diferentes tipos de planejamento urbano. Essa seleção e classificação têm como ponto de partida o urbanismo modernista.

Um dos primeiros planejamentos discutidos por Souza (2004) é aquele denominado por ele de *regulatório clássico*, que é compreendido a partir de duas modalidades bem diferentes: o “planejamento físico territorial”, mais antigo, e o planejamento sistêmico, que surge nos anos 1960. O apogeu do planejamento regulatório se situa entre o fim da segunda guerra mundial e os anos 1970, mas seria um

equivoco não considerar que suas bases intelectuais vinham sendo preparadas desde muito antes dos anos 1940, como bem sublinha o autor:

(...) a institucionalização do Urbanismo como profissão, no começo do século XX (a *société Française d'Urbanistes*, primeira organização profissional da área, foi fundada em 1912 (Stuckenbruck) e a ascensão das idéias modernistas no urbanismo, tendo Tony Garnier (ainda antes nos anos 20) e, logo em seguida, Le Corbusier como pioneiros, foram passos decisivos. Foi somente após a guerra de 1939-45, no entanto, que grandes sistemas nacionais de planejamento começaram a se estabelecer (Souza, 2004, p.124).

Prosseguindo em sua reflexão, Souza acrescenta que a *idéia-força* central do Urbanismo modernista é o projeto de modernização da cidade. Essa idéia é complementada por outras, tais como *ordem* e *racionalidade*. Assim, apoiado em Brindley et al., o referido autor apresenta o planejamento regulatório como sendo o Estado fazendo pleno uso de seus poderes de controle e disciplinaridade da expansão urbana e do uso da terra.

O planejamento regulatório clássico, estilo de planejamento “central na ideologia da profissão de planejamento”, durante muitas décadas reinou absoluto como a modalidade de planejamento urbano em todos os lugares onde este era praticado. No Brasil esse planejamento corresponde ao chamado planejamento físico territorial em sua versão convencional. “Ele consiste na concepção do planejamento como atividade de elaboração de planos de ordenamento espacial para a ‘cidade ideal’” (Souza, 2004, p. 124).

Essa forma de planejamento embora não tenha desaparecido, tem seu enfraquecimento dado origem a uma pluralidade de correntes e estratégias denominadas por Sousa de perspectivas “mercadófilas”, compreendendo três subtipos: o planejamento subordinado às tendências do mercado, o planejamento de facilitação e o planejamento de administração privada. Os três rompem com o espírito regulatório ainda francamente hegemônico nos anos 1970, na medida em que deixam de tentar “domesticar” ou “disciplinar” o capital para, pelo contrário, melhor se ajustarem aos

seus interesses, inclusive imediatos. Nessa direção, o referido autor acrescenta ainda que:

O enfoque chamado de “estratégico” tem, muitas vezes, andado associado à perspectiva “mercadófila” neoconservadora, “mas seria incorreto, por diversas razões, tomar o primeiro como sendo idêntico ao segundo, pois o rótulo ‘planejamento estratégico’ tem, ao longo das últimas décadas, recoberto coisas distintas” (...). Não só no Brasil, por conta de experiências bastante badaladas como o Plano Estratégico da Cidade do Rio de Janeiro, mas na verdade no mundo inteiro, a hegemonia tem sido a de uma tentativa de transposição do corporate strategic planning, surgido no meio empresarial, para o planejamento urbano regional no setor público (Souza, 2004, p. 137).

Partindo desse contexto, é possível afirmar que tanto o planejamento clássico regulatório quanto o planejamento mercadófilo, no qual podemos situar aquele denominado de “estratégico”, atenderam ou atendem a necessidade da dinâmica capitalista em determinado momento histórico. No caso do planejamento regulatório, Souza (2004) chama atenção para o papel do Estado, que faz pleno uso de seus poderes de controle e disciplinaridade da expansão urbana e do uso da terra, e igualmente para a relação desse tipo de planejamento com o capital. Nessa direção, salienta que embora o modernismo, sob o ângulo político, tenha revelado preocupações “sociais”, como a produção em massa de habitações higiênicas para a classe operária e o acesso dos pobres urbanos a moradias dignas (vide, por exemplo, Le Corbusier), a perspectiva era a de um disciplinamento e uma melhoria das condições de vida da classe trabalhadora nos marcos do capitalismo, e não uma separação deste.

Nesse sentido, a construção dos inúmeros conjuntos habitacionais entre as décadas de 1970 e 1980 nas cidades brasileiras foi uma das maiores expressões dessa forma de planejamento no Brasil. A construção desses conjuntos de habitação que foram implementados através do Sistema Financeiro de Habitação (SFH) e do Banco Nacional de Habitação (BNH) serviram tanto para disciplinarizar a expansão urbana, valorizando determinadas áreas da cidade, como para “resolver” o problema da moradia

nos centros urbanos brasileiros, como ainda para atender a necessidade da reprodução do capital, sobretudo imobiliário e da construção civil.

Desse modo, a organização sócio-espacial de muitas cidades brasileiras revelam as influências dessa forma de planejamento no Brasil. É o caso de Mossoró, onde a construção dos vários conjuntos habitacionais construídos entre a década de 1970 e 1980 em áreas consideradas rurais, teve um papel fundamental na ampliação da malha urbana da cidade. Através do mapa 2 por bairros apresentado no capítulo três, é possível verificar a importância da construção desses conjuntos habitacionais no processo de constituição de alguns bairros da cidade, a exemplo do bairro de Santa Delmira, Abolição e Redenção, localizados na área oeste da cidade.

Já no planejamento denominado por Souza de mercadófilo, o que prevalece é o espírito do “empresarialismo”, que reflete de certo modo a assimilação maior ou menor, conforme o país ou a cidade, das tendências contemporâneas de desregulamentação e diminuição da presença do Estado também no terreno do planejamento e da gestão urbana, frequentemente sugeridas pela fórmula “parcerias público-privado”.

Ao se posicionar frente a esse debate sobre o “planejamento estratégico”, Vainer (2002) argumenta que o mesmo coloca-se entre os modelos de planejamento urbano “que concorrem para ocupar o vazio deixado pela derrocada do tradicional padrão tecnocrático-centralizado-autoritário” (p.75). O modelo vem sendo difundido no Brasil e na América Latina pela ação combinada de diferentes agências multilaterais (BIRD, Habitat) e de consultores internacionais, sobretudo catalães, cujo agressivo *marketing* aciona de maneira sistemática o *sucesso* de Barcelona.

Borja e Castells (1996), ao discutirem e ao mesmo tempo justificarem o plano estratégico para as cidades, colocam em evidência o protagonismo que as mesmas vem adquirindo tanto na vida econômica e social, quanto nos meios de comunicação. Para os autores:

A cidade se expressa melhor como ator na medida em que realiza uma articulação entre administrações públicas (locais ou não), agentes econômicos públicos e privados, organizações sociais e cívicas, setores intelectuais e profissionais e meios de comunicação social, entre instituições políticas e sociedade civil (p. 153).

Ao situar o protagonismo político que as cidades têm assumido, Borja e Castells ressaltam que esse processo manifestou-se espetacularmente na Europa do Leste, onde o desmoronamento dos sistemas comunistas stalinistas encontrou sua principal expressão em grandes centros urbanos como Berlim, Budapeste, Praga e Varsóvia. Os movimentos político-sociais que se expressaram, quase sempre, na rebelião da sociedade civil foram denominados movimentos cívicos, e as cidades foram, assim, palco não somente da reconstrução da organização democrática como também da economia competitiva.

Nessa mesma direção, Arantes (2002) acrescenta que essa emergência das cidades como espaço das manifestações também pode ser identificada nas cidades americanas na década de 1960, quando as mesmas foram o espaço das manifestações pelos direitos civis, contra a guerra no sudeste asiático e outras manifestações, sobretudo nos bairros negros, sendo que boa parte do descontentamento urbano girava em torno dos projetos “modernos” de habitação e renovação dos equipamentos funcionais típicos, então ameaçados por distúrbios que estavam se tornando endêmicos. Toda essa movimentação acabou sendo “capturada no início dos anos 1970 por forças bem diferentes e empregadas para fins bem distintos”. Baltimore tornou-se então um resumo dessa evolução do espetáculo urbano.

Quando analisam o caso da América Latina, Borja e Castells (1996) destacam que os processos de democratização política e de descentralização do Estado revalorizaram, ao longo da década passada, o papel das cidades e dos governos locais. No entanto, as limitações destes processos e os efeitos sociais das políticas de ajuste, acrescentadas às desigualdades e marginalidades herdadas, à debilidade da sustentação sócio-cultural das cidades e aos graves déficits de infra-estrutura de serviços públicos,

atrasaram a emergência das cidades como protagonistas na América Latina, quadro que se alterou sobremaneira na década de 1990.

Prosseguindo a reflexão, os referidos autores acrescentam que a partir desse período tem ocorrido uma reação das cidades na América Latina. Esse processo tem sido influenciado pela democratização e a descentralização dos Estados, que reforçaram e deram uma maior legitimidade aos governos locais, criando as condições para que, em muitos casos, se expressasse uma capacidade de liderança pública local dos administradores. A abertura econômica que acabou conduzindo os agentes econômicos a se conscientizarem da necessidade de contar com uma cidade competitiva, ou seja, atraente e funcional, dotada de infra-estrutura moderna e que assegure garantias mínimas de qualidade de vida e segurança pública.

Outro fator apontado por Borja e Castells - e que precisa ser repensado no que se refere às cidades brasileiras - diz respeito ao entendimento dos atores privados sobre a inviabilidade de uma cidade que exclui ou marginaliza uma parte importante de sua população. Assim, a eficácia do projeto-cidade depende de múltiplos fatores, dentre os quais são enfatizados três:

Em primeiro lugar, a definição de um projeto de futuro será eficaz se mobilizar, desde o seu momento inicial, os atores urbanos públicos e privados e concretizar-se em ações e medidas que possam começar a implementar-se de imediato. Em segundo lugar, um plano estratégico deve e/ou modificar a imagem que a cidade tem de si mesma e projeta no exterior. Na medida em que se trata de uma resposta a uma sensação de crise resultado de inserção em novos espaços econômicos e culturais globais, e que pretende integrar uma população que muitas vezes se sente excluída ou pouco levada em conta. O projeto de cidade é um empreendimento de comunicação e de mobilização das cidades e de promoção interna e externa da urbe. Finalmente, o plano estratégico questiona o governo local, suas competências e sua organização, seus mecanismos de relacionamento com outras administrações com os cidadãos, sua imagem e sua presença internacionais (Borja e Castells, 1996, p. 158).

As reflexões que Borja e Castells desenvolvem sobre o planejamento estratégico são discutidas por Vainer (2002), quando argumenta que na direção em que

o conceito de cidade vem sendo pensado, o poder público e de governo da cidade são investidos de “novos significados, numa operação que tem como um dos esteios à transformação da cidade em sujeito/ator econômico, cuja natureza mercantil e empresarial instaura o poder de uma nova lógica, com a qual se pretende legitimar a apropriação direta dos instrumentos de poder público por grupos empresariais privados” (p. 88). A cidade-empresa, termo utilizado pelo autor, está obrigada a ser realista, a conformar-se às tendências do mercado e não pode dar-se ao luxo de produzir planos utópicos.

Desse modo, se no modelo modernista o que seduziu e inspirou os urbanistas foi a unidade de produção, na qual os princípios de organização da produção são transpostos para o plano urbano, agora os neoplanejadores se espelham na empresa enquanto unidade de gestão e negócios. Assim, ver a cidade como *empresa* significa, essencialmente, concebê-la e instaurá-la como agente econômico que atua no contexto de um mercado e que encontra neste mercado a *regra e o modelo* do planejamento e execução de suas ações (Vainer, 2002).

A cidade é *empresa*, mas também assume a forma de *mercadoria*. Ao fazer reflexões sobre essa afirmação, Sanchez (2003) retoma o debate feito em torno da produção do espaço, salientando que a produção do espaço, em si, não é nova, pois os grupos dominantes produziram sempre espaços particulares. O novo, para a autora, parece ser a produção global e total do espaço social, pois na chamada “reestruturação produtiva” da economia capitalista em sua fase atual está, mais do que nunca, ligada à produção do espaço, que é moldado às necessidades da acumulação. Para efeitos de análise específica das sociedades urbanas, este amoldamento significa que um número crescente de fragmentos, ou partes da cidade, está sujeito ao controle, à normatização, à privatização, com grandes impactos para a vida social.

O aprofundamento da transformação do espaço em mercadoria parece afirmar-se como tendência na virada do século. Neste movimento, segundo Sanchez (2003) não são apenas fragmentos do espaço urbano que entram nos fluxos mercantis,

incorporados de acordo com os interesses locacionais específicos e as respectivas estratégias de acumulação de empreendedores imobiliários, agentes empresariais multinacionais ou empresas multinacionais e empresários do turismo. São as cidades que passam a ser “vendidas” dentro das políticas do Estado que, no atual estágio do regime de acumulação capitalista, procura cumprir com uma agenda estratégica de transformações exigidas para a inserção econômica das cidades nos fluxos globais.

Essa imagem que é vendida da cidade necessita transmitir “confiança”, “prosperidade” para os investidores. Esses sentimentos precisam estar circunscritos na cidade e nos seus moradores, é nesse momento que a cidade assume também o papel de *pátria*. Vainer, ao discutir esse *patriotismo de cidade*, retoma as considerações de Borja para destacar que esse processo é alimentado e representado de diversas formas, seja através dos “monumentos e esculturas (pelo que representam e pelo prestígio de seus atores), seja por meio da beleza plástica e a originalidade do desenho de infra-estrutura e equipamentos ou do cuidadoso perfil de praças e jardins” que tornam a cidade mais visível e reforçam a identidade incluindo o patriotismo cívico de sua gente.

Uma outra forma de alimentar esse patriotismo de cidade tem sido a (re) invenção das tradições locais, a exemplo dos rituais festivos. No Brasil, e especificamente no Nordeste, essa tem sido uma estratégia bastante comum, como veremos no caso de Mossoró, nossa referência empírica de pesquisa. Ao fazer essa afirmação não queremos transpor diretamente esses referenciais contidos no planejamento estratégico para explicar a dinâmica que vem se instalando em Mossoró, contudo, é possível verificar indícios que nos levam a discutir e a pensar uma forma mais global de pensar a cidade com as dinâmicas mais locais.

Sobre esse *patriotismo de cidade*, Vainer observa ainda que o planejamento estratégico urbano e sua idéia de uma cidade pátria desembocam claramente num projeto de eliminação da esfera política local, transformada em espaço do exercício de um projeto empresarial encarnado por uma liderança personalizada e carismática.

Transfigurando-a em *mercadoria*, em *empresa* ou em *pátria* – trilogia concebida por Vainer – definitivamente a estratégia conduz à destruição da cidade como espaço da política, como lugar de construção da cidadania, enfim, da cidade enquanto *polis*. Nessa direção, são pertinentes as considerações de Barbosa (1999, p. 64):

(...) que não estamos tratando exclusivamente de um período marcado pelo aprofundamento da separação entre o espaço público e o privado, mas sim de um esvaziamento político do primeiro como contrapartida da decomposição do espaço comum, ou melhor, do que sobrara como lugares (com) partilhados por diferentes atores sociais – avenidas, ruas, praças, parques, jardins. Lugares de encontros e conflitos entre próximos e distantes, iluminando as contradições do ato de viver na cidade. É esse espaço comum, em desmontagem na cidade, a expressão radical da crise política contemporânea, sobre a qual agitam-se forças e concepções de sociabilidade profundamente desiguais (...).

A instauração do conjunto da “cidade-empresa”, “cidade-mercadoria” e “cidade-pátria”, configuradas no planejamento estratégico, junta-se aos demais projetos e planejamentos urbanos já materializados na cidade, formando um mosaico que expressa diferentes tempos e formas de pensar a cidade. Nesse mosaico, as desigualdades sócio-espaciais, a ausência de participação social efetiva, parecem ser algo comum aos planejamentos, pois como já ressaltamos em momentos anteriores, cada um, da sua forma, atendeu (atende) a necessidade da dinâmica capitalista em determinado momento histórico.

Mesmo entendendo as possibilidades que se abrem em torno do planejamento estratégico, a exemplo de Porto Alegre, onde a proposta foi politizada e implementada de uma forma crítica e, portanto, diferenciada, o que tem prevalecido no ambiente empresarialista na visão de Souza (2004) é a utilização do planejamento de modo acrítico, em que as alianças são condicionadas pelo enorme peso dos interesses empresariais na definição da agenda.

Desse modo, para Souza resta muito pouco em matéria de discurso sobre o “interesse público”, quando muito o “fino véu ideológico” caracteriza-se por buscar convencer os envolvidos de que o favorecimento dos interesses empresariais gera

crescimento econômico e melhora a posição de uma dada cidade em meio à competição interurbana, traz benefícios coletivos como a geração de empregos e maior circulação de riquezas. Nesse contexto:

O planejamento com um mínimo de sentido público e expresso por meio de um conjunto de normas e regras de alcance geral relativas ao uso do solo e à organização espacial, é eclipsado e, não raro, acuado pela enorme ênfase que passa a ser posta em projetos urbanísticos, sejam de embelezamento, “revitalização” ou de outro tipo - ênfase essa que é muito conveniente para o capital imobiliário. Em um ambiente mais crítico, diversamente, a preocupação em embutir um cálculo político no planejamento e na gestão se dá na base de outra correlação de forças (Souza, 2004, p. 138).

Essa forma de pensar a cidade onde os projetos urbanos cedem lugar aos projetos urbanísticos que privilegiam o embelezamento e a revitalização de determinadas áreas da cidade é um sintoma da atual dinâmica capitalista, na qual, como já salientou Harvey, o consumo e a imagem assumem uma grande centralidade. Diante da efemeridade e volatilidade do consumo torna-se difícil qualquer planejamento a longo prazo.

Ao falar do desenvolvimento e supremacia das técnicas de comunicação e imagem, Harvey (1992) ressalta que a partir dos modernos materiais de construção é possível reproduzir prédios antigos com grande exatidão, o que torna duvidosa a sua autenticidade ou origem. Por conseguinte, possuímos não apenas a capacidade de empilhar imagens do passado ou de outros lugares de modo eclético e simultâneo na tela da televisão, como até mesmo de transformar essas imagens em simulacros² materiais na forma de ambientes, eventos, espetáculos etc.

É nesse cenário que a imagem ocupa uma centralidade nos projetos de cidade. Desse modo, os discursos acerca da cidade, veiculados através de meios de comunicação notadamente publicitária, tem o objetivo de imprimir uma imagem à cidade, construindo uma marca que a identifica no mercado de cidades. Contudo, o

² Por “simulacro”, Harvey (1992) designa “um estado de réplica tão próxima da perfeição que a diferença entre o original e a cópia é quase impossível de ser percebida”. (p. 261).

discurso produzido é portador das representações e visão de mundo daqueles atores envolvidos no projeto. Desse modo, a produção do espaço é motivada pela representação do espaço, precedente de uma intencionalidade que integra, incorpora uma imagem do espaço. As representações, veiculadas pelo discurso, revelam as significações do projeto de cidade e, por essa razão, como bem coloca Sanchez (2003), devem fazer parte das análises da produção do espaço.

Desse modo, rituais, eventos, palavras e imagens da cidade são discursos, formas de representação da cidade que sintetizam sua identidade, pois nas palavras de Woodward (2004. p.8), “as identidades adquirem sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais elas são representadas”. Assim, as imagens construídas constituem um discurso sobre a cidade, são sínteses de representações ordenadas em linguagem visual e verbal. Já as intervenções espaciais são discursos em ação, expressões materiais de uma concepção de cidade. Pela mediação que as cerca, são tornadas partes da imagem da cidade (Sanchez, 2003).

Prosseguindo em seu raciocínio, Sanchez (2003) retoma a reflexão lefebvriana sobre a produção do espaço, segundo a qual é necessário pensar não apenas “como os lugares adquirem qualidades materiais, mas também como adquirem valor simbólico através de atividade de representação”. As representações influenciam avaliações e ranking de lugares e determinam parte considerável das escolhas locais.

Partindo das reflexões da referida autora, é possível dizer que “há um complexo intercâmbio entre a transformação material e o simbolismo cultural, entre a reestruturação de lugares e a construção de identidades”, na medida em que as representações que os sujeitos têm do real influem na construção da realidade, ao mesmo tempo em que as práticas materiais são a base para novas representações do real.

A festa, neste contexto das representações, assume um papel importante, pois seu caráter tanto material quanto simbólico contribui para que ela assuma a função de produtora de uma identidade da cidade. Contudo, a identidade produzida a partir dos

rituais festivos é construída numa tensão onde o que deve ser lembrado e, portanto, esquecido é definido no âmbito das relações de poder. Neste sentido, são elucidativas as reflexões de Lefebvre (1986), pois para ele há sempre uma presença e uma ausência naquilo que é representado.

Prosseguindo em suas observações sobre as representações, Lefebvre (1983) argumenta que entre os espaços de representação e as representações do espaço, ou seja, entre a vivência e o concebido, não há corte, ruptura ou quebra. E o movimento dialético entre essas duas dimensões do espaço nunca cessa, pois a “vivência se enche de representações, porém se livra delas, posto que é ela mesma que se representa” (Lefebvre, 1983, p. 70). Assim, as representações não são classificadas como falsas ou verdadeiras, pois “são verdadeiras como respostas aos problemas reais e falsas como dissimuladoras das finalidades reais” (Lefebvre, 1983, p. 62).

As reflexões elaboradas por Lefebvre trazem para o cenário de debates questões centrais para aqueles que pensam a cidade, sobretudo no que se refere à implementação dos planos estratégicos que envolvem a (re)invenção dos lugares, pois estes tendem a evocar a construção de uma hegemonia elaborada a partir das representações do espaço e, neste processo, é construída uma identidade territorial. Para Sanchez (2003), esta identidade unificadora em torno do lugar é evocada pela intelligentsia urbana vinculada ao novo projeto modernizador, no qual o lançamento de campanhas publicitárias reforça o projeto de cidade e o papel dos cidadãos neste projeto.

As formas de demarcação dessa identidade têm se expressado de maneira diferente, em Mossoró, local de onde partimos para pensar as questões levantadas nesse trabalho. Essa demarcação identitária tem se expressado tanto através da recuperação de ambientes históricos, como na construção de equipamentos culturais; contudo, é a festa que mais tem sintetizado a identidade local, como é o caso das já citadas Festas de São João e Auto da Liberdade. Essa dinâmica tem sido acompanhada pela (re)invenção das festas que, nesse processo, tem sido espetacularizada, provocando uma redefinição dos rituais festivos que ocorrem na cidade.

Para melhor compreender como esse processo vem se instalando em Mossoró, faz-se necessário entender a dinâmica da cidade, sua formação sócio-espacial, sua história econômica e, nesse processo, perceber qual tem sido o lugar que a festa tem ocupado na cidade, questões essas que serão enfocadas nos capítulos que se seguem.

CAPÍTULO 3: PERCORRENDO OS RASTROS DA FORMAÇÃO SÓCIO-ESPACIAL DA CIDADE DE MOSSORÓ E O SEU (RE) ENCONTRO COM AS FESTAS.

(...) Uma descrição de Zaíra como é atualmente, deveria conter todo o passado de Zaíra. Mas a cidade não conta o seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimãos das escadas, nas antenas dos pára-raios, nos mastros das bandeiras, cada seguimento riscado por arranhões, serradelas, entalhes, esfoladuras (Calvino, 1997, p. 14).

Mossoró, localizada no oeste do Rio Grande do Norte, entre o sertão e o litoral, (figura 1) é uma dessas cidades onde o sol não pede licença para brilhar todos os dias e, por conta disso, as altas temperaturas, que variam entre a máxima de 36,0 °C, a média de 27,4 °C e a mínima de 22,5° C, já fazem parte do cotidiano dos moradores. Conhecida por esse sol que a visita cotidianamente e ainda pelo sal e o petróleo, atividades que, juntamente com a agroindústria, a fruticultura, o comércio e os serviços compuseram ou ainda compõem a dinâmica sócio-econômica da cidade, Mossoró tem buscado ser reconhecida também como a cidade da cultura e, especificamente, da festa. O material turístico veiculado pelo conjunto de estabelecimentos comerciais instalados na cidade expressa essa intenção, como é possível verificar a partir da figura 2.

Assim, tanto o sal como o petróleo, a agroindústria e ainda a fruticultura e o comércio são atividades que têm influenciado no processo de organização do espaço da cidade. As políticas de habitação configuradas através dos conjuntos habitacionais também tiveram um papel importante na organização da malha urbana da cidade.

Mapa de Localização de Mossoró - RN

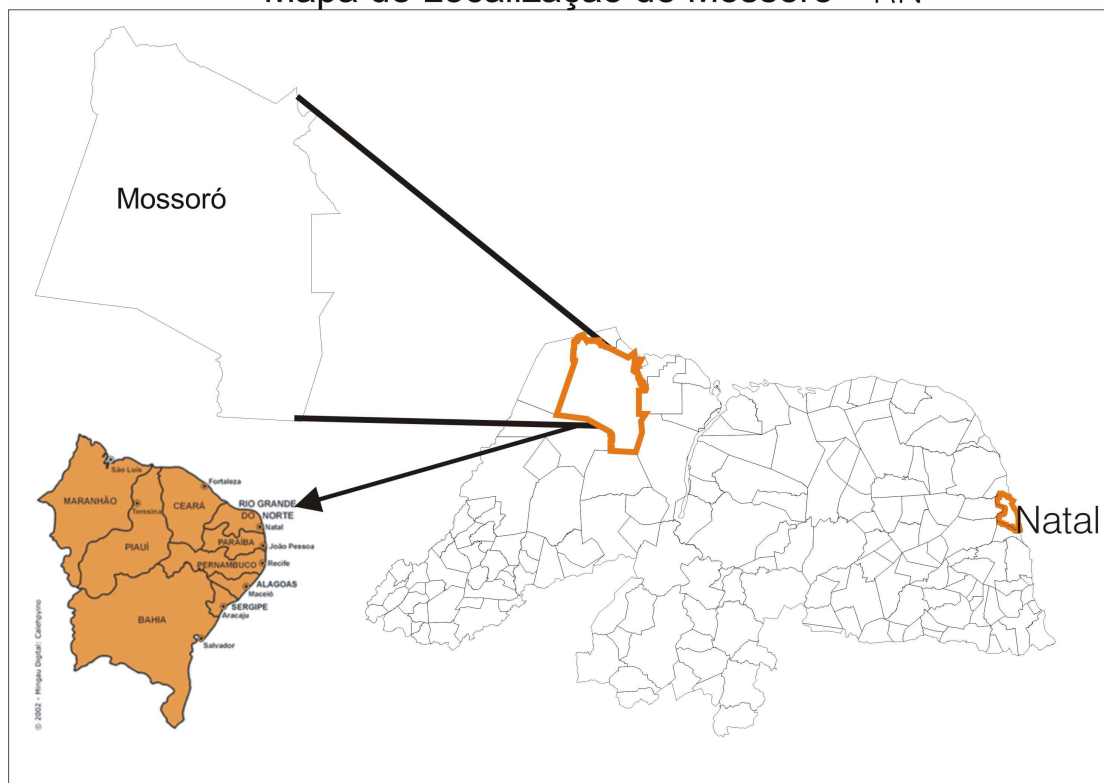


Figura I – Mapa de localização do município de Mossoró.

Nessa perspectiva, Mossoró lembra um mosaico em que a conformação das várias peças revela as diferentes temporalidades que se expressam no movimento da sua formação espacial. Uma das peças mais representativas desse mosaico é a área central da cidade. Esse espaço guarda com maior intensidade as marcas dos diferentes usos, tanto no que se refere à dinâmica sócio-econômica quanto no que diz respeito às sociabilidades, o que inclui os encontros e as festas.

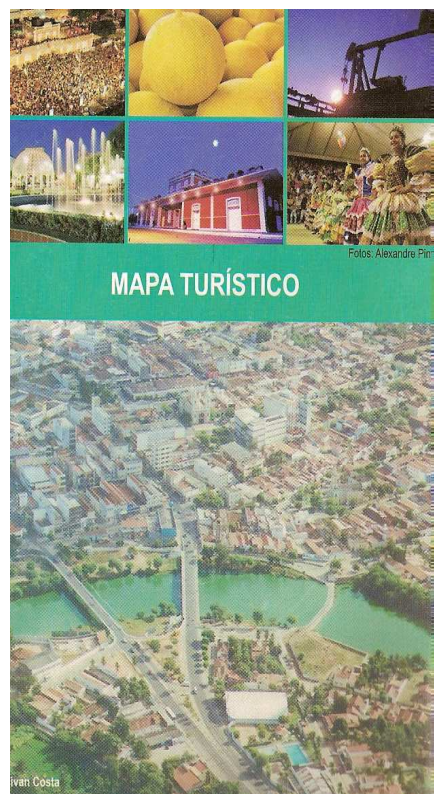


FIGURA 2: FOLDER DE DIVULGAÇÃO DA CIDADE DE MOSSORÓ – o concebido da cidade e das festas pela Câmara de Diretores Lojistas (CDL, 2005).

Nos últimos anos essa área central da cidade tem passado por um processo de (re)estruturação revelado através da (re)configuração, construção e embelezamento de praças, teatros, bibliotecas e outros equipamentos culturais. A esse processo vem se somando ainda a dinâmica festiva que se instala progressivamente nessa parte da cidade.

Entender quais são os elementos que estão influenciando esse processo é uma das formas de compreender como o espaço da cidade vem se organizando nesse determinado momento histórico da dinâmica do capital, no qual a cultura, como bem coloca Yúdice (2004), assume um valor de recurso. Embora essa característica mais global da dinâmica do capital não explique por si só os processos locais, ela os situa dentro de uma esfera maior de pensar os espaços das cidades.

Assim, para compreendermos um pouco essas “mudanças” que hoje se desenham na cidade, especificamente na área central, faz-se necessário detalhar, mesmo que de forma breve, os processos históricos que têm influenciado na sua organização sócio-espacial, bem como as ações dos atores sociais envolvidos, e, a partir daí, tentar

encontrar qual tem sido o papel das festas na recente dinâmica da cidade. É o que tentaremos fazer neste capítulo.

3.1- A formação sócio-espacial da cidade de Mossoró: Processos e atores

Classificada como o centro regional do oeste potiguar, Mossoró conta atualmente com 213.814 habitantes, sendo que 199.000 desse total está concentrada nos 27 bairros que compõem a zona urbana (figura 3), o que corresponde a 93% dos moradores do município. Estes dados inserem Mossoró na classificação de “cidade média” e contribuem para que a mesma ocupe a segunda posição na hierarquia urbana do estado.

Essa classificação de cidade média adotada está pautada nos critérios demográficos utilizados por Spósito (2001), a partir dos quais a cidade de porte médio está inserida no universo de população entre 100 e 500 mil habitantes. Ao mesmo em que usa esse termo para denominar as cidades que apresentam essas características, Spósito (2001), chama a atenção para o desafio enfrentado pelos pesquisadores que se dedicam a trabalhar as áreas urbanas não-metropolitanas. Afinal, “a cidade média não é nem a não metrópole, nem a metrópole em escala menor, embora haja muitas similitudes entre as dinâmicas sócio-espaciais que comandam a produção dos espaços nesses dois “entes” urbanos” (2001, p. 640).

Essa complexidade também é apontada por Santos (1993) quando destaca que a rede urbana brasileira é cada vez mais diferenciada, cada vez mais complexificada; cada cidade e seu campo respondem por relações específicas, próprias às condições da vida econômica e social de tal maneira que toda simplificação no tratamento dessa questão precisa ser superada. Nesse sentido, acrescenta ainda que houve tempo em que se podia tratar a rede urbana como uma entidade onde as cidades se relacionavam segundo uma hierarquia de tamanho e de funções. Esse tempo passou, segundo ele. “Hoje, cada cidade é diferente da outra, não importa o seu tamanho, pois entre as metrópoles também há diferenças” (Santos, 1993 p.53).

Nesse sentido, é possível dizer que cada cidade média apresenta uma característica específica, mesmo apresentando quantitativamente o mesmo número populacional que outras do mesmo porte. Assim, para compreendermos a dinâmica social de cada cidade se faz necessário adentrar na história da sua formação sócio-espacial e, nesse processo, conhecer o papel das suas elites econômicas e políticas, bem como os seus projetos de cidade. Essa necessidade se impõe especialmente quando tratamos das cidades médias nordestinas, onde há uma tendência da permanência de determinados grupos políticos no poder.

Mesmo apresentando especificidades, as cidades com características de porte médio expressam algo comum que é a sua relação com o espaço regional, visto que as mesmas cumprem o papel de suprimento imediato e próximo, requerido pelo seu entorno. Em muitos casos, a atividade urbana desenvolvida nestas cidades acaba sendo claramente especializada, graças às suas relações próximas e necessárias com a produção regional (Santos, 2002). Em se tratando de Mossoró essa função regional vai sendo demarcada em diferentes momentos e por diferentes razões, dentre as quais se inclui, no primeiro momento, a sua localização estratégica entre o sertão (espaço de produção) e o litoral (espaço de consumo e escoamento).

37°23'

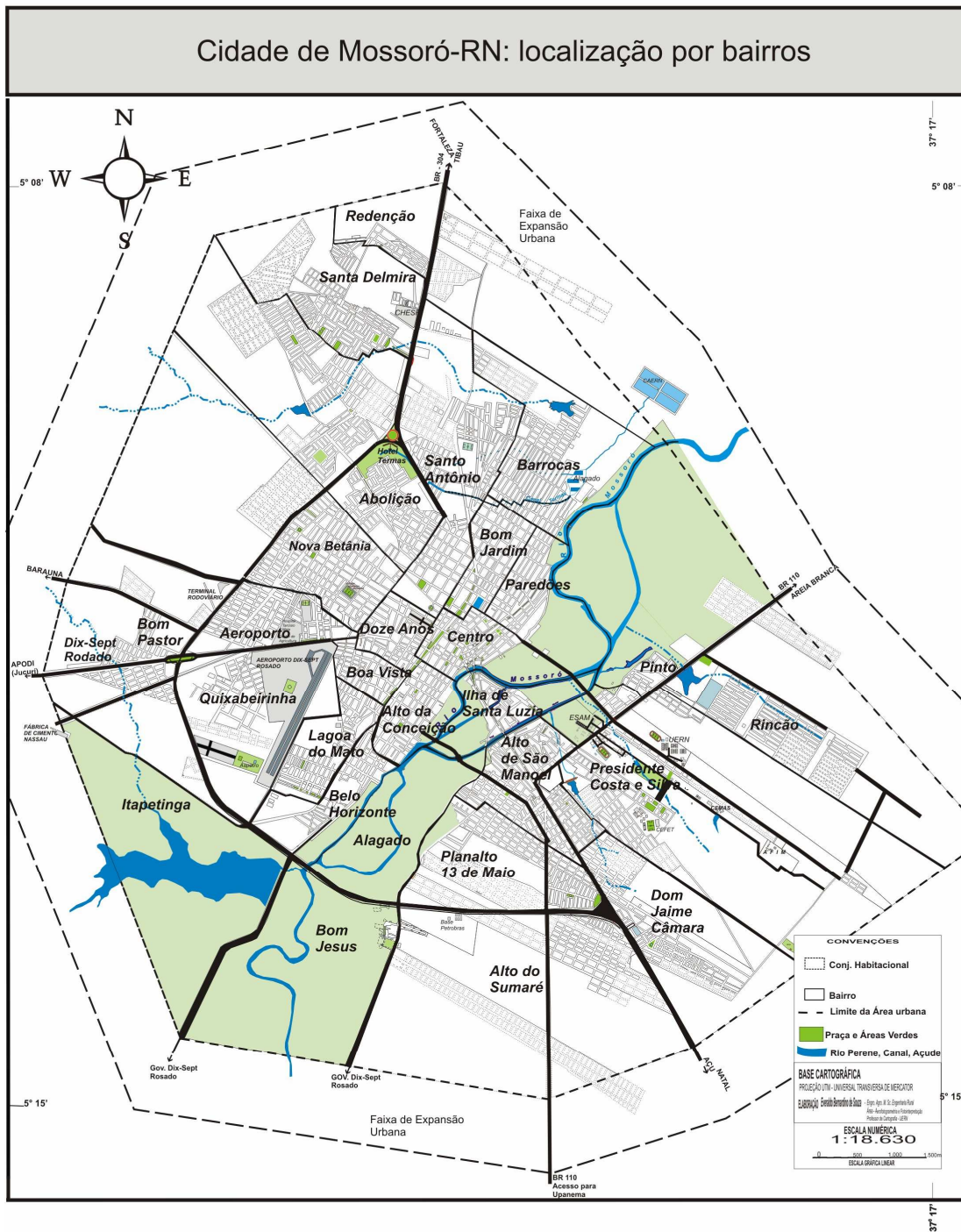


Figura 3 -Mapa por bairros da cidade de Mossoró.

Essa localização estratégica pode ser percebida a partir dos limites estabelecidos com os municípios potiguares de Grossos e Tibau ao *norte*, que são áreas litorâneas, e com os municípios de Governador Dix-Sept Rosado e Upanema ao *sul*, que são municípios com características predominantemente semi-áridas. A *leste* tem seus limites instituídos com os municípios de Areia Branca (também área litorânea), Açú e Serra do Mel e a *oeste* com Baraúna. (Figura 1).

Mossoró, como boa parte das cidades localizadas no interior nordestino, tem sua origem ligada às fazendas de gado, ou seja, à atividade pecuária. Esse processo que se inicia por volta da segunda metade do século XVIII se fortalece, sobretudo a partir da construção de uma capela em 1772. Ao redor dessa capela - atual catedral de Santa Luzia - forma-se gradativamente o povoado que, em 1870, recebe a denominação de cidade (Souza, 2001).

A proximidade do litoral e a incidência solar criaram as condições para que o sal se desenvolvesse na região. Assim, a existência de sal em abundância, atrelada com a atividade pecuária, possibilitou as condições ideais para a produção da “carne de sol” ou as chamadas “charqueadas” na cidade. Mas essa atividade acabou criando problemas com o consumo da carne “fresca” que era fornecida pelo Rio Grande do Norte à província de Pernambuco. Nesse período o Rio Grande do Norte ainda dependia administrativamente de Pernambuco, o que permitiu ao governador desta província proibir o funcionamento das oficinas de carne em Mossoró.

Apesar desse episódio, Mossoró se consolida gradativamente como empório comercial. A concretização desse processo tem como um dos marcos a chegada da Cia. Pernambucana de Navegação que passou a fazer escalas regulares das suas embarcações no Porto de Areia Branca, município localizado a 50 km de Mossoró e chamado, naquela época (1857), de “Porto de Mossoró”. Tal fato motivou a chegada de novos comerciantes à cidade, inclusive estrangeiros, fato que contribuiu para a dinamização do comércio local.

Alguns desses estrangeiros que instalaram comércio em Mossoró foram motivados pelos incentivos fiscais propostos pelo poder local. É o caso da lei nº 660 de 11 de junho de 1868 que estabelecia 5% de isenção para aqueles que lá se fixassem (Ferreira, 2000). Atraídos pelos incentivos locais, alguns imigrantes estrangeiros que estavam chegando ao Brasil, via Recife, bem como comerciantes até então estabelecidos em outros lugares do Nordeste, resolveram se instalar em Mossoró. É o caso do suíço Johan Ulrich Graf e de seus irmãos que se instalam em Mossoró em 1868. Nesse caso a ação da Igreja, configurada através do vigário local, foi tão decisiva que o governador da província chegou a isentar a CASA GRAF & CIA por três anos do pagamento dos impostos (Nonato, 1983).

Esses estrangeiros tiveram um papel preponderante na dinamização do comércio mossoroense, pois, juntamente com os seus capitais, trouxeram uma visão comercial mais avançada. e ainda as facilidades de conhecimento do mercado europeu. Essa concentração de capitais cria uma burguesia comercial “que produz uma cultura faustosa e refinada, extremamente cosmopolita” (Nonato *apud* Ferreira 2000, p. 41), pois data desse período a chegada das grandes companhias teatrais européias, tenores italianos, barítonos, que realizam gloriosas temporadas na cidade. Chegavam, ainda através do porto de Mossoró, clássicos da literatura.

Juntamente com os artigos manufaturados, os navios faziam chegar fragmentos de comportamento, detalhes do modo de vida, aspectos de uma cultura que fazia eco principalmente junto aos imigrantes estrangeiros, mas que se espraiava por toda a comunidade de negócios (Nonato *apud* Ferreira, 2000).

Nesse período é fundado *O Mossoroense*, jornal que passa a consolidar a visão e as ações dessa elite comercial. O anúncio retomado por Nonato do referido jornal naquele período revela esse compromisso: “No armazém francês encontrará o respeitável público um completo sortimento de fazendas inglesas, francesas, suíças e alemãs, assim como um grande sortimento de molhados que serão vendidos a dinheiro por preços nunca vistos nesta cidade” (Nonato, 1983, p. 66).

Essa dinâmica comercial acabou se consolidando contraditoriamente com a seca de 1877. Essa seca foi considerada um marco na história comercial de Mossoró: a partir de então a cidade evidencia sua posição estratégica, bem como seu papel comercial, pois nesse período passou a fornecer suprimentos para todo o oeste do estado e mesmo para uma parte do centro norte e do agreste rio-grandense.

Nesse processo, a cidade recebia quase todo o algodão, couro, queijo e manteiga dos sertões paraibanos. Farinha e feijão, milho e arroz chegavam ainda da Paraíba, de Pernambuco e do Ceará. Em sentido inverso seguiam sal, esteiras e chapéus de palha de carnaúba, velas de cera, cereais. Essa seca também provocou um processo migratório para Mossoró e o contingente populacional oriundo desse processo acabou sendo aproveitado como mão-de-obra barata pelos comerciantes da cidade (IBGE, 1971).

Por conta da seca o governo concentrou em Mossoró os recursos que seriam destinados para toda a região, tendo em vista o número de migrantes que a cidade havia recebido. Com o fim da seca, os comerciantes dispuseram de grandes capitais com os quais passariam a investir em outras atividades econômicas como, por exemplo, a atividade salineira. Assim, a concentração de capitais somada à utilização da mão-de-obra barata dos migrantes contribuiu gradativamente para a concentração de riqueza nas mãos das elites locais.

Em rápidos traços, como bem assinalam as palavras de Ferreira (2000), construiu-se a riqueza mossoroense nesse período. Riqueza que se converte em alavanca impulsionadora do padrão de vida das elites, e que foi sendo retirada diretamente da exploração dos inúmeros migrantes, e, ainda, do que foi adquirido na violenta especulação dos preços dos gêneros comercializados entre os negociantes e o governo.

Durante esse período de ascensão comercial o porto de fundo fluvial do rio Mossoró assume um papel importante. Nas descrições que Felipe (1982) elabora do espaço urbano de Mossoró são destacadas as heranças desse período, quais sejam: as ruas largas, a densidade de edifícios no centro comercial, os armazéns de sal, de

algodão, óleo de oiticica e cera de carnaúba. Contudo, a partir da construção da estrada de ferro (1915) o movimento do porto de fundo fluvial foi reduzido, embora já estivesse sendo registrada uma diminuição gradativa dos fluxos comerciais através do porto.

Essa redução da atividade comercial da cidade, que foi registrada por volta das primeiras décadas do século XX, teve uma relação direta com a demora na construção da estrada de ferro ligando Mossoró a outros municípios. A esse atraso acrescentou-se ainda a melhoria da rede de transportes e comunicações de outros centros urbanos. Isso acabou resultando numa retração progressiva da área de atuação de Mossoró na esfera regional, fortalecendo, ao mesmo tempo, a rede de viação cearense, como é o caso do comércio que foi drenado para Baturité, Crato e Jaguaribe, municípios localizados no estado do Ceará. Também para leste, Mossoró perdeu parte de sua zona de influência. A estrada de ferro Natal-Angicos capturou para Natal o comércio do centro norte e do agreste norte-rio-grandense, enfraquecendo ainda mais as atividades que ocorriam na cidade (IBGE, 1971).

Com o advento da era rodoviária, Campina Grande, localizada no agreste paraibano, passou a exercer uma influência avassaladora em grande trecho do interior sertanejo. Essa situação conduziu Mossoró a se inserir de uma outra forma na divisão territorial do trabalho. É nesse momento que surgem as agroindústrias, tendo quase todas sua origem ou alguma ligação com o capital comercial acumulado no período do “empório comercial” e/ou com a economia salineira que será fortalecida nesse período. Essa nova especialização industrial é influenciada pelos processos de industrialização do Centro-Sul, particularmente São Paulo (Felipe, 1982).

Essa atividade se materializa através das agroindústrias algodoeiras, das fábricas de óleo de caroço de algodão, de óleo de oiticica, de beneficiamento da cera de carnaúba e das moedeiras (refinadoras) do sal. O porto de fundo fluvial deixa de ser importante e as barragens submersíveis são construídas para semi-perenizar o rio no perímetro urbano e nas suas proximidades (Felipe, 1982). Esse processo vai influenciar diretamente na reorganização do espaço urbano da cidade, tanto no que se refere à instalação das unidades industriais, que vão se concentrar nas áreas próximas do rio e

próximas dos trilhos da linha férrea, quanto na formação dos bairros da cidade, como é o caso do Alto da Conceição, Pereiros, São Manoel e, ainda, o Doze Anos, bairros localizados próximos ao centro.

O fortalecimento dessas atividades acabou por intensificar o comércio local que, juntamente com os serviços de saúde e educação instalados ao longo da década de 1960 - como a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) e a Escola de Agronomia (ESAM), reforçou a força regionalizadora de Mossoró. Assim, com a crise da agroindústria que ocorre na década de 1960, e ainda com a mecanização das salinas, a cidade se utiliza da estrutura de serviços e procura dinamizar o comércio que passa a representar uma das atividades fundamentais na dinâmica da cidade, bem como no seu papel regional.

A crise da agroindústria que se instalou em Mossoró também se alojou nos demais municípios do Rio Grande do Norte reduzindo as unidades industriais, fechando as fábricas existentes nas cidades, embora os seus proprietários continuassem ricos por conta também das políticas públicas e dos incentivos fiscais do 34/18 que mecanizaram as salinas, criaram projetos e unidades produtivas como a MAISA, Mossoró Agro-Industrial- S.A, Fábrica de cimento NASSAU e outros (Felipe, 1982).

É neste momento de redefinição desta divisão territorial do trabalho que uma série de políticas e programas governamentais são dirigidos especificamente para Natal e Mossoró. A entrada destas duas cidades em alguns programas de investimentos urbanos, como é o caso daqueles destinados às cidades de médio porte, cria uma infraestrutura que condiciona o surgimento de atividades produtivas que vão sustentar a expansão urbana das duas cidades.

Essa preocupação com as cidades de porte médio está presente no II Plano Nacional de Desenvolvimento do Brasil, realizado em 1973, sobretudo no capítulo que se refere à Política Nacional de Desenvolvimento Urbano. Este capítulo, segundo as informações de Pontes (2001), traçava, no nível das macro-regiões brasileiras, as

estratégias concernentes aos centros urbanos de porte médio. Com relação especificamente ao Nordeste, a estratégia urbana visava:

O crescimento das atividades produtivas e a melhoria na infra-estrutura funcional e no equipamento social das capitais dos Estados e dos pólos secundários regionais; a dinamização dos núcleos urbanos regionais que exerceriam ou viriam a exercer funções da polarização do desenvolvimento regional através de apoio às atividades produtivas e dos investimentos em infra-estrutura urbana e equipamento social. A esses núcleos caberia importante função na contenção do processo migratório e no apoio às atividades agropecuárias e agroindustriais. (p. 570).

Por apresentar as características propostas pela Política de Desenvolvimento Urbano, Mossoró acabou sendo contemplada pelas políticas de desenvolvimento preconizadas pela SUDENE, embora a ênfase no processo de industrialização, que era ressaltada nessa proposta, não tenha se confirmado. Contudo, acabou criando uma infra-estrutura que condicionou o surgimento de atividades produtivas que vão sustentar a expansão urbana das cidades desse porte.

É nesse contexto que o terciário se fortalece como uma especialização necessária e vital para as cidades chamadas de “centros regionais”, contribuindo para que as mesmas exercessem um papel regionalizador. Santos e Silveira (2001), ao tratarem das cidades desse porte, destacam que o centro prestador de serviços conjuga em torno de si outros espaços, outras cidades e, nesse processo, cumpre o papel de suprimento imediato e próximo requerido pelo seu entorno.

No caso de Mossoró, essa economia terciária contribuiu para que a cidade se consolidasse como centro, tanto do comércio quanto de serviços da região oeste do Rio Grande do Norte. A concentração de instituições comerciais na área central, bem como a convergência dos fluxos para essa área da cidade, revela a importância desta atividade para a dinâmica local. O fluxo dos inúmeros veículos que chegam cotidianamente à área central conduzindo pessoas de municípios vizinhos que vêm comprar e utilizar serviços na cidade expressa bem essa dinâmica.

O registro feito pela prefeitura acerca das linhas de transportes alternativos existentes na área central da cidade demonstra essa interligação de Mossoró com outros municípios do Rio Grande do Norte. A partir do quadro I é possível verificar tais linhas e os pontos onde as mesmas se concentram na cidade.

QUADRO 1: LINHAS DE TRANSPORTES ALTERNATIVAS DE MOSSORÓ.

Municípios	Localização das Linhas na cidade de Mossoró
Apodi	Praça da Gazeta (Centro)
Assú	Subida Ponte do Alto de São Manoel - Rua Dr. Almeida Castro (Centro)
Serra do Mel / Areia Branca	Praça Antônio Gomes - Rua 30 de Setembro
Tibau / Grossos	Dr. Mário Negócio. (Centro)
Natal	Praça Getúlio Vargas (Centro)
Baraúnas	Ao lado da igreja de São Vicente (Centro)
Governador Dix-Sept Rosado / Caraúbas	Praça Alípio Bandeira (Praça do Alto da Conceição)

(Fonte: Elaborado a partir das informações fornecidas pela Prefeitura de Mossoró, 2005)

Além desses transportes “alternativos” localizados no centro da cidade existem também várias linhas de ônibus que saem cotidianamente da rodoviária da cidade para outros municípios do estado. Cotidianamente também saem ônibus para Natal, capital do Estado, e Fortaleza. A localização da cidade permite ainda que se tenha acesso direto aos ônibus que fazem linhas para João Pessoa e Recife. Essa ligação direta de Mossoró com as principais capitais nordestinas expressa a localização geográfica estratégica que cidade apresenta.

A utilização do comércio e dos serviços pela população dos demais municípios se justifica pela concentração dos estabelecimentos comerciais e de saúde existentes na cidade. Se compararmos o número de estabelecimentos comerciais e de serviços existentes em Mossoró com os municípios vizinhos, sobretudo aqueles que mantêm um fluxo diário com a cidade, como é o caso de Areia Branca, Governador Dix-sept Rosado, Baraúnas, Caraúbas, Grossos e outros, percebemos o papel que o comércio de Mossoró exerce na região oeste do Rio Grande do Norte (Quadro 2).

QUADRO 2: DISTRIBUIÇÃO DE ESTABELECIMENTOS COMERCIAIS

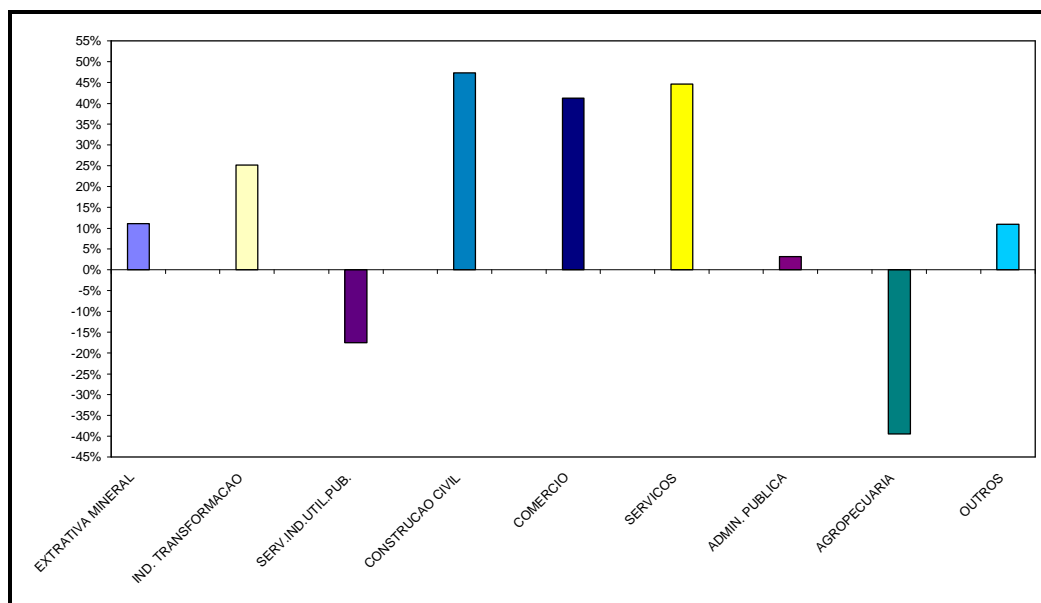
Cidades	Número de estabelecimentos comerciais.
Areia Branca	237
Apodi	211
Caraúbas	147
Gov. Dix-sept Rosado	34
Mossoró	2.736
Baraúnas	106

(Fonte: Elaborado a partir de dados do IBGE, 2001).

Essa participação do comércio na dinâmica econômica da cidade pode ser percebida também no que se refere à evolução do emprego, pois se observarmos o Gráfico 1 verificaremos que nos últimos cinco anos tem ocorrido um aumento de emprego no setor, embora tenha sido na década de 70 que o comércio teve seu momento de glória na cidade. Esse crescimento não se manteve nas décadas posteriores, especialmente entre 1980 e 1985 quando sofreu uma forte recessão. Segundo o

Diagnóstico do Plano Diretor de Mossoró - DPDM (2006), essa recessão esteve relacionada com as crises econômicas no país e o crescimento foi retomado somente em 1985.

GRÁFICO 1 – VARIAÇÃO NO EMPREGO ACUMULADA (2000-2005)



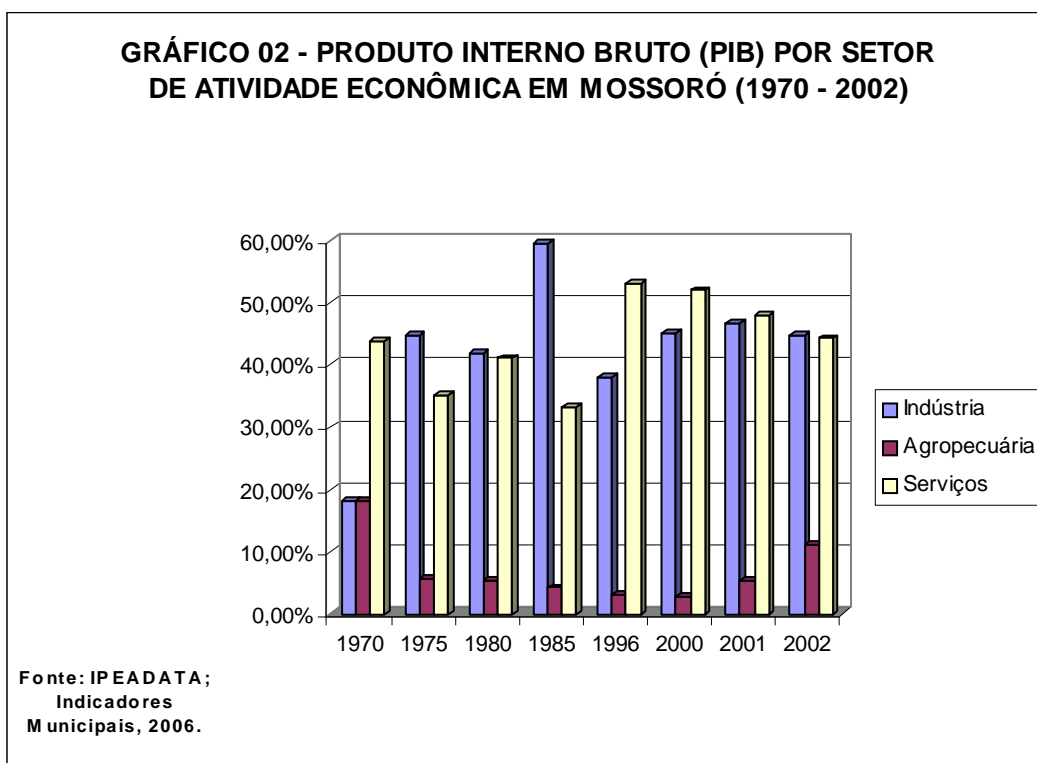
(Fonte: CAGED / Ministério do Trabalho, 2005)

Apesar de a recessão ter sido brusca, chegando à taxa de - 7,93% ao ano, ela não incidiu com força no PIB do município, devido principalmente ao seu volume ser pequeno em relação aos da indústria e serviços, e por estes terem tido boas taxas de crescimento neste período (DPDM, 2006).

Intercalando essas atividades ou, em alguns casos, reforçando-as, como é o caso do comércio e dos serviços na cidade, a extração de petróleo representa uma das principais atividades desenvolvidas nas duas últimas décadas no município. Esta atividade, que tem início na primeira metade da década de 1980, tem uma participação fundamental na indústria extrativista local e na arrecadação da receita do município. Os

dados divulgados no trabalho de Rocha (2005) apontam que, no período entre 1976 e 2003, foram arrecadados em torno de R\$ 1,3 bilhão e, em investimentos e custeio, em igual período, R\$ 14,8 bilhões.

Essa atividade tem contribuído ainda para a instalação de empresas prestadoras de serviços na cidade a exemplo da estatal Petróleo Brasileiro S.A. – Petrobrás-. O setor agroindustrial em que se destaca a produção de melão e de outras frutas tropicais também tem contribuído com o fortalecimento desse setor na cidade. Ver gráfico 2.



(Fonte: IPEADATA; Indicadores Municipais, IBGE/DPDM, 2006).

Além das arrecadações diretas referentes aos royalties, a atividade petrolífera ainda tem contribuído com projetos de reestruturação e construção de alguns equipamentos urbanos, como é o caso da construção do teatro Dix-Huit Rosado. A atividade petrolífera contribui também com a dinâmica da rede hoteleira que em geral é ocupada semanalmente por trabalhadores engajados nessa atividade.

Segundo as informações de Rocha (2005), no período de instalação da Empresa a área central da cidade não dispunha de muitos espaços para ocupação ou expansão, o que conduziu essas instalações para os bairros mais próximos, como o Alto de São Manoel e o bairro do Alto do Sumaré. Assim, com a construção definitiva da Sede Própria da Petrobrás, firmou-se a ocupação mais intensa do recém-criado “Alto do Sumaré” e “Planalto 13 de Maio” que, a partir de então, passaram a apresentar um maior contingente populacional. Além disso, toda a área próxima desses bairros torna-se um atrativo para a instalação de várias empresas por conta da proximidade com a Petrobrás.

Desse modo, tanto o petróleo quanto a atividade agroindustrial, salineira e terciária influenciaram ou ainda vêm influenciando mesmo que de forma diferenciada no processo de organização do espaço urbano de Mossoró. Na tentativa de situá-las na dinâmica da cidade, tentamos apresentá-las de uma forma sucessiva, embora saibamos das suas imbricações e simultaneidades, sobretudo no que refere aos atores sociais com elas envolvidos. Esses atores sociais que, ao longo dessa dinâmica, se consolidaram como burguesia local, geraram uma elite política capaz de representar seus interesses que na maioria das vezes prevaleceram em detrimento da exploração e da subordinação da maioria dos trabalhadores.

Todavia, este processo não ocorreu sem conflitos. Historicamente é possível identificar tensões, coalizões e questionamentos em torno dessa exploração a que foram submetidos os trabalhadores em Mossoró. É o caso do Sindicato do Garrancho que reuniu os operários de salinas em Mossoró, na década de 1930. Segundo Ferreira (2000), a formação desse sindicato marcaria o início da organização não apenas dessa categoria, mas de grande parte da classe trabalhadora mossoroense que posteriormente viria a tentar se expandir por toda a região oeste.

As lutas travadas por meio deste sindicato marcaram profundamente a história das lutas sociais em Mossoró, pois durante esse período qualquer tentativa de organização dos trabalhadores era respondida com violência. Assim, não foram raras as vezes em que os trabalhadores envolvidos com esse sindicato foram perseguidos pelas

elites dominantes, sobretudo por Rafael Fernandes, um dos seus maiores representantes. Rafael Fernandes também esteve à frente do combate que foi feito ao bando de Lampião em Mossoró e que resultou na morte de dois componentes do bando, um deles de maneira extremamente questionável, pois levanta-se a suspeita que ao ser capturado vivo, o cangaceiro chamado Jararaca foi posteriormente morto pela polícia.

Desse modo, a luta desses trabalhadores, embora calada pelas elites, expressa uma história de homens e mulheres pioneiros e corajosos que ousaram questionar o processo de exploração ao qual estavam sendo submetidos; para tanto tinham que se reunir “na calada da noite em casa de seus pares ou nos garranchos dos arredores da cidade adormecida, com o objetivo de traçar um ‘plano de ação’” que fosse de encontro à ordem estabelecida pelas elites (Ferreira, 2000). Não seria este um ato de pioneirismo, de coragem e liberdade?

Mas liberdade e coragem são qualidades que têm sido historicamente atribuídas às elites mossoroenses e às suas ações. Nessa direção, a libertação dos escravos ocorrida oficialmente em 30 de setembro de 1883, em Mossoró, destaca-se como o grande feito das elites. Em torno deste fato será criado um conjunto de representações que irá constituir-lo como o mito fundador da cidade.

No processo de construção desse mito serão mobilizados desde a linguagem escrita até os rituais comemorativos, como o dia 30 de setembro na cidade. Inclusive, data desse período (1883) uma das maiores comemorações que a cidade já vivenciou. Desde de então estas manifestações passaram a fazer parte do calendário festivo da cidade e todos os anos no mês de setembro a idéia de liberdade é (re)atualizada.

À abolição dos escravos foram se somando outros fatos, que se tornaram eventos comemorados, como é o caso do Motim das Mulheres, ocorrido em 1885, a vitória da cidade sobre Lampião, em 1927, e ainda o primeiro voto feminino, em 1928. Através da representação desses fatos as elites mossoroenses foram construindo o ideal de uma sociedade libertária e corajosa.

Os Rosados, grupo oligárquico-familiar que surge como poder político local a partir de 1946, percebem a força desses símbolos já cultuados pelas elites que os antecederam e passam então a se apropriar dessa memória da cidade. A partir desses referenciais os Rosados se colocam “como os guardiões da memória da cidade, os “animadores culturais” que, através das festas cívicas, solenidades e outros rituais, mantêm o culto aos heróis do passado e ajudam no nascimento dos novos mitos que fazem a luta do tempo presente” (Felipe, 2001:25).

Para os Rosados, a memória é instrumento político que os mesmos usam para alavancar sentimentos de rebeldia, de resistência e de amor à liberdade, mas, também, para impor conformidades e criar uma idéia de que eles são os predestinados pelas forças do passado a gerir essa sociedade e viabilizar os sonhos dos ancestrais que pensaram Mossoró como um centro cosmopolitano (Felipe, 2001)

Todas essas solenidades e rituais implementadas tanto pelas primeiras elites econômicas e políticas da cidade quanto posteriormente pelos Rosados tiveram a área central como palco, pois historicamente o centro da cidade foi o espaço de convergências da dinâmica social da sociedade mossoroense, seja no que se refere às questões econômicas, seja no que se refere às sociabilidades. Assim, compreender um pouco mais a dinâmica desse espaço é um dos caminhos para se entender a dinâmica social da sociedade mossoroense. É o que tentaremos fazer nos tópicos que se seguem.

3.2 - A constituição da área central de Mossoró: espaço de convergência dos encontros e das festas.

No momento em que tratamos da formação sócio-espacial da cidade de Mossoró destacamos a importância da construção da capela em 1772. Esse espaço onde foi construída a capela - atual catedral - acabou se constituindo como a área central da cidade. Assim, nas imediações da antiga capela se encontram atualmente localizados o Mercado Público, situado atrás da catedral, a antiga praça da matriz, hoje Praça Vigário Antônio Joaquim, localizada na parte frontal da igreja, a agência central do Banco do

Brasil, instalada ao lado esquerdo, e ainda a Câmara dos Vereadores e a Rádio Rural da cidade, ambas localizadas ao lado direito da catedral.

Percorrendo a Avenida Dix-sept Rosado que perpassa esse quadrilátero defrontamo-nos com o cinema Pax, com a Praça Rodolfo Fernandes e ainda com grandes magazines de referência, tanto regional, quanto nacional. Lojas de tecido, de sapatos e de variedades também são encontradas, bem como shoppings que, embora de pequeno porte, abrigam lojas de grifes sofisticadas. A presença dessas *grifes* e ainda dos *magazines* de referência nacional e regional revela a ligação do comércio local com a dinâmica mais global do capital.

O fluxo de pessoas e veículos nessa área da cidade é muito intenso e se acentua mais ainda com a chegada e a saída de carros conduzindo pessoas de municípios vizinhos. Esta concentração de equipamentos urbanos, de pessoas e de mercadorias, revela a importância que este espaço exerceu no processo de formação da cidade. Foi neste espaço onde se instalaram os primeiros estabelecimentos comerciais, as primeiras instituições públicas e ainda as residências dos grandes comerciantes.

Ao falar da dinâmica espacial dessa parte da cidade, no final do século XIX, Nonato (1983) destaca a beleza das arquiteturas residenciais existentes no local, muitas delas revelando a situação economicamente privilegiada dos comerciantes, pois se apresentavam como:

(...) grandes mansões que remanesciam da era colonial, com largas fachadas, onde se abriam portas e janelas, com platibandas salientes, de onde pendiam, agressivamente, os famosos canos de jacaré, que davam vaza às águas pluviais roladas dos telhados durante os temporais, sempre acompanhados de fortes trovoadas, não raro de alguns raios fulminantes (p. 68).

Ao falar do uso dos edifícios naquele período, o referido autor chama a atenção para um pequeno sobrado localizado na Praça da Matriz - hoje Praça Vigário Antônio Joaquim - que ficava na rua do Comércio onde dois comerciantes eram os

donos de uma fábrica de cigarros denominada “Nova Esperança”. Neste ponto, no pavimento térreo, por muito tempo funcionou a tipografia do jornal *O Nordeste*.

Ainda com referência ao uso dos edifícios, Nonato (1983) nos fala de um outro pequeno sobrado na rua Coronel Gurgel que, por muito tempo, foi utilizado como residência. Posteriormente, este sobrado deu espaço à oficina e redação do *Correio do Povo*. Mais duas outras edificações são destacadas pelo referido autor: O Prédio da Loja Maçônica “24 de Junho”, entidade onde, segundo ele, “nasceu a Abolição”, e o sobrado da cadeia velha, construído no período das secas de 1877, onde funcionava a Câmara Municipal de Mossoró. Essa cadeia pública recentemente foi reestruturada e hoje dá lugar ao Museu Histórico Municipal de Mossoró.

Lugar das residências dos comerciantes, dos estabelecimentos comerciais e das instituições públicas, o centro da cidade, no final do século XIX, era também o lugar dos encontros e da festa. Essas festas, embora pontuadas furtivamente pelos diferentes autores, podem ser identificadas em alguns momentos das descrições que os mesmos fazem da cidade. Em um desses momentos, Nonato (1983) aponta que o caráter festivo da cidade se apresentava na própria dinâmica comercial que ela apresentava nesse período. Nessa direção, argumenta que:

(...) A grandeza explicava-se pela sonora movimentação comercial, repercutindo longe, como longínquo anúncio de festa (...) Veteranos de ida e vinda derramavam a fama dos assombros vistos e rega-bofes saboreados na “cidade sem fim”. Muitos rapazes lhe deviam a iniciação paladar do sexo, a cerveja, o pão, a “muié dama”, a facilidade dos contactos com as mulheres solteiras (...) (Nonato, 1983, p. 71).

Embora, para alguns, Mossoró fosse o lugar da busca da festa profana, era pela festa sagrada que era conhecida, a exemplo das tradicionais festas de Santa Luzia, sempre mencionadas pelo jornal *O Mossoroense*. É o caso do anúncio feito no dia 1º de janeiro de 1873: “No dia 1º/01/1873 vai ter lugar na Igreja desta Parochia a festa solemne da Padroeira da Freguezia feita a expensas dos fieis devotos, isto é, do

commercio desta cidade, para cujas bolsas apella ordinariamente a generosa solitude do nosso bom Parocho”.

A festa de Santa Luzia era sempre esperada pela população, e quando não acontecia era motivo de reclamação. Foi o que aconteceu no ano de 1860 em que, por motivo não explicado, a festa não aconteceu. Também não ocorreu festa em 1865, quando a igreja passava por uma reforma, e em 1935, momento em que o Padre Mota, então vigário da catedral, decidiu pela não ocorrência da festa. O motivo alegado pelo padre fazia referência à Intentona Comunista deflagrada em Natal. Na ocasião a reclamação foi expressa dessa forma: “Mas já se viu que coisa! Agora, não tendo mais a quem perseguir, o padre Mota mete Santa Luzia na Política! Quanto mais se precisava de reza, ele manda fechar a igreja. E ainda tem quem fale de uns ateus de meia-cara que andam por aí” (Nonato, 1983:44).

Ainda no final do século XIX foi registrada uma das maiores festas da cidade. Essas festividades que duraram sete dias seguidos celebraram a abolição dos escravos em setembro de 1883. Na descrição minuciosa feita por Nonato (1983) dessa festa, é destacada a presença das procissões cívicas denominadas de “procissões da liberdade” e que chegaram a congregar 3.000 pessoas. Essas procissões visitaram várias praças, embora tenha sido na Praça da Liberdade, hoje denominada Praça da Redenção, que ocorreram os vários discursos sobre a liberdade dos escravos. Essa praça foi restaurada e ao lado dela foi instalada a biblioteca pública da cidade, tendo como edifício o antigo prédio na União Caixerai, construído para funcionamento do curso técnico da cidade.

As festas também se expressavam através das tradicionais bandas de música, das exposições das peças teatrais (Casudo, 1967), algumas delas trazidas pela elite comercial de Mossoró, como já destacamos no tópico anterior. Muitas dessas peças eram anunciadas no jornal *O Mossoroense*. É o caso do drama “O grito da consciência” e da “Comédia dos ímpares” que se apresentaram em 11 de agosto de 1906 no teatro da cidade. Na ocasião foi comentado no jornal que o teatro estava quase cheio. Em janeiro

de 1904 também são mencionadas algumas peças no jornal *O Mossoroense*, embora, nesse caso, não tenha sido mencionado o nome do espetáculo.

Em 1905 o jornal faz referências aos carnavais nos clubes *Dos 12*, *Pimpão*, *Coió e Philarmônica*. A festa também é apresentada nas descrições que Fernandes (1985) elabora sobre Mossoró em 1927. Nessa descrição, que às vezes nos parece um pouco idealizada, o autor nos fala das tradicionais festas juninas que eram realizadas nas residências, fala também das mesas fartas (nesse momento acreditamos que o autor estava se referindo à festa das elites) de comidas de milho, de pé-de-moleque e outras comidas do gênero.

Fernandes (1985) faz um relato ainda das festas natalinas e das entradas de ano novo na cidade, nas quais as pessoas se encontravam em frente ao mercado Municipal onde filas de quiosques estendiam-se por toda praça. Os tabuleiros “cobertos de toalhas brancas e limpas, iluminados à luz de lamparinas, expunham à venda apetitosas broas, raivas, beijus, cocadas, sequilhos, pão doce, tapioca de coco, bolachas polvilhadas de canela e um sem número de guloseimas”. Na matriz, nos colégios, em certos lares, presépios artisticamente armados atraíam visitantes curiosos (Fernandes, 1985, p. 28).

Nesse período eram exibidos filmes mudos no cine-teatro Almeida Castro. Esses filmes muitas vezes eram acompanhados ao piano e ao violino que entoavam as valsas Danúbio Azul e Royal. Na praça matriz nos dias de feriados a banda de música da prefeitura costumava se apresentar tocando dobrados, valsas, xotes e maxixes. Nessas ocasiões os jovens se apresentavam com as suas melhores roupas; era o momento em que os namorados se encontravam (Fernandes, 1985).

Contudo, muitas dessas festas não eram vivenciadas pela maioria da população, sobretudo os trabalhadores, como as festas que ocorriam nos clubes e os espetáculos que eram apresentados no teatro, assim como os filmes que eram exibidos no cinema, restringindo, assim, as formas de lazer na cidade.

Nesse cenário de poucas festas, as reuniões do Sindicato do Garrancho, ocorridas ao longo da década de 30, pela intensidade de seus debates resultantes do encontro dos trabalhadores, transformavam-se em “festa”, como bem sugere o comentário de Ferreira:

(...) porque para o trabalhador não havia diversão, lazer. A própria reunião do sindicato se transformava em festa para eles. Pessoas de outras categorias também participavam dos debates, havia também elementos da rua, do povo, que compareciam por curiosidade (2000, p. 105).

Esses encontros transformavam-se em eventos importantes para os trabalhadores, pois era o momento em que eles se reuniam não só para pensar a sua condição de trabalhador, mas também para ouvir notícias de outros mundos que vinham através das falas dos oradores; por isso, eram muito concorridos, muita gente tinha de ficar do lado de fora da sede, no meio da rua, pelas calçadas. Contudo, esse tipo de encontro foi gradativamente sendo minado pela burguesia local até que, em 1936, foi completamente calado (Ferreira, 2000).

É nesse processo de inclusão e exclusão de determinadas manifestações festivas que as festas foram sendo consolidadas e impressas no calendário da cidade, embora algumas tenham recebido historicamente atenção especial por parte das elites locais e também do Estado, como é caso das comemorações do dia 30 de setembro. Essas comemorações já fazem parte do calendário de festas desde 1883, embora a festa da padroeira seja aquela que aparece como a mais antiga, pois está presente no calendário da cidade desde os primeiros anos da construção da capela, em 1772.

Compondo o calendário de festa da cidade encontramos também as festas juninas; estas pouco citadas nos relatos históricos existentes sobre Mossoró. Entre os registros encontrados sobre essas festas temos os relatos de Fernandes sobre Mossoró nos anos de 1927. Nesse relato essas festas já são consideradas tradicionais, o que nos leva a crer que já faziam parte do cotidiano da cidade antes mesmo desse período.

Recentes entrevistas com pessoas mais idosas, como a Sra. Dadá, de 98 anos, falecida no período em que realizamos a pesquisa, nos revelaram que as comemorações juninas eram feitas nas residências, normalmente nos dias dos santos homenageados. Na festa, a fogueira e um cantador de viola eram as atrações mais comuns.

Assim, é possível dizer que os festejos juninos ficavam circunscritos às residências, e, em alguns casos, aos bairros, a exemplo dos festejos que ocorrem no bairro Doze Anos desde os idos de 1960. Por outro lado, as comemorações do dia 30 de setembro e a festa de Santa Luzia sempre ocorreram no centro da cidade. Através dessa centralidade espaço-temporal das manifestações do dia 30 de setembro, a idéia de liberdade tem sido atualizada, valorizada e representada e, junto com ela, as elites locais que a proclamam.

Ao longo desse processo, outros fatos e sujeitos históricos foram sendo subalternizados e invisibilizados, expressando a própria dinâmica das representações através das quais há sempre presenças e ausências naquilo que é representado (Lefebvre, 1983). Considerando que as representações são produzidas no jogo das relações de poder, podemos verificar que os elementos que estão presentes nas representações são produzidos por aqueles que detêm o poder de falar pela cidade.

No caso dos Rosados, esse poder de falar pela cidade se expressa tanto através da palavra escrita - os livros da coleção mossooreense e em alguns jornais, como o "*O Mossoroense*" - como da oralidade expressa através das emissoras de rádio, dos palanques, das campanhas políticas e dos discursos impressos nas festas cívicas da cidade.

É através dessa imagética, como bem coloca Felipe (2001), que os Rosados, que são conservadores, projetam uma imagem de progressistas e, nessa dialógica de acomodação dos contrários, criam um culto à liberdade, quando a sua prática política passa por uma liturgia de dominação de pessoas e instituições. Mas, esse endurecer é

sempre justificado pelas vozes do passado ou pelo “amor a Mossoró”, ou ainda, pelo sacrifício de toda família que se dedica única e exclusivamente à cidade.

Essa representação dos ideais de liberdade e coragem tem sido cada vez mais impressa nos rituais festivos, a exemplo das festas juninas, nas quais a vitória da cidade sobre Lampião mais uma vez é encenada através do espetáculo “Chuva de Balas no País de Mossoró”. Essas festividades juninas, que antes ocorriam nos bairros, têm ocupado uma centralidade espaço-temporal na cidade e têm sido transformadas em uma grande festa que ocorre durante todo o mês de junho.

Assim, gradativamente as festas vêm sendo apropriadas como uma das formas de representação dos referenciais das elites locais. Contudo, como já vimos, a festa é maior do que a apropriação que se possa fazer dela e, embora ela esteja sendo usada como forma de representação da cidade, e, conseqüentemente, dos referenciais que legitimam as elites, ela também permite ao mesmo tempo o encontro dos diferentes sujeitos sociais, potencializando, assim, o poder de tensão e resistência que a mesma congrega.

Contudo, esse potencial de tensão e resistência que a festa congrega está sendo gradativamente “diluído” pela espetacularidade a que ela é submetida, visto que uma das características do espetáculo é resumir e condensar através da imagem a dinâmica social. Além da espetacularização, a festa, e, em especial, os festejos juninos, vêm sendo submetidos a uma centralidade sócio-espacial nos últimos dez anos. Esse processo tem tido impacto nas festas já existentes na cidade.

Assim, se faz necessário situar e, ao mesmo tempo, discutir o papel que as festas vêm ocupando na atual dinâmica da cidade, bem como a sua relação com as transformações vivenciadas pela área central. O tópico seguinte é uma tentativa de pensar estas questões.

3.3 - O centro e as festas: (re)configurações e (re)invenções

Local da convergência dos fluxos comerciais, do encontro e das festas, o centro de Mossoró e suas imediações vêm passando por uma (re)configuração espacial nos últimos dez anos. Essa (re)configuração se expressa tanto através da (re)estruturação de espaços estratégicos, como é caso das principais praças, quanto da restauração e construção de equipamentos culturais a exemplo dos teatros, bibliotecas e museus.

Dentre esses equipamentos reestruturados podemos destacar a antiga Estação de Trem, transformada em local de eventos culturais e atualmente denominada de Estação das Artes; o antigo prédio da União Caixerai, que foi transformado em biblioteca pública, e a restauração das várias praças da cidade, como é o caso da Praça Vigário Antônio Joaquim, antiga Praça da Matriz, da Praça da Redenção, antiga Praça da Liberdade, e, ainda, da Praça Rodolfo Fernandes, dentre outras; esta última utilizada de quando em vez como imagem representativa da cidade nas vinhetas do programa do Jô Soares da rede Globo. A partir das figuras (4 e 5) é possível visualizar um desses processos de (re)estruturação.



FIGURA 4 - ANTIGA ESTAÇÃO DE TREM DA CIDADE NA DÉCADA DE 1980. (Fonte: Prefeitura de Mossoró, 2005).

FIGURA 5 - ESTAÇÃO FERROVIÁRIA RESTAURADA, ATUAL ESTAÇÃO DAS ARTES - Espaço onde ocorrem as festas. (Fonte: Prefeitura de Mossoró, 2005).



A renovação e o embelezamento desses espaços têm sido seguidos pela construção de outros, como é o caso do Teatro Municipal, que envolveu R\$ 6.500.000,00 no seu processo de edificação, e a de um grande ginásio de esportes, ambos construídos em parceria da prefeitura com a Petrobrás (Figuras 6 e 7).



FIGURA 6 - GINÁSIO DE ESPORTES PEDRO CIARLINE, recentemente construído - 2004. (Fonte: Prefeitura Municipal de Mossoró, 2004).

FIGURA 7 - TEATRO DIX-HUIT - construído em 2004. (Foto: Divulgação da Prefeitura Municipal de Mossoró, 2004).



A (re)reestruturação e a construção de espaços e equipamentos na área central tem modificado a sua paisagem, redefinindo os usos, as funções e o valor do solo nessa porção da cidade. A construção de prédios residenciais nessa área é uma dessas expressões, que pode ser percebida tanto nas proximidades dos equipamentos que foram (re)estruturados, como é o caso dos condomínios comerciais e residenciais

construídos nas áreas que circundam a Estação das Artes e o teatro (Figura 8), quanto nas outras partes do centro (Figura 9).

Nessas áreas é comum encontrar arquitetura de prédios modernos contrastando com prédios antigos, demonstrando, assim, as diferentes temporalidades que se expressam na paisagem de algumas porções da cidade, sobretudo no centro. Esse processo de verticalização verificado tanto no centro como nas outras áreas da cidade, tem incidido no crescimento do setor da construção civil, o que pode ser verificado através das informações contidas no Gráfico 1, apresentado anteriormente.



FIGURA 8 - VERTICALIZAÇÃO PRÓXIMO A ESTAÇÃO DAS ARTES E ENTORNO. (Fonte: Robson Filgueira, 2006).



FIGURA 9 - PRÉDIO RESIDENCIAL RECENTEMENTE CONSTRUÍDO NA ÁREA CENTRAL DA CIDADE. (Fonte: Robson Filgueira, 2006).

Muitos desses espaços e equipamentos (re)estruturados e construídos no centro de Mossoró passaram a sediar predominantemente atividades culturais. Embora,

muitas dessas atividades não sejam vivenciadas pelas pessoas que residem nas áreas mais periféricas, seja pelas dificuldades de acesso a transporte, seja pela ausência de referência identitária com esses espaços na cidade. Percebemos esse aspecto ao longo do nosso trabalho de campo, pois ao serem questionados sobre os referenciais espaciais que simbolizam o sentimento de liberdade na cidade, os entrevistados, em sua maioria, destacaram o seu próprio bairro como o lugar com que mais se identificam.

Assim, apesar de guardarem símbolos da liberdade historicamente representada na cidade, esses espaços não apresentam significado para a maioria dos moradores que residem nos bairros mais periféricos, embora eles admirem a beleza que os mesmos expressam. Nesse sentido, percebemos um distanciamento entre esse processo que hoje se instala nas áreas mais centrais da cidade e os espaços mais periféricos. Através da Figura 10 podemos visualizar melhor a espacialização desses espaços e equipamentos reestruturados e construídos na área central da cidade.

Localização dos Espaços e Equipamentos contruídos e re-contruídos na Área Central da Cidade de Mossoró - RN

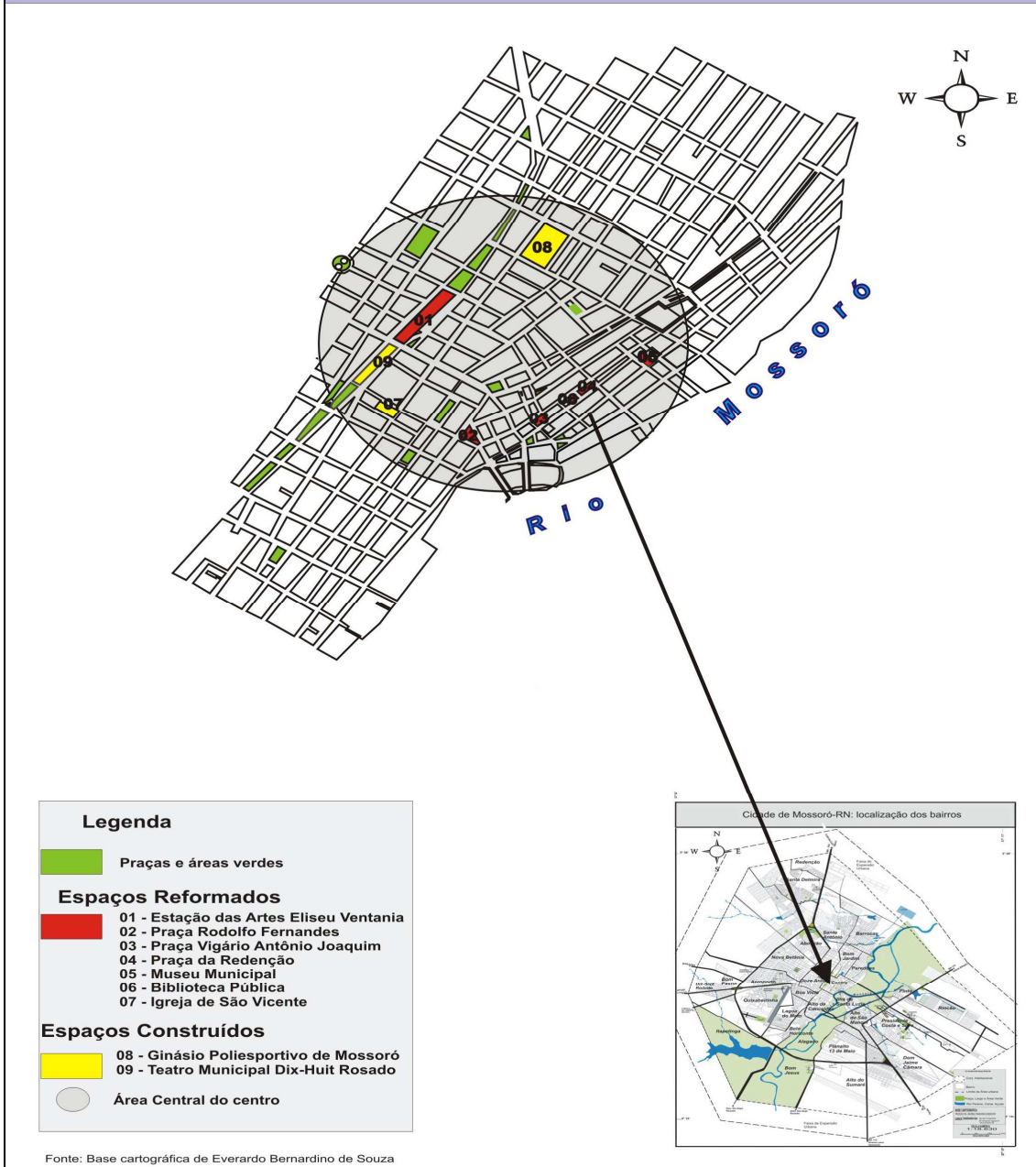


Figura 10 – Localização dos espaços construídos e reformados na cidade na área central da cidade

Juntamente com esse processo de (re)estruturação de equipamentos urbanos existe um investimento em torno dos eventos festivos na cidade. Esses investimentos se expressam tanto através da estrutura criada para os eventos, quanto por meio da publicidade que tem sido produzida em torno das festas e das atrações que as mesmas congregam, dentre as quais se destacam a participação das várias bandas, dos diferentes cantores(as) que são convidados a se apresentar durante as comemorações, sobretudo do dia 30 de setembro e das festas juninas. Tais investimentos na dinâmica festiva podem ser percebidos ainda por intermédio do material de divulgação que é distribuído ao longo das festas (Figuras abaixo).



FIGURA 11, 12 e 13 - DIVULGAÇÃO DA PROGRAMAÇÃO DAS FESTAS EM MOSSORÓ - São João, Chuva de Balas e Auto da Liberdade (Fonte: Prefeitura de Mossoró, 2004-2005).

A possibilidade de investimento nesses eventos tem ampliado a realização de outros eventos na cidade, dentre as quais se incluem as feiras. O quadro 3 nos situa melhor acerca dessa dinâmica festiva na cidade.

QUADRO 3 – CALENDÁRIO ANUAL DAS FESTAS E FEIRAS NA CIDADE

Mês	Festas e Feiras	Tema das festas e feiras	Espaços privilegiados
Junho	Mossoró Cidade Junina	São João/ São Pedro e Sto. Antônio. Festa onde é encenada a vitória da cidade sobre o bando de Lampião.	Estação das Artes/ Igreja de São Vicente - Área central da cidade.
Julho	Festa do Bode	Feira Agropecuária - Exposição de caprinos e ovinos.	
	Mossoró Air Fest	Evento que reúne aeronaves oriundas de várias partes do país e inclui apresentação de pára-quedistas e da Esquadilha da Fumaça.	Aeroporto Dix-Sept Rosado.
	Mossoró Moto City	Evento que reúne usuários do motociclismo e inclui exposição de motos e várias outras atrações em torno do tema.	Estação das Artes - Área central da cidade
Agosto	FICRO – Feira Industrial e do Comércio do Oeste	Evento que reúne os segmentos da indústria, comércio e serviços do Rio Grande do Norte com expositores de todo o Nordeste.	Estação das Artes – Área central da cidade.
	EXPOFRUIT	Evento que reúne produtores da fruticultura irrigada nordestina. Momento de exposição da produção de frutas tropicais: melão, caju e banana.	Campus UFERSA, antiga Escola da Agronomia
Setembro	Carnativa	Carnaval fora de época com bandas e vários trios elétricos.	Centro da cidade
	Espectáculo Auto da Liberdade e a parada cívica no dia 30 de Setembro.	Encenação ao ar livre que trata dos principais acontecimentos históricos de Mossoró: O voto feminino, O motim das mulheres, A libertação dos escravos e A resistência ao bando de Lampião.	Estação das Artes - Área central da cidade.
Outubro	Vaquejada Porcino Costa	Evento que faz parte do calendário nacional de vaquejadas.	Porcino Parque Center
Dezembro	Festa da Padroeira.	Santa Luzia	Catedral da cidade. Praça da Matriz - Área central da cidade.

(Fonte: Elaborado pela autora a partir de pesquisa de campo realizada em 2004 e 2005 e através das informações colhidas no Diagnóstico do Plano Diretor da cidade, 2006).

Como se pode observar, dos dez eventos relacionados, seis estão diretamente relacionados à área central da cidade e aos seus projetos de reestruturação, incluindo aí os três eventos de maior público, como a Festa Junina, o Auto da Liberdade e a Festa de Sta. Luzia.

Mas qual a relação entre essa (re)estruturação da área central da cidade e a (re)invenção da dinâmica festiva? Quais os elementos que têm influenciado este processo? A entrevista com o então Presidente da Fundação de Cultura do município nos aponta alguns elementos para pensarmos esta questão:

(...) a cidade chegou a um ponto que tinha que ter esses equipamentos, a cidade não podia ser conhecida lá fora sem dizer que tinha um teatro, não é? A cidade não podia ser conhecida lá fora sem dizer que tinha um ginásio pólio esportivo, porque esses eventos naturalmente iam levar a cidade, o nome, ela ia extrapolar os muros do estado e realmente extrapolar. E com isso nós achamos que sim, redimensionou a cidade como um todo, principalmente os equipamentos que foram colocados. Já estão aí, a renovação das praças, esses equipamentos que estão sendo renovados aí. Mossoró passou a ter não só um teatro, mas passou a ter cinco teatros (...) Mas nós achamos que a renovação da cidade e essa amplitude da cidade, ela tem tudo a ver com a cultura, quer dizer não foi em vão que a Prefeita agora, em 2004, recebeu um prêmio do SEBRAE como prefeito empreendedor, porque entendeu que a cultura era um resultado positivo, hoje nós investimos 5% em cultura (...). (Gonzaga Chimbinho, entrevista concedida em jun/2005).

Ao longo da entrevista o representante da Fundação de Cultura da cidade acrescentou que havia participado de uma reunião no Ministério da Cultura na qual ficou claro que a cultura popular na globalização pode ser a grande vertente da cultura brasileira a ser estimulada, e que para tanto foi criada uma Secretaria de Identidade e Diversidade Cultural. Sobre este processo, completou: “Não deixa de ser uma espécie de louvação à cidade, não é? E com essa louvação vem de novo a auto-estima, de quem vem para cá gostar, porque vai encontrar um povo hospitaleiro, vai encontrar conhecimento histórico importante da cidade” (entrevista concedida em jun/2005).

Esta entrevista aponta duas questões a serem pensadas. A primeira diz respeito à idéia da cultura como recurso. A segunda, que está intrinsecamente ligada à primeira, refere-se à utilização da cultura como estratégia de renovação da cidade, presente no projeto estratégico que vem sendo pensado para as cidades. Com relação à primeira questão, são interessantes as reflexões de Yúdice que caracterizam a questão cultural do “nosso tempo como uma cultura da globalização acelerada, como um recurso” (Yudice, 2004:25). Para fundamentar sua argumentação retoma pronunciamentos feitos pelo representante do Banco Mundial, James D. Wolfensohn:

A cultura material e expressiva é um recurso subvalorizado nos países em desenvolvimento. Ela pode gerar renda através do turismo, do artesanato, e outros empreendimentos culturais (Banco Mundial, 1999^a:11). “O patrimônio gera valor. Parte de nosso desafio mútuo é analisar os retornos locais e nacionais dos investimentos que restauram e extraem valor do patrimônio cultural – não importando se a expressão é construída ou natural, tais como a música indígena, o teatro, as artes (Banco Mundial apud Yúdice 2004, p. 31).

O autor prossegue sua reflexão destacando que a cultura, cada vez mais invocada como uma propulsora do desenvolvimento do capital passou a constituir para alguns a própria lógica do capitalismo contemporâneo. Essa reflexão pode encontrada também em Jameson (2004), que, para elaborá-la estabelece um contraponto entre modernismo e o pós-modernismo. Nesse sentido tenta demonstrar que no modernismo ainda “subsistem algumas zonas residuais da “natureza”, ou do ‘ser’, do velho, do mais velho do arcaico onde a cultura ainda pode fazer alguma coisa com tal natureza e trabalhar para transformar esse referente” (pg. 13). Já no pós-modernismo é o que se tem “quando o processo de modernização está completo e a natureza se foi para sempre. É um mundo mais completamente humano do que o anterior, mas é um mundo no qual a “cultura” se tornou uma verdadeira segunda natureza” (pg.13).

Jameson (2004) prossegue sua reflexão sugerindo que o que aconteceu com “a cultura pode muito bem ser uma das pistas mais importantes para se detectar o pós-moderno: uma dilatação imensa da sua esfera (esfera da mercadoria) uma aculturação do real imensa e historicamente original” (pg.14). Assim, segundo o autor “...na cultura

pós-moderna, a própria ‘cultura’ se tornou um produto, o mercado se tornou seu próprio substituto, um produto exatamente igual a qualquer um dos itens que o constituem” (pg. 14)

Esta que lógica que a cultura tem assumido na dinâmica da sociedade e quem tem nas propostas do Banco Mundial uma de suas expressões já está sendo absorvida pelo projeto estratégico que vem sendo proposto para as cidades. Mossoró parece ter recebido muito bem essa proposição, pois além da reabilitação e recuperação de ambientes históricos e a construção de equipamentos culturais marcantes, a cidade tem investido em eventos festivos. Resta saber, quais os interesses locais que se entrecruzam com esse projeto mais global de pensar a cidade. Posteriormente retomaremos essa questão.

Contudo, para que Mossoró possa entrar no mercado de turismo por meio da festa, é preciso que ela se diferencie das demais cidades que já estão consolidadas no cenário festivo, como é o caso de Campina Grande e Caruaru, onde as festas juninas já ocorrem há algum tempo. A entrevista feita em junho de 2003 com a então prefeita da cidade demonstrou tal compreensão e preocupação:

(...) eu sempre dizia assim, nós temos que fazer turismo em Mossoró, não é fácil fazer turismo no semi-árido, numa cidade que não tem uma bela praia, porque quem tira uns dias de férias pensa em quê? Em ir para uma bela praia, de Natal, de Fortaleza, de Sergipe, da Bahia, né? Mas eu achei que tinha alguma coisa e foi por esse caminho dos eventos populares, culturais. Porque nós temos a Cidade Junina e temos o Auto da Liberdade em setembro, que conta toda essa história de liberdade da cidade, da abolição da escravatura, do primeiro voto, o motim das mulheres, novamente a resistência a Lampião que foi um grito de liberdade do povo. Também uma grande movimentação e outros eventos foram surgindo (...) como em Mossoró existe um movimento cultural e muitos artistas, foi a sugestão que nos trouxeram, e por que não fazer a reconstituição da resistência do povo de Mossoró ao bando de Lampião, que aconteceu no dia 13 de Junho dia de Santo Antônio? (Nesse momento a Prefeita se referiu ao espetáculo “Chuva de balas no país de Mossoró” que ocorre durante os festejos juninos). E o espetáculo só tá ficando cada ano melhor, mais bonito, mais participativo e passou a ser um ponto, vamos dizer, assim **referencial, diferencial** de todas as festividades juninas grandes que acontecem, como é Caruaru e Campina Grande (...) (Rosalba Ciarline, entrevista concedida em jun/2004, grifo nosso).

Através da fala da prefeita podemos perceber a proposta de tentar diferenciar as festas que ocorrem em Mossoró daquelas que já ocorrem em Caruaru e Campina Grande, também consideradas cidades médias. Essa diferenciação tem sido buscada através das encenações que ocorrem durante as festas. É o caso do confronto entre a cidade e o bando de Lampião que ocorre durante o “Mossoró, Cidade Junina”. Essa teatralização, segundo a prefeita, é o *referencial e o diferencial* das demais festas juninas. Essa busca da diferenciação com relação a Campina Grande e Caruaru também é destacada na matéria exibida no jornal local “*O Mossoroense*”:

“Observando o calendário oficial de eventos, em média a cada 18 dias ocorre um grande evento na cidade, um motivo mais que suficiente para viabilizar outros vãos temáticos, como o vão do bode (festa do bode), da fruticultura (Exprofruit), da Ficro, o vão da Liberdade (Auto da Liberdade) e também, porque não, o vão de Santa Luzia (...) A vinda do vão do forró, além de por si já ser um fato pioneiro, faz Mossoró ter um diferencial frente às outras festas juninas que ocorrem em Campina Grande e Caruaru. Mossoró inovou. Nada de trem do forró. Trazer turistas à base de forró e comidas típicas a bordo de um avião só Mossoró tem.” (...). (PENHA, O. Jornal “O Mossoroense” jun/2004).

A mobilização de investimentos em torno deste projeto salta aos olhos. Segundo dados colhidos ao longo da pesquisa, para ser realizado no ano de 2003 o espetáculo Auto da Liberdade mobilizou uma média de R\$ 2.000.000,00. Este mesmo valor foi apontado pelo presidente da Fundação de Cultura para a festa de São João, em 2004. Já o orçamento previsto para a festa junina de 2005 foi de R\$ 3.051.650,00.

Ao detalhar os investimentos, o presidente da Fundação de Cultura destacou que no primeiro ano da festa junina a Prefeitura financiou tudo e que somente a partir do segundo e terceiro ano é que foram conseguidos alguns patrocinadores, tais como: Ambeve, Telemar, Unimed e outros. Segundo ele, ultimamente são as empresas que procuram o projeto e, por isso, a festa junina já é quase toda financiada pelos patrocinadores. O mesmo não pode ser dito em relação ao Auto da Liberdade, que ainda conta com muitos investimentos por parte da prefeitura. Com relação aos patrocinadores, o presidente da Fundação de Cultura ressaltou ainda a participação da

Petrobrás e do Ministério da Educação através da lei Rouanet que, concebida em 1991 para incentivar investimentos culturais, pode ser usada por pessoas, empresas ou pessoas físicas que desejam financiar projetos culturais (Ministério da Cultura).

Ao falar dos impactos econômicos da festa junina na cidade, o Presidente da Fundação de Cultura informou-nos que durante esse período nela entram cerca de 250 ônibus oriundos do Ceará e da Paraíba, entre os quais estão aqueles que transportam as quadrilhas que se apresentam ao longo dos festejos. Foi ressaltado na entrevista que no período que antecede a festa, ou mesmo ao longo desta, os costureiros trabalham muito. Há uma busca muito forte por profissionalização e isso tem aquecido o comércio. Segundo o entrevistado, o retorno trazido pela festa já cobre todo o investimento que é feito.

Algumas matérias exibidas pela imprensa local revelam o papel que a imprensa escrita tem tido na construção desse projeto de transformação de Mossoró na cidade da festa, pois nos períodos festivos os referenciais comemorados ocupam as páginas dos jornais, tanto locais quanto estaduais, a exemplo da matéria seguinte:

A consolidação de Mossoró como destino turístico no segmento dos festejos juninos é uma realidade inquestionável. A Terra de Santa Luzia, sob a segura administração da prefeita Rosalba Ciarlini, conquistou seu espaço na mídia nacional, e é uma das melhores opções para viver e brincar o São João. Desde 5 deste mês, quando foi feita a abertura oficial, Mossoró se tornou a capital Junina do Estado e, até o próximo dia 29, continuará pontificando firme e altaneira, disputando em condições de igualdade (ou melhor) com as concorrentes nordestinas: Campina Grande (Paraíba) e Caruaru (Pernambuco) que são referências, há muito tempo, de promoções juninas (Gazeta do Oeste, Jun/2004).

Essa matéria reforça mais uma vez a necessidade de diferenciação de Mossoró frente as demais cidades, especialmente Campina Grande e Caruaru, também consideradas cidades de porte médio. É nesse contexto, no qual a cultura assume um papel de recurso, que a festa é (re)inventada em Mossoró e colocada como uma das formas de diferenciação. O caminho para esta diferenciação é a centralização, espetacularização e ampliação da festa na cidade.

Todavia, para conhecermos melhor este processo, seria interessante adentrar nessa dinâmica festiva, penetrar nos seus cenários, conhecer os seus atores e tentar compreender os reflexos, nem sempre positivos, dessa (re)invenção da festa na dinâmica festiva já existente na cidade, sobretudo no que se refere aos festejos juninos. É isso que tentaremos fazer no capítulo seguinte.

CAPÍTULO 4 - AS TRILHAS DAS FESTAS NA CIDADE.

(...) O olhar percorre as ruas como se fossem páginas escritas: a cidade diz tudo o que você deve pensar, faz você repetir o discurso, e, enquanto você acredita estar visitando Tâmara, não faz nada além de registrar os nomes com os quais ela se define a si própria e todas as suas partes. Como é realmente a cidade sob esse carregado invólucro de símbolos, o que contém e o que esconde... (Calvino, 1997, p. 18).

Na apresentação desse trabalho descrevemos brevemente os diferentes cenários que se desenham no espaço urbano da cidade ao longo do ano em Mossoró. Estes cenários, que vão desde as bandeirolas e balões que ocupam as praças e as pontes da cidade até ao grande palco que abriga cangaceiros, escravos e “libertadores” e ainda aos anjos e demônios que protegem e perseguem Santa Luzia, nos coloca diante da centralidade espacial, temporal, simbólica e política que as festas adquiriram na cidade.

Cada uma dessas festas apresenta uma trajetória e guarda uma memória diferenciada da cidade. O São João, por exemplo, tem uma trajetória espacial em Mossoró mais ligada aos bairros, a sua centralidade na cidade data dos últimos dez anos. Já as Comemorações Cívicas e a festa de Santa Luzia sempre ocuparam um lugar de destaque no centro da cidade.

Os referenciais simbólicos reatualizados no decorrer dessas festas também apresentam diferenciações. Com o São João relembramos as quadrilhas, os forrós, as fogueiras, as promessas aos Santos (Antônio, São João e São Pedro). Já através das comemorações cívicas são (re)atualizados os grandes fatos e feitos históricos da cidade, principalmente aqueles que reafirmam os referenciais de liberdade e coragem na cidade. Com a festa de Santa Luzia é a dimensão religiosa que é reatualizada na cidade, e é nesse momento que a maioria da população, inclusive aqueles que residem nas periferias, se encontra no centro da cidade.

Embora com trajetórias e sentidos diferenciados, essas três festas apresentam algo comum nesses últimos dez anos, qual seja o processo de (re)invenção e conseqüentemente de espetacularização que elas revelam. Esse processo tem tido impacto nos festejos já existentes, em especial nas festas juninas, provocando o esvaziamento das festas que ocorriam em outros espaços da cidade e gerando, em alguns casos, descontentamento, resistências e tensões envolvendo a questão da tradição.

Entender quais são os processos que têm movido essa (re)invenção das festas é uma das formas de compreender a sua mais recente dinâmica. Nesse sentido, as leituras feitas em torno dos diferentes planejamentos, em especial o denominado de “estratégico”, nos conduz a pensar que essa dinâmica urbana que se instala em Mossoró guarda alguns reflexos dessa forma de pensar a cidade. Pois, embora os debates desenvolvidos em torno do planejamento estratégico privilegiem, sobretudo, as grandes cidades, como Barcelona e Rio de Janeiro, entre outras, podemos sugerir que se trata de uma espécie de pensamento único que hoje se espalha sobre as cidades, como propõe o título do livro de Vainer e Arantes (2002).

Nessa perspectiva, é possível afirmar que essa dinâmica que vem se instalando em Mossoró guarda tanto elementos de caráter global, como local, pois essa forma de pensar a cidade serve também aos projetos políticos das elites na medida em que a festa permite várias formas de apropriação, inclusive de regulação de conflitos, como já colocamos em momentos anteriores desse trabalho.

Para compreendermos todas essas nuances contidas na dinâmica festiva de Mossoró se faz necessário adentrar na festa, percorrer suas trilhas, apresentar seus cenários, seu processo de (re)invenção e os impactos desse processo na cidade. Faremos isso nos tópicos seguintes, para tanto discutiremos inicialmente as Festas de São João na cidade, em seguida as Comemorações Cívicas e por último a Festa de Santa Luzia

O SÃO JOÃO E A CIDADE



**Figura 14: Apresentação dos sanfoneiros no Mossoró Cidade Junina - Carlos Costa ;
Apresentação das bandas de forró - Carlos Costa; Festa de São João no bairro Doze Anos;
Balões e bandeirolas instaladas na cidade no período junino – Fonte:Robson Filgueira.**

1 – O São João: trajetórias e adaptações

Antes de adentrarmos na dinâmica das festas juninas em Mossoró seria interessante compreender brevemente as características que esses festejos congregam. Nesse sentido, são várias as explicações que buscam elucidar a origem dos festejos juninos no Brasil. Embora imprecisas essas explicações nos colocam diante da trajetória desses festejos no país. Morigi (2001), por exemplo, ao tecer esse itinerário sugere que eles constituem um exemplo das práticas transplantadas dos países ibéricos durante a colonização européia nos séculos XVI e XVII. Essas festas, apesar de terem sido disseminadas através da colonização européia, têm a sua origem ligada ao culto das colheitas e procedem das terras do Egito, onde havia a tradição de cultuar o sol e a fertilidade, símbolos vivos de comemoração das colheitas.

Mais tarde, como rituais festivos, foram incorporadas pelos egípcios, disseminando-se pelo continente europeu, principalmente na Espanha e em Portugal. O cristianismo, ao transformar-se em religião oficial do Ocidente, incorpora a festa ao calendário cristão e, no século VI, o Vaticano instituiu o dia 24 de junho para a comemoração do nascimento de São João Batista.

Uma outra versão existente sobre a origem das festas juninas se refere ao solstício do verão europeu que, na França, era comemorado nos dias 22 e 23 de junho, vésperas do início das colheitas, enquanto no hemisfério sul, no mesmo período, ocorre o solstício de inverno. Mesmo sendo imprecisas as origens das festas juninas, tudo leva a crer que tinham características profanas e pagãs e que somente mais tarde, com a apropriação do Cristianismo, vieram a adquirir um caráter sagrado. E é com esse caráter que os portugueses as trazem para o Brasil.

Ao se inserirem no Brasil, elas assumem características próprias e particulares. Dependendo da região, misturam-se com as crenças, os costumes e as tradições locais e regionais. No caso do nordeste, adquiriram características “próprias”,

o que resultou numa forma específica de comemoração que passou a fazer parte das formas identitárias da região.

O ciclo das festas juninas está calcado em três datas principais: os dias 13, 24 e 29 de junho. No dia 13 comemora-se o santo Antônio, no dia 24 festeja-se o São João e no dia 29 o São Pedro. A devoção a Santo Antônio e a São João é uma herança da cultura portuguesa. Santo Antônio nasceu em Lisboa e, segundo a tradição portuguesa, era um santo imbatível contra os perigos da guerra. No Brasil, tem fama de santo casamenteiro; não é por acaso que se comemora o dia dos namorados em 12 de junho, véspera de Santo Antônio.

Nas datas reservadas aos santos é prática comum as pessoas acenderem fogueiras para homenageá-los. O fogo, na maioria das vezes, é utilizado também para assar espigas de milho, carne, etc. Acender fogueiras e fazer simpatias nessas datas festivas é usual. Estes aspectos são destacados por Câmara Cascudo quando faz a seguinte descrição: “durante as festas de São João ardiam fogueiras, castanhas assadas, lombo de porco, vinho, bailaricos, cantadas, romarias às “capelas”(...)”. Ao longo da nossa pesquisa em Mossoró, vimos muitas fogueiras acesas e até mesmo velas nas janelas na noite de São João e São Pedro.

Câmara Cascudo assinala ainda que durante esse período costumava-se estabelecer um parentesco convencional nascido das simpatias e dos compromissos assumidos perante a fogueira. Através desses ritos é possível transformar-se em madrinhas, noivas, avós, tios e outros parentescos dessa natureza. Para tanto é feito o seguinte trato: “- São João disse, São Pedro confirmou, que você fosse meu compadre, que Jesus Cristo mandou! Esse trato é repetido três vezes ao redor da fogueira e logo depois se entoa o grito fraternal: “Viva São João e viva nós, compadre!”.

Neste período, muitas moças fazem promessas a Santo Antônio com a finalidade de conseguirem um casamento. Apoiado em Freire, Morigi (2001) aprofunda essa questão e argumenta que a falta de portugueses na colônia fez com que o casamento fosse valorizado e os santos padroeiros das uniões e da fertilidade cultuados.

Isto instaurou, no Brasil, uma grande tolerância em relação a qualquer aproximação entre os sexos que resultasse em aumento da população, o que livrou a mesma dos preconceitos morais do catolicismo ortodoxo. Desta forma, muitos santos como Santo Antônio, São João, São Pedro, Nossa Senhora do Bom Parto, entre outros, ficaram conhecidos no imaginário popular como protetores da família, da maternidade e responsáveis pela aproximação dos sexos e pela fecundação das mulheres.

Ao tentar situar e, ao mesmo tempo, se aproximar da dinâmica mais recente das festas comemorativas de São João no Brasil, Morigi (2001) destaca que o desenvolvimento da industrialização e a crescente urbanização influenciaram as formas de festejar introduzindo outros estilos de ritmos, como a polca, o maxixe e o lundu. Esse processo contribuiu para que a quadrilha, dança típica da festa junina, fosse relegada a um segundo plano; embora não tenha desaparecido ficou restrita às zonas rurais.

Contudo, a partir de 1930, a política nacionalista do governo Vargas estimulou a busca da identidade brasileira, o que gerou a revalorização da vida rural, do homem do campo, dos seus costumes e das suas tradições. Mas, à proporção que os processos de urbanização e burocratização avançam e as relações capitalistas de produção se introduzem no campo, as festas no meio rural deixam de ter um caráter essencialmente sagrado e adquirem um caráter comercial: mudam de significado (religioso-sagrado), assumindo um cunho profano inerente ao próprio processo de desenvolvimento capitalista (Zaluar *apud* Morigi, 2001).

Ao avaliar esse processo, Amaral (1998) salienta que tudo indica que o capitalismo cooptou as festas e foi cooptado por elas, mas também que o povo vem reinventando suas festas nas novas condições de vida resultantes de novos contextos econômicos e sociais.

Assim, embora as suas origens remontem a um passado além-mar, as festas juninas acabaram se enraizando em todo o Brasil, assumindo, em cada região, características específicas. No Nordeste, porém, elas adquiriram maior ênfase. Ainda hoje, embora estejam bastante modificadas e distantes de suas formas originais - seja o

culto a colheitas, seja o caráter religioso -, elas tornaram-se focos de atração. Nesse processo foram absorvidas pela cultura regional e local e são consideradas como festas da tradição e da cultura nordestina, fazendo parte do seu calendário de comemorações.

Todavia, a festa, concebida como comemoração e regozijo comunitário, agradecimento pela colheita, pelos frutos colhidos da terra, mediada por um caráter religioso tal como aparece nas definições dos estudos folclóricos, parece já estar bem distante desses moldes. Como bem coloca Morigi (2001), ela torna-se objeto de consumo, mercadoria como qualquer outro objeto existente no mundo das trocas, sobretudo nesse momento histórico do capital em que a cultura, como destaca Yúdice (2004), assume o caráter de recurso.

Nesse sentido, é comum no período das festas juninas o destaque para a renda gerada pelo São João. A matéria denominada *Indústria da quadrilha* do jornal o Globo do dia 19 de junho de 2005 é uma expressão disto. Ela ressalta que *a tradição das festas juninas no Nordeste - que também fincou raiz em grandes cidades como Rio, São Paulo e Brasília - movimentou pelos menos 1 bilhão de reais*. Entre os setores que são contemplados está a venda de produtos típicos como alimentos e bebida, fogos de artifício, além de roupas, calçados e acessórios.

Nesse período, segundo essa mesma matéria, são gerados cerca de 14 mil empregos nas cidades pesquisadas na reportagem, quais sejam: Caruaru, Campina Grande, São Luiz e Aracaju. A previsão é de que os governos dessas cidades, juntamente com a iniciativa privada, tenham investido cerca de 15 milhões nas festas. Em Mossoró, esse investimento chegou à ordem de 2,5 milhões. Um outro setor que é aquecido durante os festejos juninos é o setor hoteleiro. Segundo a reportagem, o faturamento desse setor se aproxima de 200 milhões nessa época do ano.

É como recurso ou com o objetivo de gerá-lo que muitas festas de São João estão sendo (re)inventadas em algumas cidades nordestinas, inclusive em Mossoró. Na medida que gera recurso ela também legitima as elites políticas locais e ao mesmo tempo projeta a cidade no mercado dos eventos turísticos. Esse processo que

normalmente ocorre mediante a um processo de espetacularização dos festejos, nos coloca diante de várias questões que precisam ser pensadas. Veremos isso na medida em que adentrarmos na dinâmica festiva em Mossoró.

4.1.1- Os São João em Mossoró: apresentando os cenários

É chegado o mês de junho em Mossoró e junto com ele a dinâmica festiva se instala na cidade. Neste período, o espaço da Estação Elizeu Viana, mais conhecida como Estação das Artes, se transforma em cidade cenográfica, sendo possível reconhecer através das fachadas dos bares, a tentativa de “reconstituir” a Mossoró do início do século XX. A réplica da igreja com seu altar que guarda a imagem de São João lembra por alguns instantes o sentido religioso que a festa congrega. Figuras 15 e 16.



FIGURA 15 – CAPELA NA ESTAÇÃO DAS ARTES - espaço de circulação durante a festa de São João (Foto: Raul Pereira – 2005).

FIGURA 16- ALTAR COM A IMAGEM DE SÃO JOÃO na capela improvisada na Estação das Artes durante a Festa de São João (Raul Pereira, 2005)



Compondo este cenário encontramos grandes balões, muitas luzes e dois palcos de tamanhos diferenciados que são utilizados para a apresentação das bandas de forró. Os palcos voltados para a entrada da Estação acabam por dividir o espaço festivo. Na parte frontal ficam localizados os bares mais “equipados” com suas bonitas fachadas, a réplica da igreja, as boates e um amplo espaço para passear e dançar. Por detrás dos palcos, bares mais simples dividem lugar com os carrinhos que vendem caipirinha, milho verde e com o Circo do Forró, um local onde predomina o forró *pé de serra*. Essa parte da Estação é freqüentada normalmente por pessoas que apresentam características visivelmente mais pobres.

Esse cenário nos fez perceber que as desigualdades sócio-espaciais, de alguma forma, se expressam na festa. Assim, retomando as palavras de Guarinello (2001), a festa une os diferentes, mas não apaga as diferenças, sejam elas de natureza ou de grau.

Do lado externo da Estação das Artes, as inúmeras barracas de artesanato e de comidas típicas, juntamente com os diversos telões espalhados, movimentam o pátio externo. Nesta parte fica localizado o palco onde ocorre a apresentação das quadrilhas que acontece concomitante à dos sanfoneiros ou dos repentistas que fazem seu show num local denominado de *lona*. A movimentação existente nesta área parece tão intensa quanto na parte mais interna da Estação . Ao longo das festas é possível perceber a intensidade da circulação de pessoas entre a Estação das Artes e a Igreja de São Vicente, espaços recentemente (re)estruturados. Estes dois espaços congregam juntos uma área de 48.000 m². No período festivo as vias que ligam os dois locais são interditadas para favorecer a circulação das pessoas. A figura 16 expressa a dimensão espacial que a festa ocupa na cidade.

Na igreja de São Vicente, localizada próxima à Estação das Artes ocorre o espetáculo *Chuva de balas no país de Mossoró* que é a encenação da vitória da cidade sobre Lampião na ocasião em que ele invadiu a cidade, em junho de 1927. Neste espetáculo a coragem é ressaltada e comemorada (Figuras 17 e 18).



FIGURA 17 - CENA DO ESPETÁCULO “CHUVA DE BALAS NO PAÍS DE MOSSORÓ” - o bando de Lampião (Foto: Pacífico Medeiros, 2003).



FIGURA 18 - CENAS DO ESPETÁCULO “CHUVA DE BALAS NO PAÍS DE MOSSORÓ” - o Padre, o Prefeito e o Coronel (Foto: Pacífico Medeiros, 2003).

No período dos festejos, é instalado próximo à Estação das Artes um grande parque de diversões, onde rodas gigantes, montanhas russas e carrosséis contribuem

para que as luzes da festa sejam percebidas ao longe. No parque de diversões podemos encontrar muitas crianças. Nos demais espaços da cidade, balões iluminados enfeitam as ruas, as praças e as pontes. A cidade é enfeitada para fazer a festa, fazendo-nos lembrar dos relatos retratados por Del Priore e retomados no capítulo em que elaboramos uma relação entre as festas e a cidade, embora, os relatos da autora tratam das festas no período colonial.

Ao longo das festas percebemos que o fluxo de pessoas na Estação das Artes intensificava-se após a apresentação do espetáculo *Chuva de balas no País de Mossoró* que finalizava por volta das 23 horas, depois de uma grande queima de fogos. A partir deste horário boa parte dos jovens chega à festa. As moças com seus saltos, os rapazes com seus gingados, todos muito ansiosos para encontrar a festa. Antes deste horário o espaço da Estação das Artes é ocupado pelos casais acompanhados com os filhos pequenos e também as pessoas mais idosas que, na medida em que caminham lentamente pela estação, observam o colorido dos balões que se intensificava com o brilho das luzes.

As bandas faziam suas aparições após as 23 horas, e nesse momento havia uma concentração muito grande de pessoas em frente ao palco, como é possível verificar a partir das figuras utilizadas na abertura do capítulo. Mas enquanto as bandas não se apresentavam, outros eventos aconteciam. Chegamos a assistir a exibição do filme *Carlota Joaquina* em uma sala onde funcionava um projeto denominado “Cinema na Roça”.

Segundo o Presidente da Fundação de Cultura, o *Mossoró Cidade Junina* é um grande projeto que congrega outros menores, dentre os quais se destaca o “Cinema na Roça”, que tem o objetivo de exibir filmes no intervalo de 08 às 22 horas numa sala localizada dentro da Estação das Artes; o sub-projeto na área de humor que consiste em shows de humoristas ao longo do evento; a feira de comidas típicas que é uma grande feira de comidas e bebidas típicas regionais; o “arraiá” nas praças que é a apresentação de grupos de quadrilhas e forrozeiros dos bairros nas principais praças da cidade; e o

encontro de repentistas do Nordeste que ocorre durante três dias e dele participam representantes e duplas de todo Nordeste, dentre outros.

Percebemos que as apresentações dos sanfoneiros, dos repentistas e os shows de humor contam sempre com muitos espectadores, assim como a apresentação das quadrilhas. Durante a apresentação cada quadrilha é julgada por uma comissão, que, atenta aos detalhes, avalia e classifica. Durante as apresentações é possível perceber o esforço dos componentes das quadrilhas que, em alguns momentos, trocam à alegria pela performance, o riso pela tensão.

Nos espaços destinados à circulação encontrávamos sempre muito movimento, pessoas circulando de um lado para o outro. Andando nestas vielas encontrávamos sempre “Valdemar dos pássaros”, que aos 71 anos, passava as noites tocando seu realejo e sua gaita desgastada sem muita sintonia musical, fazendo graça para quem chegava.

Neste mesmo período, em outro lugar da cidade, com poucas luzes, sem muitas atrações e em um tempo mais reduzido, outras festas aconteciam. É o caso do São João do bairro Doze Anos e da festa de São Pedro e São Paulo que ocorre no bairro Planalto Treze de Maio. Diferente do Mossoró Cidade Junina, nessas festas, o sentido religioso parece prevalecer.

O primeiro dia de festa do bairro Doze Anos é marcado pela chegada em procissão da imagem de São João. Quando o santo se aproximou da igreja, fogos de artifício anunciaram sua chegada. Em seguida a bandeira de Mossoró foi hasteada pela prefeita, que ao dar prosseguimento ao ritual proferiu um discurso de boas vindas e, na ocasião que presenciamos fez referência a história de vida do santo homenageado. Depois deste ritual, a imagem de São João, que até então estava erguida por moradores do bairro, adentra na igreja e, logo em seguida, se iniciou a novena. Os rituais das novenas ao longo dos dias foram intercalados por apresentação envolvendo crianças, onde o mote era sempre a vida do santo homenageado.

No lado externo da igreja, algumas barracas, um grande palco, muitas cadeiras e mesas protegidas por alguns carros que, juntos, formavam uma espécie de barreira protetora. Um desses carros servia de palco para realização dos leilões que eram feitos por pessoas da comunidade, na maioria das vezes homens.

Após as novenas as pessoas sentam nas mesas para ver as quadrilhas, arrematar objetos no leilão, comprar comida nas barracas organizadas pelos moradores e, em alguns casos, dançar, pois percebemos que somente as crianças se dispunham a entrar na dança. Os casais e as pessoas mais idosas ficavam normalmente sentados ao redor das mesas. Esse público predominou nos festejos durante o tempo em que acompanhamos a festa, que a partir das 22 horas começava a esvaziar-se, ficando apenas a comunidade mais envolvida e alguns jovens. Ver figura 18.



FIGURA 19 - IGREJA DO SÃO JOÃO NO BAIRRO DOZE ANOS durante o período de festa junina (Foto: Robson Filgueira, 2006).

No bairro Planalto Treze de Maio, local onde fica a capela de São Pedro, no final do mês de junho, outros festejos se iniciavam. No ritual de abertura a imagem de São Pedro é carregada em procissão e ao chegar na igreja é recebida com fogos de

artifício, com palmas e, tal como no bairro Doze Anos, a bandeira é hasteada. Após esse ritual São Pedro é conduzido até o altar onde todos possam festejá-lo, por meio das diversas canções e dos sermões feitos por membros da comunidade envolvida, haja vista que esta capela ainda não conta com um pároco oficial. Ao lado da igreja, em um espaço bem menor do que aquele encontrado no bairro Doze Anos, algumas mesas e cadeiras e umas poucas barracas, em número de duas, vendiam produtos que haviam sido doados.

O envolvimento da comunidade era algo bem presente. Cada um da sua forma parecia preocupado com a organização da festa, mais uma vez a presença de casais, crianças e idosos era algo comum, embora tenhamos percebido a participação de um número maior de jovens, o que atribuímos ao difícil acesso das pessoas que moram no bairro ao local onde ocorre o *Mossoró Cidade Junina*, pois ao longo do trabalho de campo tivemos dificuldade em transitar entre estas duas festas, por conta da ausência de transportes.

4.1.2 - Os São João em Mossoró: pensando as origens, revendo as tradições.

O contato com esses diferentes rituais festivos em Mossoró e seus diversos cenários nos fez pensar a respeito do lugar que as festas juninas vem ocupando na história da cidade e, nesse processo, quais têm sido os impactos da centralização da festa na dinâmica festiva local.

Em Mossoró, antes da centralização da festa na Estação das Artes e, conseqüentemente, da ampliação dos dias de comemoração, os festejos já ocorriam na cidade. As pessoas mais idosas, a exemplo da sr^a. Dadá de 98 anos, falecida no período em que realizamos a pesquisa, nos falaram que as comemorações eram feitas nas residências, normalmente nos dias dos santos homenageados. Na festa, a fogueira e um cantor de viola eram as atrações mais comuns.

Na descrição que Fernandes (1985, p. 27) elabora sobre Mossoró no período de 1927 estão presentes essas comemorações, embora, expresse, por alguns momentos, aquelas realizadas pelas elites:

A festa de São João realiza-se dentro das velhas tradições. Nas casas residenciais havia mesas fartas de comidas de milho e bolos variados. Jamais faltava o tradicional pé-de-moleque e o delicioso licor de jenipapo. Havia o baile a caipira, brincadeiras e adivinhações e sortes de casamento, para desfile das moças e rapazes. Balões de diversos tamanhos, variados fogos juninos e o incessante estourar de bombas, davam brilho singular à noite.

Nos últimos trinta anos, os festejos foram adquirindo um espaço maior nos bairros que passaram a organizar os chamados *arraiás*, a exemplo do *arraiá da Dadá* que ocorre no bairro Belo Horizonte e ainda o *arraiá da Juci* que acontece também nas proximidades desse bairro. No bairro da Boa Vista há dezoito anos também acontece o *arraiá do M e C*, já na Baixinha, localidade situada próximo entre os bairros do Bom Jardim e Santo Antônio se realiza o *arraiá do Zé Matuto* há 23 anos. Encontramos também *arraiás* no bairro da Abolição, Alto de São Manoel e também Doze Anos. Este último se tornou referência ao longo desses trinta anos. Através do mapa 3 é possível verificar a localização desses festejos nos bairros da cidade.

Ao descrever os festejos que ocorrem no bairro de Belo Horizonte a sr^a. Jucia relatou: “no dia do *arraiá* nós interditamos parte da rua, colocamos bandeirolas, anunciamos a festa. Aí tem várias brincadeiras, pau-de-sebo, atirei o pau-no-gato e outras. E tem o casamento matuto, tem também concurso de quadrilha de criança (...)” (Entrevista concedida em jul/2006).

Boa parte desses festejos que ocorre nesses bairros se realizava durante o mês de junho, mas com a centralização espacial e temporal da festa na Estação das Artes, esses *Arraiás* tiveram que redefinirem suas datas de realização. Esse processo tem ocasionado vários problemas para os organizadores desses festejos, dentre os quais se destaca o esvaziamento das suas festas.

Para a Sr^a. M. C. de 52 anos moradora do bairro Doze anos “(...) Era a melhor festa que tinha (...) era a melhor festa dentro de Mossoró, era aqui a São João não tinha outra, isso aqui, acolá, até no fim era cheio” (Entrevista concedida em jul/2005). No momento que a entrevistada fala “aqui, acolá, até no fim, era cheio”, está

se referindo ao espaço que é reservado para a festa e que hoje passa pelo um processo de esvaziamento. Nesse sentido a mesma argumentou ainda:

(...) o movimento aqui era grande, nós atribuímos a Estação das Artes esse fracasso, essa festa levou nossa tradição, ninguém tinha o direito de tirar nossa festa. Cada bairro faz sua festa e a nossa está se acabando e nós ficamos tristes. A gente queria muito resgatar nossa festa. Eu amo muito isso aqui, chego às três horas da tarde para lavar e arrumar a barraca e fico até a festa acabar (Entrevista concedida em jul/2005).

Esta insatisfação com o esvaziamento da festa também foi verificado nas palavras de uma outra moradora do bairro:

(...) A Estação das Artes acabou com a festa, eu tenho tanta raiva... Depois que Rosalba ganhou botou ai botou ali a Estação das Artes, acabou e aí ficou esse fracasso. Às vezes eu fico até com pena, porque eu via como era a festa, né ? Essa é o São João é porque é do bairro, porque a gente conviveu aqui com essa festa e agora ver numa situação dessa (...) (Entrevista concedida em jul/2005).

A relação que os moradores (a) demonstraram ter com a festa nos fez perceber a insatisfação com o processo de esvaziamento pelo qual os festejos vêm passando. Essa insatisfação também foi encontrada na fala de freqüentadores da festa que se realiza no centro da cidade a exemplo da entrevista feita com Rejane. (jun/2005), arquiteta, residente do Planalto Treze de Maio: (...) “Não deveria durar trinta dias, teria de haver um jeito melhor porque acabou a festa da igreja de São João”.

Estas falas também apontam para uma reivindicação da tradição das festas juninas para o bairro Doze Anos. Essa reivindicação da tradição também foi destacada na ocasião da entrevista com José do Vale, padre da igreja do bairro. Para ele, a festa de São João que ocorre na Estação das Artes, situada na área central da cidade, não obedece à tradição dos festejos juninos, enfatizados pelo pároco, na sua dimensão religiosa.

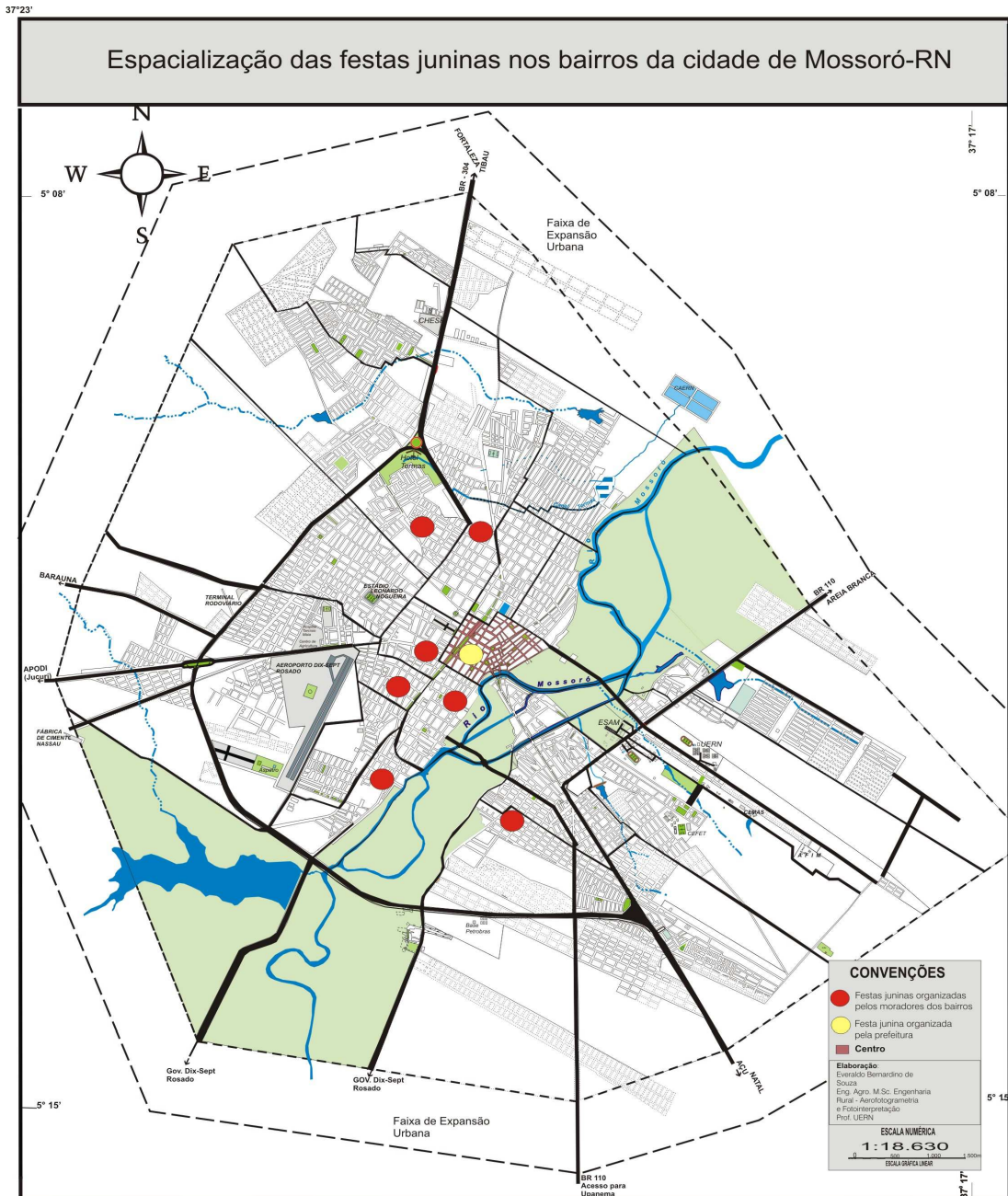


Figura 20: Espacialização das Festas Juninas na Cidade de Mossoró-RN

A argumentação do Padre está pautada no fato dos festejos juninos já ocorrerem no bairro Doze Anos há mais de trinta anos, e nestes, são incluídos atividades religiosas tais: como novenas, missas e procissões, como é possível verificar através da programação distribuídas na festa de 2004. Todavia, essas comemorações não foram incluídas no calendário oficial da cidade, ou seja, no Mossoró Cidade Junina, isto, segundo o padre, tem esvaziado as comemorações.

A relação da tradição com as festas que ocorriam nos bairros também foi destacada por uma das freqüentadoras entrevistada durante a festa, para ela: “A parte tradicional sempre existiu, só que assim, antes era dividido em bairro, as quadrilhas, a festa junina era mais em relação aos bairros. Agora que ficou mais em relação a um lugar, aí ficou como se todos os bairros tivessem de vir para cá. Fica mais aglomerado (...)”.

Esta tensão em torno da tradição das festas juninas em Mossoró também está presente em alguns setores da imprensa local, a exemplo do trecho da matéria exibida no jornal “O Mossorense” do dia 20 de junho de 2004:

As festividades sociais e religiosas de homenagens a um padroeiro, até pela sua tradição, não podem estar dissociadas, separadas, cada uma delas correndo ao seu bel-prazer. Elas, tradicionalmente, têm que andar em paralelo, em conjunto. Mas, na Mossoró de hoje, a prefeita Rosalba Ciarlini conseguiu separar o joio do trigo e com isso pôs um fim numa das mais tradicionais festividades populares e de santo padroeiro da cidade, que era a festa de São João Batista, no bairro 12 Anos (...) Verdadeiramente, essa festa que teve origem nas mais autênticas raízes populares e que tinha tudo a ver com a Mossoró de outrora, perdeu não só os seus encantos, mas foi literalmente sepultada (...)

Este debate sobre tradição também tem sido contemplada na imprensa estadual, a exemplo da matéria do jornal Tribuna do Norte do dia 19 de Junho de 2004:

Cada ano que passa o São João fica mais chato. A indústria de lazer vai acabando com a tradição, a espontaneidade da festa popular, atropelando os sentimentos simples do povo e a alegria natural das pessoas. Foi assim com o carnaval, tem sido assim com as festas natalinas e agora com os festejos juninos, os pátios embandeirados e coloridos de Santo Antônio, São João e São Pedro, os três santos juntos agora numa só fogueira arrumada por grandes produções financiadas ou pelo Estado ou por grandes empresas ou as duas juntas – Governo e entidades privadas. O São João de Caruaru, o São João de Campina Grande, o São João de Aracaju, O São João de Mossoró, este ultimo tão fantástico que meteram nele Lampião. Coitado de Lampião. São megaproduções que querem se justificar no apelo de um turismo que, por sua vez, se segura na falsa muleta do binômio emprego/renda, senha que todos usam para abrir a cancela do progresso predador e esturpador das tradições e até do bem-estar das pessoas (...)

O debate sobre tradição que vem tomando corpo a partir das festas de São João em Mossoró nos remonta às observações feitas por Hobsbawm e Ranger (2002). Para eles, muitas vezes, as “tradições” que parecem ou são consideradas antigas são bastante recentes, quando não são “inventadas”. Desta forma, ele relaciona o termo “tradição inventada” “tanto às ‘tradições` realmente inventadas, construídas e formalmente institucionalizadas, quanto as que surgiram de maneira mais difícil de localizar num período limitado e de determinado tempo- às vezes coisa de poucos anos apenas- e que se estabeleceram com enorme rapidez” (p.9). Neste sentido, os autores entendem por tradição inventada:

O conjunto de práticas normalmente regulado por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado (Hobsbawm e Ranger, 1984, p. 9).

Esta necessidade de afirmação da tradição parece ser uma das características das cidades que têm adotado a cultura como um dos elementos de marcação da diferença no mercado de cidades. Neste sentido, Harvey (2000) argumenta que qualquer identidade dependente de lugar tem que se apoiar em algum ponto no poder motivacional da tradição. A ironia é que a tradição é agora preservada com frequência ao ser mercantilizada e comercializada.

Esse processo de mercantilização da tradição, em se tratando de Mossoró, está impondo uma forma de festejar, provocando impactos nas dinâmicas festivas já existentes em outros espaços da cidade, como é caso do bairro Doze Anos que hoje sofre um processo de esvaziamento. Para os moradores a festa é uma das formas de socialização, como foi possível verificar por meio das palavras da sr^a. M. S. que na ocasião acrescentou ainda que “(...) hoje quem mora por aqui acha uma tristeza...” (Entrevista concedida em jul/2005).

Os moradores estão dispostos a resgatarem a sua festa, mas sabem que, para que isso ocorra, faz-se necessário que a festa se renove. Neste sentido, as palavras da sr^a. M. S. nos chamou atenção, pois quando perguntamos o que poderia ser feito para que a festa pudesse ser melhorada ela nos respondeu: “Vai depender da Prefeita, ela bota a banda Calcinha Preta [se referindo a uma das bandas de forró], bota um maior conjunto lá e aqui o que tem aqui? Ela devia trazer um conjunto bom para cá e fechasse lá pelo menos dois dias e ficasse aqui, era isso que podia ser...” (Entrevista concedida em jul/2005).

Além da renovação, os moradores entendem que a festa precisa entrar na programação oficial para que continue existindo. Esta situação nos remontou às observações de Rebelais retomadas por Bakhtin (2002, p.8) sobre a oficialização das festas na idade média.

(...). a festa oficial traía a verdadeira natureza da festa humana e desfigurava-a. No entanto, como caráter autêntico desta era indestrutível, tinham que tolerá-la e às vezes até mesmo legalizá-la parcialmente nas formas exteriores e oficiais da festa e conceder-lhe um lugar na praça pública.

Essa reivindicação de entrada na programação oficial também foi sugerida pela matéria do jornal local “O Mossorense” destacado anteriormente:

(...) bem que a prefeita de Mossoró poderia ter buscado um entendimento com o vigário, contando que fossem encontrados os caminhos que convergissem os interesses e realizassem as festividades de São João e as do “Mossoró Cidade Junina”. Havia plenas condições de se montar uma programação onde as duas festas se realizassem sem que uma se sobrepujasse à outra. Verdade é que o “Mossoró Cidade Junina” ganhou uma amplitude tal que a essa altura não é mais possível recuar. Tem que caminhar do estágio em que se encontra pra frente. Mas, ao mesmo tempo, fica difícil entender como não houve esse pensamento, essa projeção, esse entendimento convergindo para a salvação de uma programação no bairro Doze Anos que já vinha se caracterizando como tradicional (...) (20 de junho de 2004).

A estrutura criada em torno da Festa de São João que ocorre na Estação na Estação das Artes tem resultado na exigência por parte dos frequentadores de uma

renovação dos festejos juninos que ocorrem no bairro Doze Anos festa, como é o caso de um dos puxadores de quadrilha que estava se apresentando na festa do bairro Doze Anos no momento que realizávamos a pesquisa. Na ocasião ele nos falou sobre a diferença em participar da festa do bairro e na Estação das Artes:

... lá tem mais estrutura, lá tem uma concentração, a quadrilha vai entrar fica naquele local, lá eles tem bebedor, lá eles tem banheiro, aqui não, a gente chega, tem que primeiro juntar o pessoal, para preparar e entrar, lá eu achei melhor que aqui, eu achei meio desanimado (Sidney, entrevista concedida em jun/2005).

Este processo nos faz repensar os impactos que o processo de mercantilização das festas tem provocado na dinâmica social. A transformação das festas em negócio retira delas a espontaneidade, o improviso. Neste processo, as formas de festejar vão se tornando mecanizada, onde a preocupação maior é com a estética, com a imagem.

Neste sentido, o acompanhamento dos diferentes rituais festivos e o contato com os moradores nos fizeram perceber os impactos que o movimento de homogeneização tem provocado nas práticas cotidianas de alguns espaços da cidade. Este processo tem provocado resistências e assimilações, pois enquanto há uma resistência por parte dos moradores do bairro Doze Anos para que a festa continue acontecendo no mês de junho, há também uma conveniência por parte de outros moradores dos bairros para que as mesmas sejam transferidas para datas diferentes daquelas que normalmente aconteciam, a exemplo dos festejos que hoje ocorrem no mês de julho nos bairros anteriormente citados.

As opiniões sobre essas transferências de datas das festas se diferenciam, para os mais jovens estas mudanças são boas porque ampliam o tempo festivo. É o caso do puxador de quadrilhas Sidney que durante uma entrevista (jun/2005) nos falou que o “São João, na minha opinião é o melhor momento do ano, a gente passa três meses ensaiando e mais dois meses de festa”. Já para os mais idosos, e para aqueles que organizam os festejos, este processo tem retirado da festa a sua tradição, bem como tem

atrapalhado a sua realização. A fala da sr^a. M. S. expressa a dificuldade de manter o festejo diante do processo que se instalou na cidade:

Quando não tinha as festas da estação, as festas aconteciam em junho, porque cada bairro tinha suas festas, tinha espaço para todo mundo, agora a gente faz fora do tempo. Eu faço na primeira semana de julho. Sempre a gente fica sempre atrasado (...) Se não tiver força de vontade não faz (Entrevista concedida em jul/2005).

Este embate em torno da tradição expressa, de certa forma, o paradoxo que as sociedades têm vivenciado, no qual a necessidade dos lugares afirmarem suas diferenças frente a um mercado global os tem conduzido a buscar nas suas tradições o meio de afirmação das suas identidades. Porém, como bem salienta Harvey “é difícil manter qualquer sentido de continuidade histórica diante de todo o fluxo e efemeridade da acumulação flexível” e da volatilidade do consumo e das imagens (2000, p. 273). Neste processo, argumenta que a busca das raízes termina, na pior das hipóteses, sendo produzida e vendida como imagem, como simulacro ou pastiche.

Contudo, as opiniões sobre essas transferências de datas das festas se diferenciam, para os mais jovens estas mudanças são boas porque ampliam o tempo festivo. Já para os mais idosos, este processo tem retirado da festa a sua tradição. Assim, ao mesmo tempo em que há resistências ao processo de institucionalização da espacialidade e da temporalidade da festa junina, há também uma conveniência por parte de moradores de outros bairros no sentido das festas serem transferidas para o mês de julho.

Essas resistências e assimilações que se expressam no cenário festivo de Mossoró revelam as ambigüidades e contradições que permeiam a cultura popular. Essas contradições são compreensíveis na medida em que não podemos compreender a cultura popular fora do campo de forças das relações de poder e dominação. Nesse sentido, Hall (2003) salienta que não devemos negar o poder que as indústrias culturais possuem em “retrabalhar e remodelar aquilo que representam; e pela repetição e

seleção, impor e implantar tais definições de nós mesmos de forma a ajustá-las mais facilmente às descrições da cultura dominante ou preferencial” (p. 254).

Contudo, essas definições “impostas” pelas indústrias culturais, não atuam sobre nós como se fôssemos uma tela em branco, mas “elas invadem e retrabalham as contradições internas dos sentimentos e percepções das classes dominadas” (Hall, 2003, p. 255). Nessa perspectiva, é preciso reconhecer que essas formas impostas exercem influências sobre nós, afirmar o contrário, significa dizer que a cultura do povo pode existir como um enclave isolado, fora do circuito de distribuição cultural e das relações de força cultural. Nesse sentido, Hall argumenta que:

Há uma luta contínua e necessariamente irregular e desigual, por parte da cultura dominante, no sentido de desorganizar e reorganizar constante a cultura popular; para cercá-la e confinar suas definições e formas dentro de uma gama abrangente de formas dominantes. Há pontos de resistência e também momentos de superação. Esta é a dialética da luta cultural (Hall, 2003, p. 255).

Essa luta cultural, na atualidade, segundo o autor, é contínua e ocorre nas linhas complexas da resistência e da aceitação, da recusa e da capitulação, que transformam o campo da cultura em uma espécie de campo de batalha permanente, onde não se obtém vitórias definitivas, mas onde há sempre posições estratégicas a serem conquistadas ou perdidas. É no interior desse processo que é possível compreender o cenário festivo em Mossoró.

No campo dessa luta cultural em Mossoró, um elemento tem se destacado, qual seja a afirmação de uma identidade local. Essa identidade que é construída no âmbito das relações de poder que perpassam essa luta cultural na cidade, também apresenta ambigüidades, na medida em que dialoga com as culturas subalternizadas e ao mesmo tempo atende aos interesses das elites locais, sendo nessa tensão que a identidade local é produzida.

FESTA CÍVICA DA CIDADE



Figura 21 -(Fotos: Cenas que teatraliza a libertação dos escravos – Carlos Costas;
Combate a Lampião – Carlos Costa; Encerramento do Auto da Liberdade – Carlos Costa;
Cortejo de finalização das comemorações cívicas - Robson Filgueira).

4.2 - Cangaceiros, escravos e libertadores: O Auto da Liberdade, a Festa Cívica da cidade.

São várias as representações produzidas historicamente em torno da idéia de liberdade e coragem em Mossoró, desde os versos que compõem a narrativa do espetáculo *Auto da Liberdade*, que ocorre no mês de setembro na cidade, aos símbolos impressos nas praças e na denominação das ruas e prédios e ainda através da história construída nos currículos escolares da cidade.

Nos últimos dez anos esses referenciais de liberdade e coragem têm sido cada vez mais ritualizados e (re)atualizados através de uma teatralização denominada “Auto da Liberdade” que ocorre na Estação das Artes. Esse espetáculo é um desdobramento das comemorações que já ocorriam na cidade desde setembro de 1883, período em que, segundo as referências históricas locais, foram “libertados” os escravos que existiam em Mossoró. Esse dia ficou conhecido como “O Trinta de Setembro” e foi marcado por diversos discursos, passeatas e festas que se prolongaram por várias noites na cidade.

Ao descrever tais manifestações, Nonato (1983, p.155) fala da forma como as ruas e praças foram tomadas pelas festas em setembro de 1883. Descreve ainda as trilhas seguidas pelas comemorações ao longo dos sete dias na cidade, destacando a iluminação da área central naqueles dias:

À noite iluminou-se outra vez toda a cidade, tornando-se notável o Paço da Câmara, o Templo da Maçonaria com suas cores vermelhas, contrastando com a brancura das casas do arredor!

A praça da redenção, o consulado Português, na rua (-) Trinta de Setembro; a Praça do Barão de Ibiapina; a de 10 de Junho; a Rua Gurgel; a de Graf; a casa do Conrado Mayer; a Presidente da Câmara e a antiga rua do Comércio ostentavam o patriotismo brasileiro, num raio de uma iluminação esplêndida!

É nesse contexto que a libertação dos escravos se torna o referencial das comemorações cívicas na cidade, sendo apropriado enquanto mito fundador local. Desde então a data vem sendo comemorada a cada dia trinta de setembro por meio de

um desfile militar e de um cortejo no qual a abolição dos escravos representa a cena principal.

Até pouco tempo esse Cortejo ficava circunscrito a divulgação dos projetos e ações implementadas anualmente pelo poder público. Contudo, nos últimos anos, essa comemoração recebeu nova roupagem, sendo ampliada tanto do ponto de vista do tempo quanto dos investimentos, representando hoje um grande espetáculo com duração de quatro dias. Durante esse período ocorrem apresentações de bandas de forró e ainda de cantores renomados. Nesse processo ocorreu também uma renovação do Cortejo.

Nessa nova roupagem outros fatos históricos foram inseridos e evidenciados na teatralização que ocorre ao longo das comemorações, como é o caso do *Motim das Mulheres*. Este movimento que aconteceu no dia 04 de setembro de 1875 teve como um dos objetivos impedir o recrutamento dos homens mossoroenses que iriam lutar na guerra do Paraguai e foi liderado por uma mulher chamada Ana Floriano.

Segundo Crispiniano Neto (autor dos versos que são usados durante o espetáculo), esse movimento foi incluído nas lutas sociais do fim do império. Estas lutas ficaram conhecidas nacionalmente como “O Quebra Quilos”, na qual estavam inseridas outras revoltas populares, como a reação ao novo sistema de pesos e medidas e ao aumento de impostos.

Outro fato histórico retratado no espetáculo é a inserção das mulheres no cenário político local, expresso através da figura da Prof^a. Celina Guimarães que, em outubro de 1927, retirou o seu título de eleitora conquistando, assim, o direito de voto.

Em meio a tiros trocados no palco, o combate a Lampião é também encenado no *Auto da Liberdade*. A literatura local aponta que cinco grupos de cangaceiros se reuniram para invadir Mossoró. Na ocasião, as autoridades locais, juntamente com muitos homens da cidade, enfrentaram Lampião e seu bando, conseguindo vencê-los. (O quadro de figuras apresentadas na abertura do capítulo mostra algumas das cenas da teatralização e também do Cortejo).

Esse fato passou a fazer parte dos feitos históricos da cidade, sendo ampla a bibliografia existente na cidade sobre o assunto. Em todas essas obras é evidenciada a coragem dos mossoroenses. Embora as discussões e reflexões que existem sobre o cangaço e especificamente sobre Lampião no nordeste são controversias e ambíguas, pois vão desde a interpretação deste como herói, até aquelas que o concebem como bandido, com é o caso de Mossoró. Essas diferentes interpretações nos levam a perceber que as representações dos fatos estão sujeitas a apropriações diferenciadas e as disputas de significados que perpassam as relações de poder.

A teatralização ocorre durante uma semana e se encerra com o Cortejo. Neste desfilam instituições, tais como: as Escolas Públicas, a Polícia, o Corpo de Bombeiros e a Maçonaria, entre outras. No momento em que acompanhamos desfilaram também representantes de trabalhadores, como é o caso dos garis. Comendo o final do cortejo temos ainda os atores que participaram do espetáculo.

Esse espetáculo costuma reunir mais de 1.500 atores e mobiliza investimentos na ordem de R\$ 2.000.000,00. A direção do Auto da Liberdade na maioria das vezes é feita por diretores renomados, como é o caso de Gabriel Vilela que dirigiu o espetáculo no ano de 2003. A grandiosidade dessas festas tem chamado a atenção da imprensa tanto local como nacional. Essa grandiosidade se expressa tanto no número de pessoas que compõe o espetáculo, quanto no figurino e ainda na composição do cenário, onde a presença de réplicas enormes dos navios negreiros que conduziam os escravos e da igreja onde ocorreu o combate a Lampião é algo comum.

Essa festa costuma reunir uma média de 100.000 espectadores. Muitos deles costumam ir para ver não só o espetáculo, mas também presenciar a participação dos seus filhos na teatralização - seiscentas crianças participaram da apresentação ocorrida em 2004. Desse modo, ao longo da festa é comum a chegada de ônibus oriundos dos bairros conduzindo as crianças e as mães para participarem do evento.

Essa breve descrição do espetáculo nos coloca diante da dimensão desse evento para a cidade, nos conduzindo a pensar algumas questões: Qual o papel que

essas comemorações têm desempenhado historicamente na cidade, sobretudo nesse momento histórico em que as mesmas vêm passando por um processo espetacularização? O que essas comemorações revelam e ao mesmo tempo escondem? No tópico seguinte tentaremos refletir sobre esses questionamentos.

4.2.1 O Auto da Liberdade: a (re)atualização do mito fundador e a construção da cidade-pátria.

Marilena Chauí em seu livro, *Brasil: Mito Fundador e Sociedade Autoritária* inicia sua reflexão falando das diversas representações que foram construídas em torno da nação e dos brasileiros. Essas representações materializadas, tanto por meio dos diversos símbolos, quanto da narrativa da nossa história e memória, acabaram construindo uma representação homogênea que os brasileiros possuem do país e de si mesmos. Ela segue afirmando que:

(...) a força persuasiva dessa representação transparece quando a vemos em ação, isto é, quando resolve imaginariamente uma tensão real e produz uma contradição que passa despercebida. É assim, por exemplo, que alguém pode afirmar que os índios são ignorantes, os negros insolentes, os nordestinos são atrasados, os portugueses são burros, as mulheres são naturalmente inferiores, mas simultaneamente se orgulhar de ser brasileiro por sermos um povo sem preconceitos e uma nação nascida da mistura de raças (Chauí, 2000, p. 8).

Essa força da representação que consolidou a visão que temos da nação brasileira e dos brasileiros parece ser a mesma que vem produzindo a concepção da história, da memória e da identidade mossoroense. Nesse sentido, as comemorações cívicas que ocorrem em Mossoró, desde o final do século XIX, são uma das expressões mais contundentes dessa representação que vem reafirmado historicamente essa sociedade como libertária e corajosa.

Quando indagamos de onde proveio essa representação e de onde ela tira sua força sempre renovada, seremos levados, com bem sugere Chauí, em direção ao

mito fundador. Essa perspectiva, no caso de Mossoró, foi apontada no trabalho desenvolvido por Paiva Neto (1998), quando este argumenta que embora a libertação dos escravos não tenha tido um grande impacto na economia - visto que eram poucos e Mossoró exercia o papel de entreposto comercial, não precisando de braços escravos - serviu como objeto para a constituição do mito fundador da vida política local. Nessa perspectiva, são ilustrativas as palavras de Câmara Cascudo (1980, p. 68 - 69):

Mossoró já escolheu sua data popular, de indiscutível predileção comprovada. É o 30 de setembro, rememorando as festas delirantes em que foram libertados os últimos escravos do Município. É prioridade no Rio Grande do Norte e uma colocação ilustre entre os pioneiros da ab-rogação jurídica desse crime secular.

Mossoró tem essa alegria. Possui o seu dia, o Dia de suas expansões cívicas. O Dia da lembrança, um Memorial Day sem opositores, adversários e restrições. Como nenhum outro Município no Estado, Mossoró indica o 30 de setembro e todos os seus filhos sabem a significação emocionante.(...)

O prestígio deste 30 de setembro sobe cada ano. **Várias têm sido as formas de celebrá-lo.** Uma das formas mais interessante, nova, sugestiva, foi a reconstituição do momento histórico, a sessão na Câmara Municipal, feita com idoneidade e brilho, por um grupo de rapazes. Em vez de uma partida de “football” preferiram eles reencarnar, através do tempo, as vozes ilustres daqueles que se tinham batido pela abolição (...) **(grifo nosso)**.

Nas palavras de Cascudo é destacado que várias têm sido as formas de celebração desse mito. Essa observação nos remete novamente a Chauí (2000) quando ressalta que “um mito fundador é aquele que não cessa de encontrar novos meios para exprimir-se. Novas linguagens, novos valores e idéias, de tal modo que, quando mais parece ser outra coisa, tanto mais é a repetição de si mesmo” (p.9).

O sentido de mito fundador trabalhado por Chauí perpassa tanto a dimensão etimológica – de narração pública de feitos lendários da comunidade quanto à dimensão antropológica – no qual a narrativa é solução imaginária para tensões, conflitos e contradições que não encontram caminhos para serem resolvidos em nível da realidade - e psicanalítica – como impulso à repetição de algo imaginário que cria um bloqueio à percepção da realidade e impede lidar com ela.

Todas essas dimensões que perpassam a constituição do mito fundador são construídas e reafirmadas com base nas representações, nos discursos e nos sistemas de classificações simbólicas que são produzidos em meio às relações de poder que perpassam as relações na sociedade. Desse modo, esse conjunto de representações tende a afirmar e legitimar o projeto de sociedade dos grupos políticos que estão no poder e que, por conta disso, são autorizados a nos representar.

No caso de Mossoró, a força dessa representação aparece na medida em que, mesmo diante dos diversos problemas sociais existentes, como é o caso da ausência de uma política de transportes coletiva para a cidade, de uma distribuição de renda desigual - pois apenas 16, 21% da população economicamente ativa vive com mais de 02 salários mínimos, sendo que cerca de 22% da população vive com até um salário mínimo e 48% vivem sem rendimento algum – os moradores continuam contribuindo e legitimando a permanência de determinados grupos políticos que se encontram a frente do poder político da cidade a mais de seis décadas.

Em relação a isto são várias as bibliografias que analisam a trajetória e a permanência dos grupos políticos locais no poder. Em tais análises as comemorações cívicas são compreendidas como um dos meios utilizados pela elite política local – mais especificamente a família Rosado³ - como forma de legitimação e de permanência no poder. Nessa perspectiva, essas comemorações são compreendidas como uma modalidade discursiva que vem sendo incorporada às campanhas políticas locais.

Nessa mesma direção, o trabalho de Felipe (2000) que trata da relação da oligarquia Rosado com a cidade destaca como essa elite política tem recorrido aos fatos históricos como suporte para as suas campanhas políticas do presente.

Os Rosados se apropriam dessa memória da cidade; reforçam os heróis e os mitos; criam outros e, através dos cultos, rituais e datas comemorativas, colocam-se nessa história e denominam suas ações de tarefas sagradas. A política é o caminho para realização dos sonhos dos antepassados. Apropriando-se politicamente dos discursos dos heróis, renovam a tradição, a linguagem do sagrado e a idéia de que

³ Família que está à frente do poder político local há mais de seis décadas.

todos estão em conformidade para elegê-los os guardiões da cidade que permanece nesse imaginário como uma fortaleza inviolável a expulsar as ameaças que vêm do seu exterior (p.16).

Prosseguindo em sua reflexão, Felipe destaca que a pretensão do referido grupo é a utilização da história, da memória do lugar e dos seus mitos para, por intermédio desse imaginário coletivo, “elaborar o seu imaginário político, que vai fornecer o conteúdo do seu discurso e os elementos para firmar a idéia de que não são “proprietários” do território – mas pertencem a um ‘lugar’, que vai ser exaustivamente imaginado até ser transformado em um ‘país` – o ‘país de Mossoró` (Felipe, 2000, p. 38).

Dentre os fatos que são tornados relevantes estão aqueles em que a *liberdade* e a *coragem* são afirmadas. As diferentes formas de representações desses referenciais de liberdade e coragem tendem a reafirmar esses elementos na cidade, como é possível verificar através das figuras 23 e 24.



FIGURA 22 - MONUMENTO SÍMBOLO DE LIBERDADE - Praça da Redenção, centro da cidade (Foto: Robson Filgueira, 2006).



FIGURA 23 - XILOGRAVURA REPRESENTANDO BATALHA ENTRE LAMPIÃO E OS MORADORES DA CIDADE DE MOSSORÓ (Autor: João Pedro do Juazeiro, 2005).

É nesse contexto de afirmação dos referenciais de coragem e liberdade que a libertação dos escravos e a luta travada contra o bando de Lampião têm sido recuperadas a cada ritual que ocorre no local. A apropriação política desses referenciais pode ser percebida a cada campanha política na qual os candidatos(as) se autodenominam guerreiros(as).

Partindo dessa compreensão, a festa é apreendida como uma forma de (re) produção da ordem estabelecida, onde o elemento simbólico é utilizado para legitimar o exercício político das elites locais. Essa apropriação simbólica encontra nas palavras de Bourdieu (2002) uma reflexão pertinente, quando este salienta que o “poder simbólico, poder subordinado, é uma forma transformada, quer dizer, irreconhecível, transfigurada e legitimada das outras formas de poder” (p. 15). Nesse sentido, segue afirmando que “esse poder invisível só poder ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber se lhe está sujeito ou mesmo que o exercem” (p. 8).

Esse poder simbólico encontra na festa uma das suas formas mais expressivas, tornando a mesma um veículo de exercício do poder político. Essa dimensão política da festa é apontada no trabalho que Chaves (2003) desenvolve sobre as festividades que ocorrem na cidade de Buritis, localizada na região Centro-Oeste do Brasil. Neste trabalho, a autora apresenta o entrelaçamento da festa com a política local. Ao falar do sentido político que a festa congrega, acrescenta:

Na festa encontra-se, de fato, a conjugação da política nas suas variadas acepções. A política como totalidade inclusiva e afetiva, na reunião indiferenciada de homens e mulheres concretos, em sua expressividade tangível, corpórea, e não abstrata suposta na idéia contratualista; a política como relação moral que vincula pessoas, com a contradição fundamental dada por igualdade de substância, em termos morais, uma indiferença substantiva inscrita e sensível na singularidade individual, e uma hierarquia implícita na relação social. (p. 66)

Apoiada em Callois, a referida autora acrescenta ainda que um dos segredos da eficácia da festa enquanto engenharia política encontra-se na construção “multívoca” da relação política nela realizada. Enquanto espaço social com atributos próprios, cuja principal motivação é o “encontro e a convivência num âmbito despido das atribuições pragmáticas da vida cotidiana, a festa cria idealmente um domínio marcado pelo desinteresse e pela gratuidade”. Nela organiza-se um espaço coletivo indiferenciado em que a noção de pessoa perde o sentido de papel social, papéis que são discriminadores do cotidiano (Chaves, 2003, p. 68).

Outro elemento destacado por Chaves na sua discussão sobre a festa em Buritis é o papel que a mesma exerce na conformação da identidade dos grupos políticos locais. “Neste plano, afirma ela, pode-se dizer que a identidade local e regional é o correlato sociológico mais abrangente da festa.” (Chaves, 2004, p. 24). Assim, ao mesmo tempo em que é apropriada no sentido político, a festa conforma determinados referenciais identitários que através das representações se tornam hegemônicos.

No caso de Mossoró, isso tem gerado uma hierarquização da história na qual alguns fatos são realçados e outros são tornados irrelevantes. Partindo dessa concepção da história e da memória local, os mossoroenses são concebidos como corajosos por terem enfrentado o bando de Lampião e libertários por terem tornado livre os escravos existentes na cidade antes da lei instituída no Brasil. Nesse sentido, as Comemorações Cívicas que vem ocorrendo em Mossoró desde o final do século, coloca-se como uma das representações mais “eficientes” nesse sentido.

Nessa perspectiva, o *Auto da Liberdade* é uma comemoração que apresenta características predominantemente locais, embora os referenciais identitários que são (re)atualizados estabeleçam um diálogo com a história nacional e regional, como, por exemplo, a libertação dos escravos no Brasil e a questão de Lampião, que compõe a idéia de coragem presente no imaginário da região Nordeste. Nesse caso, percebemos que existe um jogo de escalas identitárias, onde os referenciais locais se intercalam com os elementos regionais e ainda nacionais.

A matéria produzida pelo jornal Folha de São Paulo, de 25 de setembro de 2003, a respeito do *Auto da Liberdade* que, na ocasião, foi dirigido por Gabriel Villela, destaca bem os diferentes níveis de diálogo estabelecidos a partir da idéia de liberdade presente no espetáculo:

E são muitas as liberdades evocadas por Villela ao dialogar com o texto de Crispiniano Neto e com o cordel de Antônio Francisco, ambos do RN.

Há a liberdade segundo a revolução Francesa (1789); Ésquilo na peça “Prometeu Acorrentado” (Grécia antiga) e Mossoró, aqui uma sina ancorada, ainda, no direito do voto feminino pela professora Celina Guimarães (1898-1972) e na resistência, em 1927, à invasão de Lampião (1898-1938). (Valmir Santos, Folha de São Paulo, 25 de setembro de 2003).

O *Auto da Liberdade*, portanto, tem agregado a função de sintetizar e representar de forma espetacularizada os referenciais identitários que têm sido lidos como aqueles da cidade. Nesse processo, acaba por legitimar uma ordem política local que se representa através dessas comemorações. A projeção desses referenciais voltada para um público mais externo, contudo, é algo recente. Até dez anos atrás essas comemorações ficavam circunscritas ao espaço local.

O contexto da projeção dessas comemorações e dos referenciais identitários que eles condensam encontram-se situados nesse momento histórico em que se afirma a necessidade de produzir uma imagem singular da cidade. Essa imagem seria fruto de uma cultura própria, ou seja, da identidade do lugar. As palavras de uma das atrizes entrevistadas ao longo do espetáculo nos dão conta da dimensão que essa projeção da cidade e da identidade tem provocado nos moradores:

(...) aí fica todo mundo querendo saber que cidade é essa num cantinho do Brasil que tem toda essa historia. De repente é uma forma de identidade e isso é muito bom! (...) Antes não tínhamos identidade. É uma cidade lá nos confins do Nordeste, uma cidade, entendeu! (...) Eu chegava em outros lugares, eu encontrava em outras cidades, pessoas de Mossoró que se envergonhavam de dizer que eram de Mossoró. (...) Não tinham orgulho sabe? Uma cidade sem identidade, entendeu? E agora,

graças a Deus já tem, uma identidade cultural. A cidade tá começando a fervilhar cultura, a respirar cultura (...).

Essa dinâmica identitária presente em Mossoró corresponde a uma das formas que Woodward aponta, apoiada em Hall, para pensar a identidade, pois para ela há duas maneiras de se pensar a identidade cultural: a primeira, pautada numa determinada comunidade que busca recuperar a “verdade” sobre seu passado na “unicidade” de uma história e de uma cultura partilhada; a segunda é aquela que tende a vê-la como “uma questão tanto de tornar-se” quanto de “ser” (p. 28). Isso não significa dizer, como bem coloca Woodward, que a identidade não tem um passado, mas significa “reconhecer que, ao reivindicá-la, nós a construímos, e que, além disso, o passado sofre transformação. Esse passado é parte de uma ‘comunidade imaginada’, uma comunidade de sujeitos que se apresentam como sendo ‘nós’” (p.28).

Partindo dessa compreensão, é possível dizer que a homogeneidade interna que o termo “‘identidade’ assume como fundacional em Mossoró não é uma forma “natural”, mas construída com base num conjunto de representações e narrativas que tendem a produzir uma unicidade histórica.

A afirmação histórica desse processo, sobretudo nos últimos dez anos, tem produzido uma espécie de patriotismo de cidade. A entrevista que fizemos com uma das principais atrizes envolvidas com esse espetáculo, através da qual indagamos sobre o significado do Auto da Liberdade para a cidade, é uma das expressões dessa dimensão patriótica que vem sendo construída através dessas comemorações:

(...) Para mim, eu acho que é uma contribuição para meu povo, né? É uma forma de eu mostrar, de marcar o meu tempo... É minha forma de dizer ao povo de Mossoró como mulher, como negra, certo? De afirmar que sou capaz de fazer as coisas pela cidade, não só pela minha família, mas por toda comunidade mossaoroense e a forma de participar desse espetáculo é mostrando isso. Quando eu vou a Brasília, Natal, Fortaleza acham que Mossoró é o berço da cultura. Eles sabem também que nós temos deficiência nisso tudo, mas eles acham que é lindo, perguntam: mas como é que os artistas conseguiram fazer os três eventos

maravilhosos numa cidade que a cultura se espalha pelo Brasil, né? (Tony Silva, entrevista concedida em set/2004)

Esse sentido patriótico tem-se reforçado e se apoiado na dimensão identitária que a festa congrega. Esse patriotismo de cidade vem sendo discutido por estudiosos que têm se detido na dinâmica urbana contemporânea. Vainer (2004), por exemplo, traz reflexões relevantes sobre o papel que a cidade tem assumido nesse momento histórico da dinâmica capitalista, na qual assume, ao mesmo tempo, a condição de *empresa*, de *mercadoria* e ainda de *pátria*.

Essa tripla condição que hoje se coloca para a cidade situa-se nesse momento em que o planejamento estratégico se impõe como uma das saídas apontadas para a inserção das cidades no mercado. Esse planejamento está pautado na necessidade de construção de *um consenso*, pois esse plano, segundo Vainer (2004), impõe que a cidade esteja unificada, toda, sem brechas, em torno do projeto proposto. Prosseguindo em sua reflexão, o autor salienta que um dos elementos essenciais do planejamento estratégico é a criação das condições de sua instauração enquanto discurso e projeto de cidade. Nesse contexto, o urbanismo monumentalista patriótico é reentronizado com o objetivo de alimentar o patriotismo cívico.

Em Mossoró, o investimento na beleza plástica da cidade, a reforma de praças, a construção de equipamentos como teatros, ginásios, bem como a (re)estruturação de outros espaços e ainda a recuperação da memória local por meio de grandes espetáculos expressam esses sintomas⁴. A fala do presidente da Fundação de Cultura da cidade aponta também nessa direção:

⁴ Compreendemos os cuidados que devemos ter em transpormos reflexões que estão sendo feitas para explicar a dinâmica dos grandes centros, como é o caso do debate que Borja, Castells e Vainer vêm desenvolvendo para cidades de menor porte ; percebemos, contudo, que a dinâmica que vem se instalando em algumas cidades de porte médio, como é o caso de Mossoró, apresenta elementos que expressam esse projeto estratégico que hoje está sendo discutido para as cidades.

A cada ano a gente está descobrindo mais a cidade, mas nós achamos que ela foi de uma importância muito grande nessa questão que eu falo há pouco, da auto-estima, das pessoas acharem que a cidade, a cidade prazerosa de se morar, porque cultura é qualidade de vida. E quando a gente sente nas pessoas o prazer de dizer assim, eu me aposentei, mas vou voltar para Mossoró, eu acho que é uma coisa muito positiva e prazerosa, porque a cidade inspira realmente confiança e eu acho que isso está muito na cultura, porque? Porque é muito fácil a gente chegar hoje fora de Mossoró e o primeiro referencial quando fala da cidade é a cultura, então ela foi não é só a alavanca, mas ela mudou a cara da cidade. As questões mais debatidas durante a campanha política foram esses eventos, se daria continuidade ou não, a população preocupada, passou a ser uma preocupação da cidade e não nossa. (Gonzaga Chimbinho, entrevista concedida em jun/2005).

Essas palavras reforçam institucionalmente a construção de um patriotismo de cidade e, nesse sentido, enfatizam a importância dos eventos que, para o presidente da Fundação de Cultura, constituem uma alavanca para as atividades econômicas existentes, e não uma atividade em si, pois para ele não existe uma crise econômica das atividades desenvolvidas na cidade. Nessa perspectiva, a festa é compreendida não como uma solução para a crise, mas como uma alavanca para as atividades exercidas na cidade. Esse pronunciamento reforça o nosso entendimento de que a dinâmica que vem se instalando em Mossoró se situa nesse momento histórico em que a competitividade urbana assume uma maior centralidade.

Para adentrar nessa competitividade, a cidade precisa mostrar seus atributos, demonstrar que é boa para viver, que é confiável para investir e, sobretudo, que se diferencia das demais cidades, sendo nesse momento que a identidade local é (re)atualizada. Em se tratando de Mossoró, essa competitividade tem nas cidades de Campina Grande e Caruaru seus referenciais competitivos. A fala da Prefeita por ocasião da entrevista (concedida em jun/2004) apontou para esse aspecto: (...) “e o espetáculo só tá ficando cada ano melhor, mais bonito, mais participativo, e passou a ser um ponto, vamos dizer assim, **referencial, diferencial**”. (grifo nosso).

Esse patriotismo de cidade tem contribuído, portanto, para produzir um consenso, nem que seja aparente, em torno do projeto de cidade que vem sendo proposto pelas elites locais. Ao legitimar o projeto, legitimam-se também as elites e sua permanência no poder.

FESTA DE SANTA LUZIA



Figura 24: Imagens da festa de Sta. Luzia -Chegada da Santa na Igreja após a finalização da procissão - Amélia C. A. Bezerra; A praça Vigário Antônio Joaquim no período da Festa de Santa Luzia – Amélia C. A. Bezerra; Uma das cenas do Oratório de Santa Luzia – Amélia C. A. Bezerra; Produtos vendidos pelos vendedores ambulantes durante a festa de Santa Luzia – Amélia C. A. Bezerra).

4.3 - Festa de Santa Luzia: seus espaços e sua trajetória na cidade.

A festa de Santa Luzia em Mossoró tem seu início nos primeiros dias de dezembro, embora seus preparativos, sua organização e, especialmente, a caminhada da Santa pelos bairros da cidade e pelos municípios vizinhos antecedam muito essa data. Contudo, é somente a partir do dia três de dezembro que as atividades festivas se iniciam na cidade.

A partir dessa data os moradores da cidade têm encontros marcados com as ave-marias cantadas e rezadas durante as novenas que ocorrem todos os dias na matriz da cidade; com o Oratório de Santa Luzia que acontece após as novenas; com as barracas de artesanato e comida; com os bares dispostos nas proximidades da igreja e ainda com o concurso de “A Mais Bela Voz”, que costuma reunir cantores de todos os municípios na praça Vigário Antônio Joaquim, em frente à igreja.

Nessa praça, que parece ficar mais iluminada nos períodos de festa, é comum encontrar crianças brincando enquanto as ave-marias são entoadas no pátio da igreja; pessoas passeando ou mesmo sentadas, observando ou esperando nos bancos espalhados pela praça que, em tempos de festas, passa a ser uma das referências dos encontros.

Outro espaço de encontro são os bares e as barracas de artesanato e comida espalhados ao longo do centro da cidade. Embora a localização de alguns desses bares se encontrasse um pouco mais afastada do espaço onde se concentravam as principais atividades da festa. É o caso daqueles reservados ao gênero musical denominado de Pop Rock. Ao redor desses bares encontramos vários tipos de músicas e diferentes tipos de frequentadores, desde os jovens ligados a uma cultura *hip hop*, e que na ocasião estavam reunidos dançando break, aos casais de homossexuais e ainda muitos jovens ouvindo músicas eletrônicas.

Além do espaço reservado ao Pop Rock, havia ainda os locais destinados à Música Sertaneja, ao Forró e à Música Popular Brasileira. Essa diferenciação espacial dos bares pautada no tipo de música foi denominada de “Condomínios”. Assim, um

pouco mais próximo da igreja, precisamente atrás dela e defronte ao mercado, encontrava-se situado o “Condomínio” destinado ao Forró. Já ao lado do mercado estava reservado um espaço para aqueles que gostavam de música sertaneja, sendo onde se concentrava o maior número de pessoas e também aquelas que apresentavam características visivelmente mais simples, enquanto que os freqüentadores dos bares reservados ao MPB, localizados na rua onde fica situada a Matriz, apresentavam características um pouco mais “sofisticadas”.

Na rua da matriz localizam-se também as barracas de artesanato e de comida (bolo, tapioca, café, batatinha frita, pé-de-moleque, etc). Sendo assim, a concentração maior da festa traduzia-se entre a rua da Matriz, a praça Vigário Antônio Joaquim e a área que circunda o mercado, localizada atrás da igreja. Através da figura 20 é possível perceber a parte da área central que é ocupada pelas festas ao longo desse período.

Esse processo de disciplinarização, além de ser uma das formas de controle do espaço festivo, é também uma das maneiras de amenizar os conflitos de territorialidades entre os moradores que residem no espaço onde a festa acontece, e os donos de barracas e bares, pois os moradores costumam reclamar do barulho e ainda da sujeira que é produzida ao longo da festa. Essa disciplinarização se constitui também como uma das formas de estabelecer o lugar que cada um ocupa na festa, reproduzindo, de alguma forma, o lugar que as pessoas ocupam na cidade.

Esse processo, contudo, tem levado a uma certa dispersão espacial do espaço festivo. Para Heubert Filgueira, morador e dono de uma das barracas de artesanato que são instaladas no período da festa, essa fragmentação do espaço tem provocado um desencontro entre os participantes, pois anteriormente “era mais fácil encontrar as pessoas”, afirmou ele no momento da entrevista (junho/ 2006).

Essa mesma observação foi feita pelo Sr. José Mafaldo de Melo, de 83 anos, residente no bairro do Alto da Conceição. Para ele a festa era bem melhor quando ficava concentrada na rua da cathedral, “agora ficou mais distante”, mencionou ele (entrevista concedida em junho de 2006). A sr^a. Maria Neuza, de 72 anos, também fez essa

observação, pois para ela: “Nós velhos não conseguimos andar tudo aquilo, hoje em dia a festa ficou mais para os jovens, é uma mistura de som, que não dá para entender nada” (...) (Entrevista concedida em junho de 2006).

As entrevistas da sr^a. Maria Neuza e do sr^o. José Mafaldo nos conduzem a pensar sobre as transformações que a festa tem sofrido ao longo da sua trajetória na cidade. Nesse sentido, é possível afirmar que a relação dessa festa com a cidade data do final do século XVIII. Nas descrições elaboradas por Nonato (1983) sobre Mossoró - como vimos no capítulo III - os festejos comemorativos da Padroeira sempre ocuparam um lugar central na dinâmica da cidade. As matérias encontradas no jornal O Mossoroense, no final do século XIX, nos oferecem informações nessa direção. A centralidade ocupada por essa festa revela, de alguma forma, a importância que a capela exerceu no processo de ocupação da cidade, pois, segundo Nonato, a formação de Mossoró vai ocorrer nas imediações da capela construída em 1772.

Nessa perspectiva, argumenta, baseado em Fausto, que a capela foi construída de pedra e cal, no citado ano de 1772 e que “em derredor do modesto templo foram sendo construídos dasalejos que, mais tarde, formariam a quadra da rua no mesmo lugar onde se acha hoje edificada a Matriz de Mossoró”. Acrescenta ainda que “com a implantação dos currais, a construção da capela e das casas, crescia o entusiasmo do grupo que se alojava pelas imediações da casa forte do fazendeiro” (Nonato *apud* Fausto, 1983, p. 17). A representação do espaço da cidade no final do século XIX feita pelo referido autor nos dá dimensão do papel da capela nesse processo. Ver figura 24.

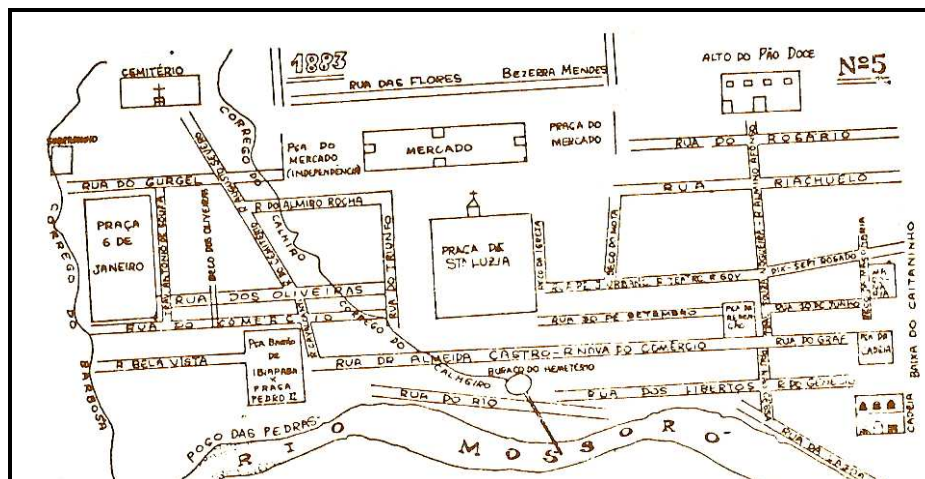


FIGURA 25: A CENTRALIDADE DA IGREJA DE SANTA LUZIA EM MOSSORÓ EM 1885 (Fonte: Nonato, 1983, p. 165).

A importância que a capela vai assumir no processo de ocupação da localidade que posteriormente transformar-se-á em cidade é tamanha que, em vários momentos, aqueles que tratam da história local se referem a Mossoró como a Terra de Santa Luzia, o Arraiá de Santa Luzia, a Povoação de Santa Luzia e outras referências nesse sentido. Assim, em vários momentos, Nonato (1983) fala das reformas feitas na Capela.

A primeira dessas reformas ocorreu entre 1829 e 1830 quando a capela, segundo Nonato, encontrava-se em inteiro estado de deterioração, devido aos grandes estragos provocados pelos ventos e pelas chuvas. Nessa perspectiva fala dos esforços feitos pelos moradores para que a reforma fosse realizada, destacando também a realização da festa para comemorar a capela restaurada:

Depois de tudo, e de tanta luta e dias sem descanso, a inauguração da Capela reformada, a 25 de dezembro de 1830, **com uma grande festa animada** por trovejantes descargas de foguetões, cujo pagamento está acrescido de mais de 3 quartas de pólvora para se atirar na passagem da Santa para a igreja (...) (Nonato, 1983, p. 25. **grifo nosso**).

Um dos momentos importantes da história da capela de Santa Luzia é sua elevação à condição de matriz que ocorreu a partir da emancipação de Mossoró, que até 1842 pertencia à Freguesia de Apodi. Ao falar desse processo, Nonato (1983) aponta o envolvimento e o empenho do vigário Antônio Joaquim para que essa emancipação ocorresse. Posteriormente esse vigário passa a ser o padre oficial da Matriz.

Com a chegada do vigário Antônio Joaquim à cidade, a dinâmica política local sofreu algumas mudanças. Na ocasião da sua posse o referido vigário tinha 22 anos, mas já contava com boas relações e, por conta disso, passou a interferir na política local, base para o trabalho que pretendia realizar entre os moradores da povoação. Embora não estejamos nos propondo a discutir a influência do papel político da igreja na cidade, não podemos deixar de reconhecer a sua importância na dinâmica política local.

A chegada do referido vigário também influenciou na regularidade das festas da padroeira na cidade. Quando essa regularidade era interrompida era noticiado no jornal “O Mossoroense”; foi o caso dos anos de 1860 em que por motivo não esclarecido a festa não ocorreu; em 1865, por conta da reforma da igreja e, em 1935, por motivos políticos: a “Intentona Comunista” (grifo nosso).

Por muito tempo a festa da padroeira se caracterizou segundo o vigário da paróquia, Monsenhor Américo - em entrevista concedida em dezembro de 2005 - pela presença de algumas barracas, dos leilões e ainda das pessoas passeando pelas ruas do centro. Nas descrições feitas por Fernandes (1985, p 29) sobre essa festa no ano de 1927 é destacada a euforia que era criada ao longo dos novenais na cidade. Nesse sentido ele narra:

(...) foguetões pipocavam pela madrugada, anunciando as festividades. Na praça matriz, leilões, quermesses, barracas de prendas, a banda de música a tocar e mesas ao público. Num resplendor de luzes, tremulavam inúmeras bandeiras de papel multicolor. Girândolas estrugiam em profusão. Soava o repique acelerado no final da novena. Fogos de artifício encantavam a vista. Apresentavam figuras de variado colorido. Alguns se queimavam no espaço, em salvas sucessivas. Formavam

chuvas de estrelas. Espetáculo de beleza marcante, inesquecível. Grandes balões com mensagens elevavam-se no ar.

Essa forma de comemoração permaneceu ao longo dos anos. Contudo, a partir da década de 1960, foram sendo inseridas outras atividades à festa. A chegada do atual pároco à cidade (Monsenhor Américo) e também da Radio Rural contribuíram para que ocorressem algumas mudanças no perfil da festa, especificamente no aspecto social, pois gradativamente foram sendo acrescentadas outras atividades aos festejos da padroeira. Nesse sentido, Monsenhor Américo acrescentou:

A Radio Rural se tornou um ponto de referência e começamos através dos festejos culturais atraindo o povo para a praça. Através de shows valorizando os valores da terra. Começou por ai. A mais bela voz era um projeto das demais rádios católicas, (as rádios rurais), aí resolvemos trazer para cá (...) (Entrevista concedida em dez/2006).

A entrevista feita com o vigário da paróquia aponta o momento em que foram sendo inseridas outras atividades à festa, como é o caso do concurso de “A Mais Bela Voz” que ocorre ao final das novenas e do Oratório de Santa Luzia. Juntamente com essas atividades somou-se ainda, segundo o pároco, uma forte decoração do centro da cidade. Esses fatores trouxeram mais participação à festa, afirmou ele, assinalando nessa direção também a parceria que estava sendo feita com o poder público:

(...) fizemos o que o poder público não estava fazendo pela festa, foi aí que começou a despertar uma parceria com o poder público. Também fomos criando as comissões de festa de modo que a festa aqui em Mossoró veio melhorando nos últimos 25 anos. A festa de Santa Luzia vem tomando corpo. Antes cuidávamos de tudo, mas vimos que era complicado. Aí chamamos a Prefeitura para cuidar das barracas, dessa parte da limpeza. (Entrevista concedida pelo Monsenhor Américo em dez/2006).

O Oratório de Santa Luzia é uma atividade bem mais recente; ela vem ocorrendo há apenas seis anos na cidade e costuma reunir os atores locais e diretores de outras cidades. A beleza cênica desse evento, que se traduz na encenação da vida da

Santa, tem atraído tanto os moradores da cidade, quanto dos municípios vizinhos, sendo comum a concentração de pessoas nas imediações da igreja durante o momento em que acontece a encenação da vida da Santa. (Figuras 22 e 23).



FIGURA 26 e 27 - CENA DO ORATÓRIO DE Stª LUZIA - durante a festa da padroeira na cidade. (Foto: Amélia Cristina Bezerra, 2005).

Essa encenação, que tem sido marcada pela bela beleza cênica e ainda pela qualidade da indumentária utilizada, coincide com o processo de espetacularização que as demais festas vêm expressando na cidade, o que nos leva a afirmar que a festa de Santa Luzia está inserida na dinâmica de espetacularização que a cidade tem vivenciado nos últimos dez anos. Embora isso ainda não tenha se imposto como uma predominância na festa.

4.3.1 - O final da festa: A procissão pela cidade

Era o final de tarde do dia 13 de dezembro em Mossoró; o sol ainda se fazia presente na cidade, embora já apresentasse sinais de despedida. Enquanto percorríamos a avenida Presidente Dutra em direção ao centro, acompanhávamos as inúmeras pessoas andando a pé pelas ruas, becos e calçadas em direção à área central da cidade. Crianças, mulheres, homens, jovens, velhos, pareciam ter somente um destino: A procissão de Santa Luzia.

Assim, na medida em que nos aproximávamos das imediações da igreja, percebíamos a importância daquele momento da festa religiosa para os moradores da

cidade, pois na área central havia pessoas acumuladas por todos os lugares. Essa cena nos causou impacto, pois embora já tivéssemos morado na cidade por quatro anos, ainda não havíamos acompanhado uma daquelas procissões, embora, por várias vezes, já tivéssemos participado da festa que ocorre ao longo dos dias que antecede o evento.

Diante do número de pessoas, tivemos algumas dificuldades de nos aproximar das imediações da igreja, lugar onde estava sendo aguardado o início da procissão. Quando conseguimos uma maior aproximação, percebemos que os espaços que circundam a igreja haviam dado lugar à concentração das inúmeras pessoas que aguardavam o começo da procissão. Assim, na Praça Vigário Antônio Joaquim, nas calçadas que circundam o Banco do Brasil e ainda nas imediações da Assembléia Legislativa da cidade, acumulavam-se pessoas, muitas com seus rosários, outras descalças, algumas com vestes que se assemelhavam à roupa vestida pela santa, todas, de alguma forma, preparadas para pagar suas promessas e render seus votos à Padroeira da Cidade.



FIGURA 28 -
CONCENTRAÇÃO DAS
PESSOAS EM FRENTE À
MATRIZ DA CIDADE
AGUARDANDO O INÍCIO DA
PROCISSÃO. (Foto: Amélia C. A.
Bezerra, 2005).

É chegado o momento da procissão, marcada para iniciar-se às 17 horas. Embora pelo número de pessoas concentradas nas ruas, onde a mesma passaria, davamos a impressão de que ela já havia começado há muito tempo. O início da procissão, contudo, somente ocorreu quando a imagem da Santa foi retirada do altar instalado em frente à igreja e colocada em um outro improvisado num carro que a partir de então passa a conduzi-la. Inicia-se a procissão pelas ruas da cidade e, ao longo do trajeto, muitos esperavam a santa, alguns sentados nas calçadas de suas casas, outros nos sobrados, muitos nos pontos de ônibus e ainda em espaços improvisados nos carros.

À medida em que acompanhávamos a procissão, tivemos oportunidade de presenciar as várias demonstrações de religiosidade dos participantes. Segundo os dados da polícia, o número de participantes chegou a uma média de 100.000 pessoas. Muitos deles tinham vindo de municípios vizinhos, como é o caso de Assu, Areia Branca, Serra do Mel, Baraúna, Tibau, Governador Dix-sept Rosado. Participaram também da festa pessoas oriundas de municípios localizados em outros estados, a exemplo de Aracati, Russas e Jaguaruana, situados no Ceará.

Essa festa também conta com a participação de mossoroenses que moram em outras localidades e que nesse período retornam à cidade para acompanhar a festa. Muitos deles ficam hospedados na casas dos familiares. Para aqueles que não têm familiares e também não podem pagar hospedagem nos hotéis da cidade, a igreja costuma reservar espaços públicos para que os mesmos possam se instalar. Mesmo assim, no dia da procissão, alguns hotéis recebem hóspedes que vêm participar do ultimo dia de festa, sendo o único período ao longo dos festejos em que há um movimento maior nos hotéis da cidade. Essa conclusão, baseada na pesquisa feita nos hotéis da cidade, foi reiterada através da entrevista com o então diretor dos Sindicatos dos Hoteleiros. Na ocasião ele ressaltou:

(...) tem algumas datas que são mais procurados como é o caso do mês de julho, alguns eventos não atraem ninguém como é o caso de Santa Luzia. Não tem gente em hotel nesse período. Esse tipo de pessoas que vem para a festa de Santa Luzia não são considerados turistas. Vendedores ambulantes, outros impactos. Tem uma classe popular muito grande(...). (Entrevista concedida em dez/2005).

Nessa perspectiva, é possível afirmar que a festa de Santa Luzia não congrega um sentido econômico muito forte, embora seja um momento importante para alguns vendedores ambulantes que durante esse período vendem produtos relacionados à festa, a exemplo dos santinhos, dos rosários e outros. É também um importante momento de arrecadação de verbas para a igreja.

Mesmo não apresentando um papel econômico forte para a cidade, essa festa representa um importante momento para os moradores, sendo nela onde encontramos uma participação maior dos mais idosos e também daqueles que moram em áreas mais afastadas do centro da cidade. Desse modo, embora muito dos frequentadores discordem da forma que a festa vem assumindo nos últimos anos, sobretudo no que se refere a sua fragmentação espacial, não deixam de participar, seja pela questão religiosa, seja pela tradição que a festa adquiriu historicamente na cidade.

CAPITULO 5 - “DESFAZENDO” OS CONSENSOS: TENSÕES E AMBIGÜIDADES NAS FORMAS DE PENSAR A CIDADE E A FESTA EM MOSSORÓ.

(...) Jamais se deve confundir uma cidade com o discurso que a descreve. Contudo, existe uma ligação entre eles (...) (Calvino, 1997, p.59).

Historicamente, a cidade de Mossoró tem sido lida como a “cidade libertária”, a “cidade dos homens corajosos”. Essa coragem e liberdade impressas na maioria dos trabalhos e das publicações existentes sobre a cidade e também inscritas nos monumentos, praças, prédios públicos e vias, têm produzido uma representação sobre a cidade. Essa representação, embora não se confunda com a cidade, como bem coloca Ítalo Calvino, mas tem uma ligação entre elas.

Nessas publicações (como já assinalamos no terceiro capítulo desse trabalho) as festas são furtivamente descritas, e quando aparecem estão circunscritas ao cotidiano das elites locais. Mesmo com essas limitações, essas leituras foram fundamentais para podermos situar o lugar da festa na cidade. Uma outra forma de abordagem da festa nestas publicações – sobretudo as comemorações do dia 30 de setembro – é através do seu papel no processo de legitimação das elites políticas da cidade.

De fato, a festa coloca-se como uma das formas de legitimação dos poderes locais e, nesse momento histórico da cidade, tem-se colocado também como uma das formas de construção da unidade local e da sua (re) afirmação identitária. Mas será que existe um consenso em torno dessa função que é atribuída a festa em Mossoró, sobretudo no que se refere ao processo de espetacularização a que a mesma tem sido submetida? Existem tensões e ambigüidades entre a festa que vem sendo concebida pelo

poder local e a festa vivida, ou seja, entre o espetáculo e a festa? E, finalmente, que outros papéis a festa poderia desempenhar na cidade?

Esses questionamentos, embora difíceis de serem respondidos, precisam ser discutidos, pois nos abrem a possibilidade de buscar outras leituras sobre Mossoró, deslocando o olhar para outros sujeitos sociais que, através das suas práticas espaciais cotidianas, têm participado do processo de formação da cidade. Assim, para pensar a cidade, é preciso que esses sujeitos sociais sejam ouvidos, que suas falas sejam evidenciadas. É com esse objetivo que construímos este capítulo, que tratará das tensões e ambigüidades percebidas entre a festa e o espetáculo e, conseqüentemente, entre a cidade concebida e a cidade vivida, tal como na expressão de Ítalo Calvino. Essas tensões e ambigüidades expressam os diferentes modos de pensar a festa e a cidade em Mossoró.

5.1- Entre o espetáculo e a festa: Contradições, diferenças e mediações.

Ao longo deste trabalho discutimos como as festas na cidade de Mossoró vêm gradativamente passando por um processo de espetacularização. Este processo, que é caracterizado por Seabra (2002) como o excesso midiático contido nas relações, nos produtos e nas coisas, compôs uma das reflexões elaboradas anteriormente, através da qual tentamos situar o contexto em que o espetáculo tem se acentuado na sociedade, chegando a ponto de representar algo além de uma acumulação de imagens, tornando-se, para Debord (1997), “uma relação social entre as pessoas”.

As reflexões elaboradas por Debord em torno da “sociedade do espetáculo” inspiraram vários autores, a exemplo de Frédéric Martes, que é retomado por Novaes (2005) quando este autor ressalta que depois de ter alienado homens ao transformar seu “ser” em “ter” (fase da propriedade privada depois da industrialização), o espetáculo promove a passagem e a degradação do “ter” em “parecer”. Nesse processo, afirma Novaes (2005, p. 9):

O espetáculo tem se transformado no reino da mercadoria, reduzindo a cultura a seu mais alto grau de alienação, reino da passividade absoluta do indivíduo, 'contemplação e empobrecimento da vida vivida'. O espetáculo é 'o' que fala enquanto os 'átomos sociais' escutam, instaurando, portanto, o mundo do 'não vivido'.

Mas até que ponto é possível separar o mundo vivido daquele não vivido, como sugere Novaes? Na nossa compreensão, é quase impossível separar estas duas esferas no âmbito do cotidiano, porque, retomando mais uma vez Debord (1997, p. 15): "não é possível fazer uma oposição abstrata entre o espetáculo e a atividade social efetiva (...), pois a realidade vivida é materialmente invadida pela contemplação do espetáculo e retoma em si a ordem espetacular (...)" Essa "imbricação" entre o espetáculo e a atividade social efetiva produz tensões, gera ambigüidades e contradições que precisam ser discutidas.

Essas tensões e ambigüidades foram sendo percebidas na medida em que nos debruçávamos sobre o processo de espetacularização a que as festas vêm sendo submetidas em Mossoró. O contato com esse processo nos permitiu perceber diferenciações entre a festa - entendida aqui como uma realidade predominantemente vivida - e o espetáculo, compreendido aqui como uma realidade predominantemente concebida. Para nos aproximarmos melhor dessas diferenciações, se faz necessário um resgate dos elementos teóricos que circundam essas duas dimensões sociais.

Assim, retomando os esboços já elaborados no primeiro capítulo, é possível afirmar que a festa é o momento em que são (re)atualizadas, ritualizadas e celebradas as experiências sociais. Ela se dá num tempo e lugar definido, implicando a concentração de afetos em torno de um objeto que é celebrado e comemorado (Guarinello, 2001). A festa apresenta um caráter sagrado e ao mesmo tempo libertador (Durkheim, 2003). Ela coloca o acento sobre a unidade (Durkheim, 2003) e a identidade dos grupos sociais (Di Méo, 2001; Guarinello, 2001) e possui o poder de regulação e de gestão dos conflitos (Calvo, 1991), embora contenha, ao mesmo tempo, o poder de subversão (Duvinaud,

1983). Partindo desta compreensão, a festa permite várias apropriações, sendo o espaço onde predominam múltiplas territorialidades.

Já o espetáculo é a manifestação social em que o uso da imagem ocupa uma tal centralidade que passa a mediar as relações sociais (Debord, 1997). Essa imagem é quase sempre elaborada em torno de uma realidade concebida; sendo assim, não expressa necessariamente as experiências sociais vividas. Esse processo tem suas “raízes” na aceleração do tempo de giro da produção e revela um momento histórico do capital (Harvey, 2000) em que, segundo Bucci (2005, p. 219), tem “sua mercadoria antes na imagem da coisa do que na coisa corpórea” é, portanto, a imagem que precipita o seu consumo.

Nesse sentido, Bucci (2005) acrescenta que nesse momento histórico do capital a indústria não fabrica somente coisas palpáveis; dedica-se a “produzir os signos que encarnam sua representação” (p.227). O espetáculo, partindo dessas considerações, está relacionado ao mundo das trocas permeado pela imagem, sendo por natureza o espaço dos simulacros onde predominam as identidades predominantemente concebidas. Ele é, portanto, a dimensão social onde predomina o concebido e, por consequência, o poder hegemônico, embora isto não impeça que elementos do vivido sejam apropriados e (re)elaborados para atender um determinado objetivo, normalmente relacionado com o consumo.

Partindo dessas referências atribuídas à festa e ao espetáculo tentamos organizar um quadro no qual fosse possível sublinhar as diferenciações que os cercam, sobretudo em Mossoró. Cientes das ambigüidades e contradições que circundam essas classificações optamos em usar o termo *predominância* de algumas características em relação a outras.

QUADRO 4: CARACTERIZAÇÃO DO ESPETÁCULO E DA FESTA

ELEMENTOS	ESPETÁCULO	FESTA
Natureza das relações	Predominância da troca (mercantilização das relações sociais)	Predominância do uso, (relações afetivas/efetivas)
Produção de sociabilidades/subjetividades	Produz a condição de espectador/consumidor de imagens - identidades “concebidas”.	Produz o fortalecimento dos laços sociais e dos sentimentos de pertencimento, através da celebração das experiências sociais - identidades “vivas”.
Formas de organização	Predominância do poder público e das instituições privadas como organizadores	Predominância dos moradores como organizadores.
Temporalidade	Predomina o tempo uniforme, métrico, regular e abstrato.	Predomina a multiplicidade de tempos/ritmos sociais vividos
Espacialidade	Domínio da lógica racional-funcional na organização do espaço (disciplinarmente demarcado).	Apropriação simbólica-expressiva do espaço (o disciplinamento é menos demarcado).
	Espaço onde predomina o concebido	Espaço onde predomina o vivido

(Fonte: Elaborado por A. C. A Bezerra, com base nas experiências acompanhadas em Mossoró e ainda nas reflexões de Lefebvre, 1976; 1983; 1991 e Dobord, 1997).

A aproximação com essas diferenciações, bem como o acompanhamento do processo de espetacularização das festas em Mossoró, nos permitiu eleger alguns elementos para discutirmos a forma como essas diferenciações se expressam na dinâmica festiva da cidade; entre estes elementos, gostaríamos de destacar: *as formas de organização, o tempo enquanto ritmo e as sociabilidades sócio-espaciais*.

No que se refere às *formas de organização*, é possível afirmar que a partir da espetacularização, as festas em Mossoró e, em especial os festejos juninos, exigiram uma outra disciplina, através da qual o controle do tempo e do espaço festivo passou a ser fundamental. Pois, se anteriormente as festas de São João ocorriam em diversos espaços da cidade em tempos diferentes, a partir do processo de espetacularização o tempo e os espaços festivos começaram a ser estabelecidos de forma única pelo poder público.

Assim, os rituais festivos que ocorriam nos bairros hoje se concentram na área central da cidade em um determinado tempo. Embora a centralidade espacial e a determinação do tempo não impeçam que outras festas ocorram (como é caso das festas juninas que se realizam em outros bairros), elas as esvaziam, retirando delas seu potencial festivo.

As formas de organização também se diferenciam quando se trata dos atores sociais envolvidos no processo organizativo, pois antes de as festas serem espetacularizadas havia uma participação maior dos moradores da cidade e uma participação menor do Estado. Com a instalação do espetáculo, o Estado passa a ser o grande organizador das festas na cidade e a ele se somam os patrocinadores, as empresas privadas, os grandes diretores, produzindo, desse modo, os “profissionais em festas”.

Esse processo tem gerado tensões e insatisfações tanto por parte dos moradores de alguns bairros - já discutidos anteriormente-, como de alguns participantes das peças que ocorrem durante os rituais festivos. Algumas entrevistas feitas com os atores apontaram para uma cobrança no sentido de uma participação maior no processo

de organização dos espetáculos (denominação atribuída às encenações que ocorrem durante as festas).

Verificamos essa insatisfação quando perguntamos a uma das atrizes que participam do espetáculo em que medida a espetacularização das festas e, em especial, o espetáculo Auto da Liberdade havia popularizado e democratizado a participação dos moradores nos rituais festivos, haja vista que o mesmo congrega uma média de 2.000 atores ao longo das apresentações, entre os quais pessoas que residem nas periferias da cidade. Ela nos respondeu que, se em alguns aspectos a espetacularização democratiza, em outros não, e justificou:

Sim, pelo fato de trazer as pessoas, isso é positivo (...), mas o que é negativo é que elas vêm, mas nunca como sujeitos. Nós estamos lá, nós somos os artistas, mas a gente não pode, e nem a comunidade, participar, nós não somos protagonistas, pois temos que nos submeter ao que é colocado pelo diretor. Poderia (o espetáculo) ser construído de outra forma, embora desse muito mais trabalho para ele (referindo-se ao diretor) (L. C. entrevista concedida em set/2005).

A fala da entrevistada aponta para uma reivindicação mais democrática na organização das peças teatrais, pois, para ela, a posição dos diretores que vêm de outros lugares para dirigir o espetáculo ainda expressa muito a concepção do colonizador. Nesse sentido, é possível dizer que a forma como o espetáculo vem se organizando limita uma participação mais democrática dos moradores no ritual festivo.

Nessa perspectiva, se faz necessário pensar em que medida essa “fabricação” do espetáculo não retira da festa a sua espontaneidade. Di Méo (2001) afirma que esse ponto é passível de muita discussão, se considerarmos que poucas festas apresentam característica de espontaneidade, visto que o fenômeno imprevisível, livre, que junta milhares de pessoas na rua sem um processo de organização mais apurado parece mais uma comemoração coletiva que um ritual festivo. Comemorações dessa natureza não podem ser preparadas nem repetidas sem uma prévia organização.

Para Di Méo, a preparação é constitutiva do ritual da festa, é este processo que cria a singularidade do evento festivo. Já a durabilidade permite a ancoragem do rito na realidade social e numa memória coletiva. “É, portanto, na duração repetida dos ritos que se fabrica a tradição festiva” (Di Méo, 2001, p. 89). O autor argumenta, todavia, que o sucesso do ritual festivo só poderá perdurar se houver um equilíbrio (sempre delicado) entre o espetáculo, que atraia um largo público e uma prática festiva que motive os atores sociais não profissionais a participarem.

Na nossa compreensão, esse equilíbrio se torna cada vez mais difícil na medida em que o tempo (ritmo) do espetáculo não é pautado nas experiências cotidianas, ou seja, no tempo vivido, mas sim no tempo abstrato, que tem como referência o mundo das trocas. Assim, o tempo do espetáculo, que expressa o tempo da modernidade, tem como marco temporal um “tempo único, tempo homogêneo, regular e uniforme, que parece transcender totalmente à margem da vida dos homens e de seus processos sociais (...)” (Rojas, 2001, p. 45). Já o tempo da festa é aquele das experiências cotidianas, o tempo dos mitos, dos santos, e, embora também apresente uma certa programação e regulação, ele é construído predominantemente a partir do tempo vivido.

Assim o ritmo da festa se apresenta mais lento, recorrendo menos às imagens. O acompanhamento das festas juninas na cidade de Mossoró nos fez perceber este aspecto, já que nas festas que ocorrem nos bairros as atividades são realizadas uma de cada vez, podendo assim ser melhor vivenciadas. Todavia, com a introdução do espetáculo, a festa se torna um repertório de imagens, onde parece que sempre falta algo a ser visto, a ser visitado, impossibilitando vivenciar cada atividade.

A festa junina que ocorre na Estação das Artes é um exemplo desse processo, pois encontramos, ao mesmo tempo, festival de quadrilhas, apresentação de sanfoneiros ou de repentista (que ao longo da programação se revezavam), apresentação de filmes (denominado de “cinema na roça”), o espetáculo “Chuva de balas no país de Mossoró” e ainda no final da noite as bandas de forró. Já nos bairros, para cada

atividade era dedicado um tempo exclusivo, a hora da novena, o horário do leilão, o tempo das quadrilhas e depois o horário do forró.

Desse modo, o tempo do espetáculo nos pareceu um tempo da procura, da ansiedade, onde os encontros são rápidos e que, quando se estendem, são interceptados pelo conjunto de imagens, pois estamos sempre procurando ver algo diferente que poderá acontecer. Nesse processo, a festa tem assumido funções que vão além do encontro e da celebração das experiências sociais.

Ao fazer essa afirmação não estamos querendo propor que o processo de espetacularização é algo ruim e que a festa é boa, ou, dito de outra forma, que a festa é a essência verdadeira e que o espetáculo é falso, mas, sim, que o espetáculo apresenta características diferentes da festa e isto tem um rebatimento direto na dinâmica social, embora seja impossível separar essas duas dimensões sociais na realidade vivida, como bem nos alerta Debord (2001). Contudo, essa imbricação entre a festa e o espetáculo dificulta e muitas vezes retira o caráter libertador e subversivo que a mesma congrega. Nesse sentido, as palavras de uma das atrizes apontam para um certo incômodo em relação a esse processo em Mossoró:

Essa espetacularidade em Mossoró ela sempre teve essa intervenção muito forte da cultura oficial. O carnaval daqui de Mossoró, as escolas de samba de Mossoró, elas só saem no ano em que a prefeitura dá uma ajuda, senão der não tem carnaval. Botaram essa coisa que precisa ser espetáculo, precisa ser belo, precisa passar em frente das autoridades e o prefeito tem que aplaudir. É como se eles tivessem comprando aquele trabalho da gente, comprando a nossa alegria. Tinha isso com o carnaval e agora tem com o São João (Entrevista feita com L. C. em junho de 2005).

Essas considerações nos conduzem a perceber o controle a que tem sido submetidas as formas de festejar na cidade, bem como o caráter espetacular e oficial que as mesmas vêm apresentando ao longo da história da cidade. Percebemos esse aspecto ao longo das reflexões desenvolvidas no Capítulo 3, no qual percebemos que as duas grandes festas que ocorriam na cidade estavam ligadas ou ao Estado, como é o caso das comemorações realizadas no dia 30 de setembro, ou a igreja, a exemplo da festa de

Santa Luzia, padroeira da cidade. Além dessas festas existiam os grandes espetáculos teatrais vindos de outros lugares do país e também de companhias de teatro européias.

Esse caráter oficial e espetacular das festas em Mossoró nos conduz a pensar sobre os “ganhos” e as “perdas” que circundam esse processo na cidade, sobretudo nesse momento histórico da sociedade, no qual o espetáculo vem se impondo cada vez mais nos espaços festivos. Esse processo tem tido impacto sobretudo no que se refere às *sociabilidades*, aos laços sociais, visto que estes constituem uma das principais características das festas.

Nesse contexto, é preciso discutir até que ponto os elementos que circundam o espetáculo não estão se superpondo àqueles que são próprios da festa, ou seja, em que medida não está ocorrendo uma predominância da troca em relação ao uso, uma predominância das imagens em relação às experiências sociais, uma predominância do tempo do espetáculo em relação ao tempo da festa e, conseqüentemente, do concebido em relação ao vivido.

Nesse sentido, é possível afirmar, no caso de Mossoró, que o estabelecimento de um tempo homogêneo, regular e uniforme dos rituais festivos em Mossoró, bem como sua centralização em um determinado espaço da cidade - sobretudo no que se refere aos festejos juninos - tem se sobreposto aos diferentes tempos das festas que ocorrem nas diversas partes (bairros) da cidade ao longo do mês de junho, enfraquecendo assim as sociabilidades nesses espaços.

A possibilidade de construção das sociabilidades nos bairros através das festas é apontada por Di Méo (2001), quando argumenta que as práticas coletivas nos bairros, o seu investimento físico enquanto engajamento afetivo dos organizadores, fabrica o laço social, criando assim um sentimento de pertencimento; o autor ressalta, porém, que o pertencimento e a identidade não resultam apenas de algumas ações realizadas durante três ou quatro anos, mas da durabilidade que pode, se a mobilização se mantém, fazer deste evento anual uma referência coletiva identitária para os

habitantes: “É a durabilidade que pode, pelas lembranças que ela semeia, magnificar o que os atores viveram” (Di Méo, 2001, p. 89).

Esses elementos que circundam tanto o espetáculo como a festa refletem muitas vezes a forma como a cidade tem sido pensada, pois a ausência da experiência vivida nos projetos que são concebidos para as cidades acaba reforçando a não participação dos moradores e, conseqüentemente, sua postura enquanto espectadores. Este é o ponto que tentaremos discutir no próximo tópico.

5.2- Entre a cidade do espetáculo e a cidade da festa: tensões e ambigüidades nas formas de pensar a cidade e a festa em Mossoró.

No tópico anterior discutimos as diferenças e mediações que envolvem o espetáculo e a festa. Esse caminho que nos conduziu da festa para o espetáculo nos remeteu a pensar sobre este momento histórico do capital, no qual a imagem ocupa uma centralidade (Harvey, 2000) e a cultura uma forma de recurso (Yúdice, 2004). É nesse contexto que o *planejamento estratégico* se situa e se fortalece nas cidades.

Nessa direção, as reflexões desenvolvidas por Vainer (2002), Arantes (2002), Sanchez (2001, 2003) e Souza (2004), nos ofereceram elementos importantes para uma melhor compreensão sobre essa forma de planejamento, que tem como um dos objetivos a construção de uma agenda estratégica que contemple as transformações exigidas para que as cidades se insiram na dinâmica da globalização.

Contudo, para que esse objetivo seja cumprido - como destacam Castells e Borja (1996) - também retomados em outros momentos deste trabalho - se faz necessário a definição de um projeto de futuro que seja capaz de mobilizar os atores urbanos públicos e privados. Este projeto *deve e/ou modificar a imagem que a cidade tem de si mesma e aquela que projeta no exterior e ainda deverá questionar o governo local, suas competências e sua organização, seus mecanismos de relacionamento com*

outras administrações e com os cidadãos, sua imagem e sua presença no cenário internacional (Castells e Borja, 1996).

Nessa tendência mais geral de pensar a cidade, a imagem ocupa uma centralidade, sendo nessa direção que as políticas urbanas e culturais passam a serem pensadas nas cidades. Nesse contexto, como bem coloca Arantes (2002), a rentabilidade e o patrimônio arquitetônico-cultural se dão às mãos no processo de *revalorização urbana*. Esse processo de revalorização passa então a caminhar na definição de uma singularidade local, pois a identidade das cidades torna-se cada vez mais um instrumento de legitimação dos operadores políticos locais.

Esse processo que se desenha no plano global parece encontrar eco na dinâmica que vem se instalando em Mossoró nos últimos dez anos. Essa tendência pode ser percebida especialmente através da reestruturação e revalorização do conjunto arquitetônico que compõe a área central, da (re) invenção das festas e ainda das várias atividades que têm sido desenvolvidas na cidade com o objetivo de afirmar a idéia de uma cidade da cultura, com já discutimos nos capítulos anteriores. Esse processo foi reconhecido no recente diagnóstico elaborado para subsidiar as ações do plano diretor na cidade.

Neste documento são apontados os investimentos realizados na produção cultural e na construção de equipamentos na cidade. Essas intervenções feitas pelas últimas administrações, têm buscado, segundo o diagnóstico, afirmar a identidade cultural local e isso tem gradativamente despertado na população o sentimento de pertencimento ao lugar em que vive. Assim, “as manifestações folclóricas, o acervo literário e arquitetônico, ou seja, o conjunto de bens culturais existentes, tem sido alvo de um novo olhar: o de posse coletiva como parte da construção de identidade” (Diagnóstico do Plano Diretor de Mossoró –DPDM- 2006). Nessa direção é destacado ainda que:

(...) toda cidade se reveste de significados. E é sobre esse espaço cheio de símbolos e imagens que Mossoró vem construindo seus eventos. Essas atividades não têm a pretensão de serem apenas lazer cultural, mas um meio privilegiado de atrair

diferentes pessoas, permitindo que sejam apresentadas **as singularidades locais** (DPDM, 2006, s/p, grifo nosso).

Todavia, parece válido considerar, como bem assinala Acselrad (2005), que entre o jogo das representações e a reconfiguração prática da cidade deveria se estabelecer uma hierarquia de importância, pois o desafio que se coloca é justamente o de entender as relações que hoje podem explicar ao mesmo tempo, o sentido da reconstrução simbólica da identidade das cidades e os processos sociais e materiais que lhes são subjacentes.

Essa observação feita por Acselrad nos aponta elementos para formular o seguinte questionamento: Porque a cidade de Mossoró absorveu de forma tão rápida os elementos que permeiam o planejamento estratégico que vem sendo propostos para as cidades, ou, dito de outra forma, porque a revalorização urbana e a dinâmica dos grandes eventos (espetáculos), sejam elas festas ou feiras, sobretudo aquelas que (re)atualizam os elementos identitários se instalaram de forma tão acentuada e eficiente na cidade?

A resposta para esse questionamento na nossa compreensão está relacionada com duas questões, a primeira se refere à própria formação da cidade, sobretudo das suas elites, e a outra tem uma relação com a dinâmica turística que vem se instalando em algumas cidades do Nordeste há algumas décadas. Todavia, neste momento, gostaríamos de nos deter especialmente no primeiro aspecto.

Assim, gostaríamos de lembrar o terceiro capítulo desse trabalho, através do qual nos aproximamos do processo de formação da cidade de Mossoró e das suas elites. Estas historicamente revelaram uma cultura faustosa, refinada, acostumadas a festas suntuosas e aos grandes espetáculos, a exemplo das grandes companhias teatrais européias, dos tenores italianos e dos barítonos que realizaram gloriosas temporadas na cidade no final do século XIX e início do século XX.

Essa elite formada inicialmente no âmbito das relações comerciais, lançou mão desde cedo de um conjunto de representações que contribuíram para o seu processo de fortalecimento e legitimação. Essas representações foram sendo apropriadas pelas elites que foram se instalando sucessivamente no poder, como é o caso da oligarquia Rosado. Dentre essas representações destacam-se a construção da idéia de uma sociedade *libertária e corajosa*.

Esses ideais de *liberdade e coragem* vêm sendo historicamente impressos tanto no espaço da cidade, como é caso da toponímia atribuída aos vários equipamentos urbanos, quanto nos rituais comemorativos, a exemplo do 30 de setembro que ocorre na cidade desde o final do século XIX. Assim, nesse momento histórico em que a cidade “precisa” se diferenciar no mercado regional de cidades, esses referenciais têm sido cada vez mais (re)atualizados, (re)afirmados e projetados na dinâmica sócio-espacial da cidade, cumprindo o papel tanto de diferenciá-la em relação às demais cidades, quanto de legitimar as elites políticas locais.

É nesse contexto local que essa tendência global da centralidade da imagem e do uso da cultura como recurso ganha força e redefine a dinâmica sócio-espacial da cidade, sobretudo no que se refere à reestruturação de equipamentos culturais e de lazer localizados no centro da cidade e da (re)invenção das festas e de outros eventos, tais como as feiras.

Legitimados nesse contexto, os referenciais de *coragem e liberdade* se espalham e se afirmam tanto nos rituais festivos - a exemplo do espetáculo *chuva de balas* que ocorre durante as festas juninas e do espetáculo *Auto da Liberdade*, que é uma ampliação das manifestações do dia 30 de setembro - quanto no espaço da cidade - é o caso da Praça da *Redenção*, do Palácio da *Resistência* (atual prefeitura da cidade), dos conjuntos habitacionais *Liberdade I, II, III* e ainda de outras instalações, inclusive de caráter privado, a exemplo do shopping *Liberdade* localizado no centro.

Esses ideais de *liberdade e coragem* “hegemonicamente” impressos na geografia da cidade ganham evidência juntamente com aqueles que se proclamaram os

seus “guardiões”: Os Rosados. Assim, grosso modo, é pertinente afirmar que a geografia da cidade está cada vez mais circunscrita, de um lado, pelos referenciais de *liberdade e coragem* e, por outro, pela reverência ao grupo político dos Rosados, a exemplo do Teatro *Dix-Huit Rosado*, do Aeroporto *Dix-sept Rosado*, do Hospital *Oitava Rosada*, da Praça Rodolfo Fernandes (prefeito que combateu Lampião), do Ginásio Poliesportivo Pedro Ciarline e tantos outros.

A maioria dos topônimos atribuídos aos equipamentos urbanos na cidade não faz referência à memória dos sujeitos sociais envolvidos com as atividades que lhes são correspondentes, ou seja, a denominação do teatro não faz referência a nenhum artista da cidade e isso ocorre com relação ao ginásio de esporte, aos hospitais e etc.

Ao falar sobre essas apropriações simbólicas e, em especial, ao processo de nomeação do teatro recentemente construído, o ex-vereador do Partido dos Trabalhadores que legislou entre os períodos de 1997/2000 e 2000/2004 e acompanhou o processo de nomeação do teatro Dix-Huit Rosado argumentou: (...) “fui contrário a nomeação do teatro, não pela pessoa homenageada, mas porque o referido homenageado (Dix–Huit Rosado) havia vetado a proposição que criava a lei de cultura”. Essa insatisfação revela uma das tantas contradições que permeiam as representações impressas na cidade.

O questionamento em torno dessas representações também é encontrado na fala de Lenilda, uma das atrizes entrevistadas, que na ocasião destacou as contradições presentes na abordagem dos personagens ao longo das peças que são apresentadas nos períodos festivos, pois o tratamento que é dado por alguns diretores a alguns desses personagens não reflete a realidade social. É o caso dos coronéis que, segundo a atriz, “aparecem sempre como bonzinhos, que até parecem anjos” (nesse momento a atriz se referiu ao episódio do combate a Lampião que é abordado através do espetáculo *Chuva de balas no país de Mossoró*).

Esse questionamento também foi feito com relação a forma como as mulheres são abordadas ao longo do espetáculo *Auto da Liberdade*, pois, segundo a

entrevistada, muitas vezes elas parecem compor apenas um cenário e isso é contraditório na medida em que existiram mulheres que foram protagonistas na história de lutas da cidade (referindo-se às mulheres envolvidas no episódio do motim das mulheres e ainda ao papel político de Ana Floriano, primeira mulher a votar na cidade).

Nessa direção, apontou ainda uma preocupação com os papéis que são atribuídos por alguns diretores aos negros ao longo dos espetáculos, pois na maioria das vezes “os anjos são representados pelas pessoas brancas, os negros representam sempre os diabos” (nesse momento a entrevistada se referiu ao Auto de Luzia realizado durante o mês de dezembro). Ao falar do episódio da Libertação dos escravos e sua relação com a situação atual do negro na cidade, ela acrescentou: “os negros da nossa cidade estão nas periferias e estão sem espaço, bem escondidinhos como em todo canto do país”.

Essas falas apontam duas questões para serem pensadas na cidade. A primeira sinalizada nas palavras do vereador, se refere a forma como essas apropriações simbólicas expressas através da toponímia dos espaços da cidade silenciam e invisibilizam as ações cotidianas dos sujeitos sociais na cidade. A segunda questão manifestada através da entrevista com a atriz, aponta para questionamentos acerca das representações construídas pelas elites ao longo das peças apresentadas, sobretudo no que se refere aos papéis atribuídos as mulheres e ao negro.

Essas representações, embora contraditórias, parecem dialogar com os moradores dos bairros da cidade, que na ocasião da pesquisa sinalizaram outras insatisfações, em especial para os investimentos que vêm sendo feitos na cidade, a exemplo das palavras do sr^o. Oreste, morador do bairro São Manoel, para ele: “tudo é divertimento, tudo é importante, lembrar o passado é importante, mas os governantes têm pouco interesse por Mossoró, que é um lugar rico, cadê as fábricas?” Nesse sentido também se direcionaram as palavras do sr^o. F. S. que argumentou: “Mossoró é lugar de gente corajoso, mas é preciso indústria na cidade” (Entrevistas feitas em setembro de 2004).

Para a sr^a. Adélia que mora no bairro Bom Jardim: “é bom ser mossoroense, tenho muito orgulho em ser nordestino. As festas aumentam o meio de vida de algumas pessoas, mas para mim é errado, pois traz muita baderna e deixa de se gastar em coisas mais urgentes”. A fala de Kétsia, moradora do bairro Nova Betânia, também aponta nessa direção: “Mossoró precisa crescer economicamente e a prefeita só traz festas” (Entrevistas feitas nos bairros da cidade em setembro de 2004).

O sr^o. J. W. residente no bairro Belo Horizonte nos falou que ser mossoroense para ele “é ter nascido na cidade que primeiro libertou os escravos, mas não tenho mais liberdade, pois ninguém pode mais sair para canto nenhum com a falta de segurança”. A ausência de segurança também foi pontuada por pelo sr^o. Jorge Loureiro que assinalou que “o cortejo que ocorre no final das comemorações está cada vez mais fraco por conta da falta de dinheiro e também de transportes que conduzam os moradores até o espetáculo” (Entrevistas feitas nos bairros da cidade em setembro de 2004).

Nessa mesma direção a sr^a. F. B. destacou: “Sou de Mossoró e adoro esta cidade, apesar dos problemas que a cidade tem; falta de segurança, falta médicos (...)”. Já para o sr^o. A. L. “a falta de segurança impede a liberdade” (Entrevistas feitas nos bairros da cidade em setembro de 2004). A ausência de segurança foi ressaltada por muitos outros moradores que apontaram esse problema como uma das causas da não participação nas festas. Assim, na perspectiva dos moradores, o antônimo da liberdade proclamada pela festa é a insegurança.

As entrevistas feitas com os moradores, embora apontem para uma identificação com as festas e os referenciais identitários atualizados ao longo das mesmas, expressam ao mesmo tempo, uma cobrança em relação às ofertas de trabalho existentes na cidade e também para um maior investimento nas políticas sociais, sobretudo de transportes e segurança. Nesse sentido, é possível dizer que embora exista uma assimilação dos referenciais simbólicos construídos pelas elites, existe ao mesmo tempo, uma insatisfação com relação aos investimentos que vêm sendo feitos nas festas e, conseqüentemente, na cidade.

Uma outra tensão que tem perpassado a centralização das festas na cidade, diz respeito aos conflitos gerados por conta dos problemas ambientais sonoros que têm sido causados durante os períodos festivos, sobretudo durante as festas de São João. Essa questão tem sido motivo de embate entre os moradores que residem próximo a Estação das Artes e o poder público, sendo comum a veiculação desses conflitos nos jornais da cidade.

Nesse sentido, é possível afirmar que existem tensões e questionamentos em torno da forma como a festa e a cidade vêm sendo pensadas, embora existam também mediações, como revela a entrevista feita com o ex-vereador do Partido dos Trabalhadores, já citado anteriormente, que ao falar da dinâmica instalada na cidade argumentou:

Não sou contra os mega-eventos, mas é preciso ponderar a valorização desses grupos menores (...). Naturalmente acho que sim, é inegável que essas atividades trazem divisas para o município. Claro que isso é um investimento, eu não sou contra, mas, Mossoró não tem uma política cultural definida. Eu não sei se a concepção desses mega-eventos surgiu nas bases ou foram pensadas a quatro paredes (Entrevista concedida em set/2005).

A fala do ex-vereador chama atenção para a necessidade de um debate mais coletivo em torno dos projetos culturais implementados na cidade. Aponta também para a necessidade de uma atenção aos projetos dos grupos de teatros de porte menores envolvidos com a dinâmica cultural local. Esses grupos vêm cobrando constantemente a implementação da lei de cultura que após passar por várias situações, inclusive de ter sido aprovada e em seguida vetada pelo então prefeito Dix-Huit Rosado, agora está em vigor.

A cobrança na implementação da lei de cultura vem sendo acompanhada da exigência de uma maior clareza dos critérios de distribuição dos recursos destinados para o setor. Uma nota feita pela atriz e também professora da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Gláucia Helena, em 17 de maio de 2004, ano em que foi inaugurado o teatro Dix-Huit Rosado revela sua insatisfação no que diz respeito ao

cumprimento desses critérios de distribuição de recursos, especificamente no que se refere aos projetos destinados aos grupos de teatro. Na nota, a atriz chama atenção para a árdua luta dos artistas na busca pela construção de um teatro para Mossoró. Do resultado dessa luta derivaram não só um teatro, mas vários. Todavia, ela questiona:

Valeu a pena? Conseguimos não um, mas vários teatros, mas conseguimos respeito? Conseguimos a lei a cultura, o conselho de cultura, mas em que tudo isso nos ajuda? (...) Olhando de longe um teatro para Mossoró parece uma metáfora para aquilo que realmente importava. Queríamos e ainda queremos platéias lotadas, condições para montarmos os nossos espetáculos, discutir a política cultural da cidade, enfim RESPEITO, assim em letras maiúsculas. Gostaríamos de poder construir a nossa história como atores e não como passivos espectadores (...).

A insatisfação expressa na nota vai ao encontro das inquietações já salientadas por L C, - atriz citada anteriormente - que nos falou sobre as limitações que envolvem a participação dos atores na dinâmica cultural que hoje se instala em Mossoró. Nesse sentido, as entrevistas feitas com várias outras atrizes e atores revelaram uma insatisfação com o pouco aproveitamento da experiência dos artistas locais, pois na cidade existem muitos grupos de teatro, alguns deles tem sua formação na década de 1980, como é o caso da Cia de teatro Escarcéu.

Para Nonato, um dos integrantes da Cia Escarcéu, a realização desses espetáculos que vêm ocorrendo na cidade tem provocado uma troca de papéis das companhias de teatro da cidade, para ele “hoje mudou, pois os chamados ´mega-espetáculos` descentralizam as ações antes desenvolvidas pelos grupos, constituindo uma nova prática no cenário artístico mossoroense”. Esse novo cenário tem produzido questionamentos por parte dos grupos de teatro. Esses questionamentos segundo Nonato:

(...) se dão nos campos de montagem dos espetáculos e da contratação para a direção geral dos mesmos, pois esses espetáculos têm preterido a participação dos grupos da cidade, dando preferência à estratificação da atuação dos artistas nesse processo. Em consequência desse procedimento, os artistas que se propõem a compor tais espetáculos, integram a encenação enquanto ´objetos` (Nota publicada no site da Cia de Teatro Escarcéu, junho e 2006).

Uma outra preocupação destacada pelos artistas envolvidos com a dinâmica cultural na cidade diz respeito aos impactos desses grandes espetáculos na dinâmica social da cidade. Nesse sentido, tanto L. C., quanto T. S., ambas componentes dos grupos de teatro da cidade e também atrizes das peças que são apresentadas ao longo das festas, revelaram-nos que não existe um projeto continuado de formação que envolva os inúmeros jovens que participam das peças. Para L. C. “poderia ser um projeto mais amplo, ele poderia se estender para formação dos jovens que pretendem com arte na cidade, com educação para formar uns jovens mais críticos (...)” (Entrevista concedida em set/2005).

Essa reivindicação também se fez presente nas entrevistas feitas com jovens envolvidos com a cultura *hip hop* na cidade. Ao longo das entrevistas um deles mencionou que “a festa incentiva a expressão”, embora, para ele, isso seja muito recente, pois somente a partir do ano passado é que o grupo encontrou espaço para a expressão. Para o grupo entrevistado:

Em Mossoró não tem muito espaço para culturas mais alternativas, no caso o hip hop, o hap. A gente vai se virando como pode, a gente arruma um som, arruma um cd, bota lá, começa a dançar, e assim vai seguindo, ensaiando. O povo aqui é muito preconceituoso com a gente por causa do estilo, da roupa, do jeito de andar. O que eu acho contra a gente é o preconceito e o racismo. Gostaria muito mesmo que a prefeita valorizasse mais ainda o nosso trabalho (..) (Adriano, Entrevista concedida em dez/2005).

Isso nos fez pensar qual o lugar das pessoas que se encontram as “margens da cidade”, seja do ponto de vista social ou cultural, na festa. Nesse sentido podemos perceber que a disciplinarização das territorialidades na festa tem permitido que determinados grupos sociais possam se expressar. A simples possibilidade de expressão, para esses grupos, já se coloca como uma forma de valorização. Esse aspecto pode ser percebido no momento em eles ressaltaram que gostariam que a prefeita *valorizasse ainda mais o trabalho* que eles desenvolvem.

Assim, nos festejos juninos que ocorrem na área central da cidade é possível encontrar um espaço destinado para as diferentes manifestações culturais, tais como: os grupos que se identificam com a música eletrônica, os grupos que gostam do forró pé-de-serra, os cantadores de viola, os sanfoneiros, as quadrilhas e etc. Essa mesma demarcação espacial pode ser percebida quando se trata do uso dos bares existentes na festa, pois do lado frontal dos palcos é comum encontrar bares mais sofisticados, enquanto do lado detrás encontramos comumente bares mais simples. Essa disposição direciona a ocupação dos espaços da festa.

Assim, tal como a cidade, a festa expressa através da demarcação espacial, o lugar que cada grupo social ocupa no território. Desse modo, a manifestação cultural dos diferentes grupos se torna possível na medida em que os mesmos se adaptem a disciplinarização estabelecida pela lógica do espetáculo presente na festa. Desse modo, a geografia da festa, reflete, de alguma forma, as desigualdades sociais presentes na cidade.

Esses elementos, porém, não passam despercebidos pelos diferentes segmentos sociais, tanto as falas dos moradores, quanto das atrizes envolvidas com os grupos de teatro e ainda do ex-parlamentar e dos grupos envolvidos com a cultura hip hop na cidade, apontaram para a necessidade da construção de um projeto que possa incluir os diversos setores sociais na dinâmica da cidade, seja através de uma política de transportes e de segurança mais efetiva que facilite o acesso à cidade, seja através de uma política cultural democrática, na qual o poder de participação das pessoas envolvidas não se reduza a um papel de mero espectador, mas de um indivíduo político e participante.

Essas insatisfações apontadas pelos diferentes segmentos sociais, contudo, não se encontram organizadas na direção de um projeto mais alternativo de cidade, elas aparecem de forma fragmentada através das falas, o que mostra a necessidade de um debate mais coletivo sobre as reais necessidades daqueles que fazem a cidade.

Um dos caminhos para atingir esse objetivo está na transmutação do indivíduo em público, que segundo Gomes (2002), ocorre mediante o princípio da publicidade que é a capacidade de apresentar sua razão em público sem obstáculos e confrontá-la à opinião pública, instituindo assim, um debate e, nesse processo, podendo exercer *o direito de falar*, referencial maior de liberdade apontado pelo sr. Dimas Batista, um dos moradores entrevistados no bairro Bom Jardim em Mossoró.

Essa dimensão participativa da sociedade foi ressaltada pelo menos em tese, no diagnóstico que guiará as proposições do plano diretor que está sendo atualmente elaborada para a cidade. Esse aspecto participativo, já havia sido sinalizado pela prefeita que antecedeu a atual administração. Esse aspecto foi destacado em várias entrevistas dadas pela mesma. Em uma dessas ocasiões a referida prefeita argumentou que foram realizadas “reuniões para ouvir o povo. Era preciso saber as prioridades de cada comunidade”⁵.

Essa dimensão da participação parece ser um discurso que tem permeado o discurso das últimas administrações, nessa direção tem sido destacado que a natureza e a direção das intervenções do Plano Diretor serão guiadas pelo processo político participativo, pois, segundo o diagnóstico já elaborado “o princípio básico para a elaboração do Plano Diretor é a participação efetiva dos diferentes setores sociais” (DPDM, 2006, s/p).

No diagnóstico consta que a metodologia utilizada para a elaboração do Plano Diretor tem por base as orientações do Estatuto da Cidade. Os grupos de trabalho envolvidos no processo - especialmente para esta etapa que se encerrou com a elaboração do diagnóstico do município - ouviram e consultaram os mais variados e representativos segmentos da sociedade mossoroense, como órgãos públicos, iniciativa privada, organizações não governamentais, moradores, além de atores do universo

⁵ Revista “Adoro Mossoró” veiculada pela Prefeitura de Mossoró em dez/2004, p.62.

técnico, político e intelectual comprometidos com o desenvolvimento sustentável do município.

Esse processo participativo foi reafirmado pelo coordenador do Plano Diretor na cidade, Marco Célio Nogueira, que destacou as diversas reuniões feitas nos bairros ao longo da construção do diagnóstico da cidade. Na ocasião da entrevista cedida para esse trabalho, ele ressaltou que após as reuniões realizadas nos bairros foram feitas três audiências públicas nos espaços do SESC e na Câmara dos Vereadores da cidade. Assim, segundo o coordenador, foram pactuadas várias instâncias de participação para tornar público e transparente todo o processo nas suas diferentes etapas.

Entretanto, parece necessário deter-se na natureza dessa representação, nesse sentido são sugestivos os questionamentos de Sanchez (2003) sobre esses processos na cidade: trata-se de uma participação efetiva ou representada, ativa ou passiva, transformadora ou legitimadora dos projetos sociais? O grau de consenso alcançado não tem fissuras importantes ou não são suficientemente visíveis para o próprio cidadão, nem sequer para o estudioso da cidade? Essas questões precisam ser pensadas para aqueles que reivindicam a necessidade de decodificar os projetos de renovação urbana.

Assim, essa possibilidade participativa sinalizada tanto no documento que subsidiará o Plano Diretor da cidade como através daquelas pessoas envolvidas com o processo, como é o caso do coordenador dos trabalhos, necessita ser questionada e cobrada, pois, como bem sugere Lefebvre (1991), é preciso que se faça valer a dimensão política contida nos programas. Para tanto, cabe aos habitantes não se deixarem manobrar, manipular. Cabe às forças políticas indicarem suas necessidades sociais, “inflexir as instituições existentes, abrir os horizontes e reivindicar um futuro que será obra sua” (p.123).

Esse caminho, embora encontre desafios, precisa ser percorrido em Mossoró, sobretudo nesse momento vivenciado pela cidade em que os interesses

políticos locais se entrelaçam e, ao mesmo tempo, se reforçam no projeto global que vem sendo proposto para as cidades por meio do planejamento estratégico. Este processo pode levar a destruição da cidade como espaço da política, como lugar de construção da cidadania, ou como bem nos alerta Vainer (2002), da cidade enquanto *polis*, pois somente na *polis*, em comunidade com outros, “o homem é capaz de cultivar em todas as direções todos os seus dotes, afirmando sua liberdade (...)” (Santos, 1996, p. 78).

Nesse processo, os referenciais que vêm sendo utilizados historicamente para legitimar e amalgamar poderes estabelecidos podem ser utilizados para questionar a invisibilidade e o silêncio ao qual boa parte da população vem sendo submetida. Pois, considerando que as identidades são relacionalmente construídas, é possível afirmar que elas podem ser disputadas, questionadas, e que os referenciais de *liberdade* e *coragem* que são apropriados pelas elites para legitimar uma identidade hegemônica, podem ao mesmo tempo, ser utilizadas pelas classes subalternas para a sua afirmação material e simbólica, apontando assim, para um horizonte emancipatório materializado em práticas e representações onde se problematiza o espaço da diferença e se questionam os espaços das desigualdades na cidade.

Assim, a festa, embora esteja sendo usada para selar a unidade da cidade, pode ser utilizada também para construir ou, em alguns casos, solidificar os laços sociais dos bairros colocando-se, portanto, como um dos elementos de resistência das diferentes práticas espaciais existentes na cidade, apontando, desse modo, para a valorização das experiências locais. É, portanto, com a valorização da festa vivida e conseqüentemente da cidade do uso que é possível se posicionar mais criticamente frente à festa concebida e, conseqüentemente, frente a cidade da troca. Neste sentido são valiosas as observações feitas por Lefebvre (1991):

A própria cidade é uma obra, e esta característica contrasta com a orientação irreversível na direção do dinheiro, na direção do comércio, na direção das trocas, na direção dos produtos. Com efeito, a obra é valor de uso e o produto é valor de troca. O uso principal da cidade, isto é, das ruas e das praças, dos edifícios, e dos monumentos, é a festa (que consome improdutivamente sem nenhuma outra

vantagem além do prazer e do prestígio, enormes riquezas em objetos e em dinheiro) (p. 4).

Pensando a cidade como espaço do uso, Lefebvre (1991) propõe que a mesma reencontre a festa, sua função primordial. Essa proposta, contudo parece não se encontrar com o papel de mercadoria que a festa e a cidade têm assumido nesse momento histórico da sociedade capitalista, embora, para Lefebvre:

(...) o espaço lúdico coexistiu e coexiste ainda com espaços de trocas e de circulação, com o espaço político, com o espaço cultural. Os projetos que perdem esses espaços qualitativos e diferentes no seio de um “espaço social” quantificado, regulado apenas por contagens e pela contabilidade, esses projetos se baseiam numa esquizofrenia que se cobre com o véu do rigor, da cientificidade, da racionalidade (...) (p.133).

Em se tratando do projeto de cidade que vem se instalando em Mossoró, é preciso que a tensão que está colocada entre o espetáculo e a festa, não se esgote nas insatisfações e reclamações apontadas pelos diferentes segmentos sociais, mas que ela assuma a perspectiva de um projeto de cidade.

Nesse processo, é preciso que os “consensos” produzidos pelo conjunto de representações configuradas através festa, da toponímia da cidade e ainda através dos discursos da competência proclamados pelas elites, sejam tensionados, questionados e que os processos que os orientam sejam descortinados. Este discurso da competência que cada vez mais se impõe nos projetos que são propostos para as cidades tem sido norteado pelo *discurso competente* que orientam os projetos de cidade, sendo entendido por Chauí como aquele no qual a linguagem sofre uma restrição, e que:

(...) não é qualquer um que pode dizer a qualquer outro qualquer coisa em qualquer lugar e em qualquer circunstância. O discurso competente confunde-se, pois, com a linguagem institucionalmente permitida ou autorizada, isto é, com um discurso no qual os interlocutores já foram previamente reconhecidos como tendo o direito de falar e ouvir, no qual os lugares e as circunstâncias, já foram predeterminados para

que seja permitido falar e ouvir e, enfim no qual o conteúdo e a forma já foram autorizados os cânones da esfera de sua própria competência (Chauí, 2003, p.7).

Fundamentado inicialmente nas essências e valores burgueses e posteriormente na racionalidade científica, o *discurso competente* no seu processo de afirmação, tende a silenciar os sujeitos sociais, transformando-os em objetos sociais (Chauí, 2003). Em se tratando da cidade, esse discurso acaba legitimando os projetos concebidos pelos planejadores, pelos urbanistas, e pelos tecnocratas.

Esse *discurso competente* na maioria dos casos, acaba sinalizando o destino que as cidades devem seguir. Nesse momento histórico ele tem se materializado através dos planos estratégicos que vêm sendo propostos para as cidades e, nesse processo, a idéia de competência tem se afirmado, pois a cidade “necessita” projetar uma imagem que transmita confiabilidade, competência e segurança.

Esses aspectos são destacados por Borja e Castells (1996) quando discutem o planejamento estratégico. Para eles “o plano estratégico questiona o governo local, **suas competências e sua organização**, seus mecanismos de relacionamento com outras administrações com os cidadãos, sua imagem e sua presença internacionais” (p.158, grifo nosso).

É essa imagem, tanto da cidade, como do administrador competente que irá ser projetada no mercado. Não é por acaso que tem sido divulgado os vários prêmios recebidos pela Prefeita de Mossoró Rosalba Ciarlini pelo reconhecimento do trabalho desenvolvido na cidade ao longo da sua administração. É o caso do Prêmio IBEST 2002, 2003; Prefeito empreendedor SEBRAE, 2003; Gestão Pública e Cidadania, 2004, Fundação Ford- Programa SEMEAR; Programa e Gestão Pública e Cidadania 2001; 2002; 2003 - Programa Água Viva Luz do Sol; Prêmio pela Boa Governança Municipal em 2002, IBAM 50 anos. Além desses prêmios foram divulgados as várias medalhas e certificados recebidos pela cidade e pela prefeita. Essas informações acabam contribuindo para a legitimação da competência proposta no plano estratégico e, conseqüentemente para construção do consenso na cidade.

Esse consenso que vem sendo sugerido, exigido pelo plano estratégico, como podemos perceber, tem encontrado eco em Mossoró, tanto através do discurso da competência, como por meio do conjunto de representações atualizadas ao longo das festas. Contudo, é preciso salientar que existem tensões, questionamentos, ou seja, dissensos, em torno do que vem sendo pensado “consensualmente” para a cidade. As falas dos diferentes sujeitos sociais resgatadas anteriormente apontam nessa direção.

Esse dissenso que expressa a distância entre a cidade que vem sendo concebida e aquela vivida, somente é percebido na medida em que adentramos na dinâmica cotidiana dos moradores da cidade, nas suas práticas sociais, nos seus saberes e fazeres e, sobretudo quando verificamos suas carências e ausências. O conhecimento real dessas práticas pode levar a construção de um projeto de cidade, no qual as experiências dos sujeitos sociais sejam reconhecidas, valorizadas e assimiladas, inclusive no que se referem as suas formas de festejar. Nesse sentido, não estamos propondo que a festa seja extinta por conta do seu caráter espetacular, mas que ela seja restituída na perspectiva de uma transformação da vida cotidiana, como bem propõe Lefebvre (1991).

REFLEXÕES “CONCLUSIVAS”

O itinerário percorrido ao longo desse trabalho teve como ponto de partida as festas em Mossoró. A partir delas tentamos entender os elementos que têm norteado as mudanças que a cidade tem vivenciado. Para tanto, trilhamos um caminho no qual visitamos inicialmente os vários sentidos e funções que foram atribuídos à festa por aqueles que se detiveram a compreendê-la. Esse percurso nos levou a perceber que a festa congrega várias funções, sentidos e significações, permitindo assim, diferentes apropriações.

Muitas das funções atribuídas à festa se entrelaçam com os elementos que compõem o projeto mais global de pensar a cidade nesse momento histórico da dinâmica capitalista, no qual a cultura assume um valor de recurso (Yúdice, 2004), a imagem uma centralidade (Harvey, 2000) e os Planos Estratégicos a saída para a inserção das cidades no mercado de cidades (Sanchez, 2003).

Nesse cenário, as festas se apresentam como uma das grandes estratégias de marketing, pois além de ser uma das formas de produção de identidade e, portanto, de estabelecimento da diferença no mercado de turismo, ela também possui o poder de impressionar intensamente os sujeitos que dela participam, seja através da interpretação musical ou teatral que ela congrega, seja pelo poder que possui em transfigurá-los “em espontâneas vítimas do entusiasmo coletivo” (Calvo, 1991). Nesse sentido, coloca-se como um dos veículos portadores de imagem.

Por congregar o poder de regulação de conflitos, de construção de unidade e de produção de identidade, a festa coloca-se também como uma das fontes de legitimação das elites políticas e da reprodução das suas relações de poder. Essas funções são bem úteis no processo de produção do consenso, um dos elementos apontados como necessários na construção de um projeto estratégico para as cidades (Vainer, 2002).

A apropriação das funções que a festa congrega, seja como forma de regulação de conflitos, construção da unidade, produção de identidade, projeção de

imagem, não retira dela, contudo, outras formas de apropriações, outras significações, através das quais se encontra o irreduzível da festa que ainda resiste, embora o tempo do espetáculo cada vez mais se imponha sobre a multiplicidade de ritmos que compõe a festa.

Essa relação que estamos estabelecendo entre festa e cidade, foi guiada tanto pela dinâmica festiva que analisamos em Mossoró, quanto pelas diferentes leituras envolvendo a cidade, a festa e a identidade. Partindo dessas reflexões gostaríamos de retomar as festas vividas, descritas e discutidas em Mossoró e, a partir daí, tentar elaborar uma conclusão, mesmo que provisória, dos diferentes papéis, sentidos e significados que cada uma delas representa na e para a cidade, sobretudo nesse momento histórico. Para tanto, falaremos inicialmente da Festa de São João, em seguida da Festa Cívica que hoje recebe a denominação de Auto da Liberdade e, por último, da Festa de Santa Luzia.

O São João e a cidade

Historicamente, as festas de São João têm feito parte das comemorações dos bairros em Mossoró, todavia, até dez anos atrás, elas não ocupavam a centralidade espaço-temporal, que hoje ocupam na cidade. Assim, enquanto estavam circunscritas aos bairros, elas representavam um dos momentos de celebração das experiências sociais, seja no que se refere à dimensão religiosa, seja no que diz respeito ao encontro e à diversão.

Nesse sentido, cumpria um papel de fortalecer os laços sociais dos moradores através do encontro e da celebração das suas vivências. Contudo, na medida em que elas assumem uma centralidade na cidade, elas passam a exercer outras funções, dentre as quais se destaca aquela de nomear uma identidade territorial e de projetar a cidade no mercado de turismo.

Assim, é através da festa de São João organizada pelo poder público juntamente com a participação da iniciativa privada que a cidade tem buscado se projetar no cenário turístico dos eventos, tanto em nível estadual, quanto regional e

nacional. Para tanto tem procurado se diferenciar das demais cidades nordestinas, sobretudo aquelas que apresentam características de porte médio, pois, são nessas cidades onde as festas juninas mais tem se destacado no Nordeste.

Nessa perspectiva, Mossoró está tentando se projetar como a *Cidade Junina do Brasil*, competindo com Campina Grande que apresenta *O Maior São do Mundo* e ainda com Caruaru que afirma possuir *O Melhor São João do Mundo*.

A tentativa de diferenciação, contudo, não se restringe à denominação dos festejos juninos. Ao longo da festa tem sido teatralizado o combate da cidade a Lampião, ocorrido em junho de 1927. Para a prefeita Rosalba Ciarlini, entrevistada na ocasião da pesquisa, isso é o “referencial o diferencial”.

Desse modo, entendemos que, através dos festejos juninos, o discurso da identidade nordestina é (re)atualizado e, nesse processo, os referenciais de coragem e liberdade são resgatados e impressos à imagem da cidade com o propósito de que a mesma seja reconhecida como “corajosa e libertária”, diferenciando-se assim, das demais cidades que também protagonizam esse tipo de festa no Nordeste. Essa característica imprime à Festa de São João um sentido da tradição, mesmo que seja mediante um processo de invenção. É nesse contexto que o discurso da identidade regional é (re)atualizada e localmente (re)articulada.

Esse processo de (re) invenção da tradição e (re) atualização da identidade coloca-se como um dos elementos estratégicos no momento em que a cultura assume uma centralidade na dinâmica das cidades. Nesse aspecto a festa junina apresenta um sentido econômico mais forte do que as demais festas, visto que os referenciais ritualizados (quadrilhas, sanfoneiros, repentistas, forró, etc) atraem turistas, dinamizando, mesmo que de forma sazonal, a economia local, na medida em que empregam aqueles que conseguem instalar suas barracas de comida ou de artesanato nos espaços que são destinados à festa, embora quando se apagam as luzes do espetáculo, essas pessoas retornem a sua condição de desempregados.

Nessa perspectiva, a festa de São João é a que mais atende à apropriação da cultura como uma forma de recurso e, conseqüentemente, os objetivos contidos no Plano Estratégico que vem sendo proposto para as cidades, sendo aquela que revela com mais expressividade os elementos de um plano mais global de pensar a cidade. Essa conclusão não nega os processos de apropriação política por parte dos grupos políticos locais, contudo, aponta que há um entrelaçamento entre um projeto mais global de pensar a cidade com os interesses das elites locais, que se justificam e se legitimam nesse processo.

Essa centralização espaço-temporal das festas juninas na cidade tem provocado o silenciamento das festas que já existiam nos bairros, provocando tensões que se expressam através dos conflitos entre as instituições, a exemplo da Igreja, que reclama a dimensão religiosa da festa e entre as gerações, a exemplo dos mais idosos que reivindicam a questão da tradição, que, segundo eles, tem sido negligenciada a partir do processo de espetacularização das festas.

Em meio a esses conflitos, verificamos muitas ambigüidades, visto que, há muitas conviências com esse formato que a festa tem assumido e aceitação da mesma como uma forma de diversão e um dos meios de dinamizar economicamente a cidade. A durabilidade (em média de 25 dias) também tem gerado conflitos ambientais, pois os moradores que residem nas proximidades da Estação das Artes - local onde se concentra a festa- têm reclamado da poluição sonora que a mesma tem provocado. Esses conflitos poderão levar à transferência da festa para um outro local na cidade.

Os altos investimentos nos festejos juninos têm gerado também questionamentos e insatisfações, pois as pessoas mais pobres entrevistadas nos bairros periféricos reclamaram a ausência dos investimentos em políticas sociais, sobretudo de segurança e transporte que, segundo eles, são preteridas em detrimento dos investimentos na festa.

A ausência de políticas de transportes reclamada pelos moradores e verificada no decorrer da pesquisa, dificulta a circulação dos moradores na cidade,

inviabilizando o acesso aos serviços e aos lazeres, podendo levar a um distanciamento das festas. Desse modo, é preciso que ocorra um entrelaçamento entre as políticas de cultura e as políticas sociais, sendo que o sentido da primeira necessita ser ampliada em Mossoró, para que não ocorra um privilégio de algumas atividades em detrimento de outras, consideradas como prioritárias. Nesse processo, se inclui a manutenção e o incentivo dos festejos que já existiam nos bairros.

A manutenção e o incentivo dessas manifestações festivas “alternativas” poderão vir a se transformar facilmente em espetáculos de mídia, que por sua vez repercutirão no próprio evento. Mas, se queremos compreender a dimensão política da cultura popular e dos eventos espetaculares de mídia e, especialmente, a relação intrínseca e mutuamente dependente que eles tem – de diferentes formas em sociedades diferentes (Ekecrantz, 2006) temos que enxergar o quadro com um todo. Essa é a dialética que se impõe para aqueles que se dispõem a pensar a festa na cidade, sobretudo nesse momento em que a cultura é apropriada como uma forma de recurso e nesse processo é espetacularizada.

O Auto da Liberdade e a cidade

Diferente das festas de São João, as Comemorações Cívicas denominadas de “O Trinta de Setembro” sempre ocuparam uma centralidade espacial, temporal e política na cidade. Iniciadas no final do século XIX, essas comemorações têm tido um papel de ritualizar a data em que foram libertados os escravos na cidade. Esse fato que ocorreu em 1883, acabou se tornando o mito fundador de Mossoró.

Assim, desde o final do século XIX, essas comemorações são realizadas na cidade no dia trinta de setembro, contudo, nos últimos dez anos, ocorreu uma ampliação dos dias de festa e um processo de espetacularização das comemorações. A essas comemorações foram agregados outros fatos, como é o caso da vitória da cidade ao bando de Lampião, o motim das mulheres e o primeiro voto feminino. Assim, tal como os festejos juninos, essa festa tem recebido muitos investimentos, tornando-a um grande espetáculo na cidade.

Esse grande espetáculo embora já tenha sido veiculado em nível nacional, como é o caso da matéria exibida nas páginas do Jornal Folha de São Paulo, se restringe, do ponto de vista da participação, predominantemente ao âmbito da cidade, embora já esteja incluída no circuito turístico dos eventos que ocorrem na cidade. Esse fato deve estar relacionado com os referenciais históricos que ele (re)atualiza que apresentam um caráter mais local, embora, alguns deles estabeleçam um diálogo com as esferas regional (combate a Lampião) e ainda nacional (libertação dos escravos).

Por se caracterizar como uma festa de caráter mais local, ela significa um dos momentos em que a identidade territorial é mais fortemente afirmada, embora esta afirmação esteja pautada predominantemente nas representações concebidas pelas elites políticas locais e legitimadas historicamente por um conjunto de intelectuais, artistas e urbanistas na cidade. Nesse sentido, é a festa em que o patriotismo de cidade é mais fortemente trabalhado.

Essas características fazem dessa festa um dos momentos em que os grupos políticos se representam mais diretamente, sendo comum eles se denominarem de guerreiro(a)s dialogando assim, com os elementos de coragem que são destacados ao longo do espetáculo. Através dela são reproduzidas as relações de poder existentes na cidade, bem como o processo de dominação política das elites que se mantém no poder.

Esse “poder simbólico” que vem sendo historicamente acionado pelas elites políticas, no qual as comemorações cívicas tem tido um papel fundamental, tem resultado no silenciamento de outros fatos e sujeitos sociais que também tiveram um papel de destaque na história da cidade, como é o caso da formação do Sindicato do Garrancho nas primeiras décadas do século XX. Esse sindicato representou um referencial nas lutas sociais no oeste do Rio Grande do Norte. O silenciamento desse e de tantos outros fatos, acaba construindo uma representação de que os grandes protagonistas da cidade são as elites políticas, que se apresentam como seus grandes formadores e defensores.

Assim, embora o Auto da Liberdade se constitua numa festa em que ocorre uma das teatralizações mais expressivas da cidade, ela não consegue sozinha, projetar a cidade, pois as representações (re)atualizadas se restringem a um plano local, embora sua inserção no calendário turístico das festas aponte para outras formas de apropriação da mesma. Essa festa não apresenta um retorno econômico acentuado, sendo ainda financiada quase completamente pelo poder público. Esse aspecto reforça o caráter político da mesma.

Mesmo sendo uma das festas onde o retorno econômico é menor, ela não apresenta muitas tensões no âmbito da cidade, seja pela menor durabilidade (em média quatro a cinco dias) seja porque é aquela que trabalha mais diretamente as referências históricas locais, tornando-se, para muitos, a única forma de acesso às informações sobre a história da cidade. É, portanto, uma das festas onde o consenso acerca da história e da memória é construído. Este consenso que hoje converge para a produção de uma imagem de Mossoró como a “Cidade da Cultura”, acaba amalgamando as diferenças tanto sociais, quanto culturais, produzindo, assim, uma imagem hegemônica da cidade.

Dentro de um plano mais global de pensar a cidade, essa festa tem cumprido o papel de produzir um patriotismo de cidade, como foi possível perceber através das entrevistas resgatadas no decorrer do trabalho. Através dela tem sido reforçado o objetivo de apresentar Mossoró como a “Cidade da Cultura”. Assim, embora apresente um caráter local, essas comemorações vêm cumprindo um papel no projeto global que vem se desenhando em Mossoró e, conseqüentemente no projeto de permanência das elites políticas no poder.

A festa de Santa Luzia e a cidade.

A festa de Santa Luzia, padroeira da cidade, compõe o calendário festivo de Mossoró desde a sua formação, sendo através dela que a dimensão religiosa é vivida com maior intensidade. Essa festa sempre ocupou uma centralidade espaço-temporal na cidade. Sua permanência no calendário festivo, foi se consolidando na medida em que a capela, atual catedral da cidade, passa a exercer um papel importante tanto na organização espacial, quanto na dinâmica social e política da cidade.

Como já vimos no Capítulo 4, durante o período em que ocorrem os festejos da padroeira, a área central da cidade se transforma no espaço do encontro, para ele, convergem todos aqueles que querem assistir as novenas, visitar as barracas de artesanato e comida instaladas no núcleo central da cidade, visitar os bares espalhados ao longo do espaço festivo, assistir a encenação da vida de Santa Luzia ou ainda o concurso da mais Bela Voz que acontece em frente à igreja após as demais atividades.

A teatralização em torno da vida de Santa Luzia ou o *Auto de Luzia*, como é denominado essa atividade, é algo recente, data dos últimos seis anos. Essa encenação que se apresenta como um grande espetáculo na cidade, trouxe elementos novos aos festejos da padroeira. As apresentações costumam reunir inúmeras pessoas em frente à igreja, espaço onde ocorre a encenação da vida da Santa.

Esse intenso movimento que se instala no centro não se reflete, todavia, em uma dinamização da dinâmica turística, bem como, no comércio local. Desse modo, essa festa não apresenta um caráter econômico forte para a cidade, embora o período que compreende sua realização – primeira metade do mês de dezembro- se aproxime das vésperas dos festejos natalinos, contribuindo, desse modo, para uma maior movimentação do comércio da cidade.

Esse movimento, contudo, não se traduz em uma ocupação dos hotéis, à exceção do dia da procissão, onde verificamos um maior uso desse serviço. Muitos dos

participantes da festa são oriundos de municípios vizinhos e se instalam na casa de familiares ou em espaços públicos reservados aos mesmos. Embora não apresente um forte papel econômico para a cidade, significa um momento muito importante para a arrecadação de verbas para a paróquia.

Essas características apresentadas pela Festa de Santa Luzia não fazem dela uma festa estratégica para o desenvolvimento econômico local, embora o número de pessoas que ela congrega e seu papel histórico na cidade tenha contribuído para que ela seja incluída gradativamente na dinâmica turística da cidade. A informação que nos foi concedida pelo Monsenhor Américo, então pároco da cidade, de que existe uma proposta de construção de um grande monumento da Santa para ser colocada na entrada da cidade, expressa a tendência de afirmar Mossoró como a “Terra de Santa Luzia”, terminologia bastante utilizada na bibliografia existente sobre a cidade.

Embora exista uma tendência de inserção da Festa de Santa Luzia na dinâmica turística da cidade, isso não tem se refletido na vivência da festa por parte dos moradores, sendo aquela onde essa característica mais predomina. Nesse sentido, a identidade produzida por meio dessa festa está pautada predominantemente no vivido, tendo suas referências mais ligadas ao espaço dos habitantes, dos usuários, ao espaço que contém uma forte dimensão afetiva.

Afirmar que ela apresenta uma predominância do vivido não retira dela os conflitos de territorialidades, pelo contrário, verificamos as tensões existentes entre os usuários da festa - barraqueiros, donos de bares, freqüentadores- e os moradores que residem próximo ao espaço festivo. Esses conflitos vêm redefinindo o espaço da festa, gerando uma certa dispersão das atividades. Esse processo para os freqüentadores tem provocado desencontros entre os participantes da festa.

Essa festa também tem permitido apropriações políticas por parte das elites da cidade, que ao final dos festejos costumam fazer seus discursos. Estes, muitas vezes são mal recebidos, pois ouvimos muitas reclamações no momento em que eles

ocorriam, mesmo assim, as elites políticas se mostram através da festa e, muitas vezes, se legitimam, embora não seja essa a sua principal característica.

Os espaços e as festas na cidade.

Embora apresentem características diferenciadas, essas festas expressam algo comum nesse momento histórico, qual seja, o processo de espetacularização que as mesmas estão vivenciando, seja através das teatralizações que costumam reunir diretores renomados e cenários modernos; dos cantores e bandas de forró renomadas que costumam se apresentar no decorrer das festas; da espetacularização da própria cidade que se arruma e se enfeita nos períodos festivos, em especial durante os festejos juninos; seja ainda através do material de divulgação produzido para projeção das festas.

Um outro elemento comum entre essas festas é o caráter identitário que as mesmas congregam, embora tal identidade esteja pautada predominantemente no plano do concebido, sobretudo no que se refere à festa de São João e às Comemorações Cívicas que ocorrem na cidade.

Essa representação identitária, contudo, encontra-se pautada predominantemente no plano do concebido, pois como já salientamos no primeiro capítulo desse trabalho, as identidades territoriais podem ser construídas de formas diferentes, umas mais ligadas ao domínio estratégico-funcional do espaço pelo poder econômico e político, sendo construídas com base no espaço concebido, e outras mais ligadas a uma apropriação simbólica-expressiva, tendo como referencial a subjetividade do espaço vivido (Cruz, 2006).

Assim, em Mossoró, a espetacularização das festas juninas e das Festas Cívicas tem legitimado uma identidade mais ligada ao plano do concebido, embora isso não significa criar uma dicotomia entre o vivido e o concebido. Em se tratando dessas festas em Mossoró essa separação somente é possível analiticamente, pois no plano

concreto as dimensões do espaço vivido e concebido coexistem e tensionam-se. Pois mesmo que ocorra uma predominância de uma identidade hegemônica forjada por meio do espetáculo, ainda permanece mesmo que de forma subalternizada, outras “identidades construídas e arraigadas na experiência do espaço vivido, na densidade e espessura de um cotidiano compartilhado localmente em sua multiplicidade de usos do espaço e do tempo. Estando mais ligadas a produção e comunhão dos saberes, dos costumes em comum, da memória e do imaginário coletivo” (Cruz, 2006, p.77). Esses elementos se expressam através das festas realizadas nos bairros da cidade, onde predomina a celebração das experiências sociais.

Assim, ao sinalizar que a identidade produzida pelas festas em Mossoró tem uma ligação maior com o domínio estratégico-funcional do espaço, ou seja com o espaço concebido, não estamos propondo uma dicotomia entre o concebido e o vivido, mas estamos salientando, como bem destaca Cruz (2006) que existe um pólo dominante e hegemônico e outros subalternizados em forma de resíduos e resistências. É na tensão entre essas duas dimensões da realidade expressas através do espetáculo e da festa que a identidade é (re)significada em Mossoró.

Esse processo também perpassa a dinâmica sócio-espacial da cidade, visto que existe uma parte da cidade que vem sendo gestada para e pelo espetáculo e uma outra que apresenta uma dinâmica diferenciada. Na cidade regida para e pelo espetáculo há uma predominância dos projetos urbanísticos de revitalização e de embelezamento, sendo essa parte da cidade utilizada para projetar sua imagem. Essas áreas são palcos ainda das festas que vêm sendo concebidas pelo poder público.

Já nas outras partes da cidade onde a dinâmica do espetáculo não foi introduzida, não há uma predominância dos projetos urbanísticos de revitalização e de embelezamento, nesse sentido, a estética não se coloca como uma prioridade. Em alguns desses bairros, onde ocorreu alguma intervenção, o espaço que foi construído ou reformado (normalmente praças), coloca-se como o lugar do encontro, sendo comum encontrar crianças brincando durante a noite. Em alguns desses lugares a festa ainda permanece e as diferenças (culturais, sociais) encontram-se mais reveladas.

Ao propor que existem dinâmicas sócio-espaciais diferenciadas em Mossoró, não estamos sinalizando para o entendimento de que existem duas cidades, pois, mesmo apresentando dinâmicas diferentes, elas fazem parte de um mesmo processo e, como bem destaca Debord (1997:15), “não é possível fazer uma oposição abstrata entre o espetáculo e a atividade social efetiva (...), contudo, se queremos compreender os diferentes aspectos que envolvem um mesmo processo, devemos enxergar o quadro como um todo.

Essa proposição também não sinaliza para uma negação dos espaços e equipamentos que vêm sendo reestruturados, pois entendemos que esse processo tem promovido uma maior valorização da cidade, resultando em investimentos por parte dos setores imobiliários e do comércio. Contudo, é preciso que a cidade seja pensada conjuntamente e que as políticas propostas levem em conta as ausências e lacunas existentes nos espaços que historicamente ficaram à margens dos diferentes planejamentos.

Inseridos numa lógica mais global de pensar a cidade, a maioria desses planejamentos têm privilegiado, sobretudo, a necessidade da reprodução do capital. Mas existem formas de resistir, ou mesmo de lidar com esses projetos que vêm se impondo a partir de uma dinâmica mais global e que encontram nas dinâmicas políticas locais um espaço fértil de reprodução? Qual o papel da festa nesse processo?

Ao longo das nossas reflexões verificamos que vários sentidos e funções foram atribuídos à festa por aqueles que se detiveram na sua compreensão, dentre as quais se destacam a construção da unidade, a legitimação dos conflitos e a (re)atualização e (re)afirmação da identidade territorial. Contudo, além dessas funções, as festas apresentam um caráter libertador, transgressor e mesmo subversivo, sendo por excelência o espaço do encontro e da celebração das experiências cotidianas e, portanto, do fortalecimento dos laços sociais.

Essas características fazem da festa um instrumento estratégico, tanto para aqueles que pensam a cidade, como para aqueles que se encontram às suas margens,

pois ao mesmo tempo em que ela pode ser apropriada para representar uma leitura hegemônica da cidade, ela pode ser utilizada para expressar a diferença e politizar a cultura, podendo resultar numa afirmação das diversas territorialidades e identidades territoriais na cidade. Todavia, isso não poderá constituir o seu principal objetivo, pois isso perderá seu sentido que se produz e se fortalece a partir da espontaneidade do encontro e da celebração das experiências cotidianas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .

ACSELRAD, H. *Apresentação*. In: COMPANS, R. Empreendedorismo Urbano: Entre o discurso e a prática. São Paulo: Unesp, 2005.

AMARAL, R. C. M. P. *Festa à Brasileira Significados do festejar, no país que “ não é sério”*. Tese de doutorado apresentada no Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo sob a orientação do Prof. Dr. José Guilherme Cantor Magnani. São Paulo, 1997.

ANDRADE, M C. *O território do sal: exploração do sal marinho e a produção do espaço geográfico no Rio Grande do Norte*. Coleção Humanas Letras. Coleção Mossoroense – Volume 848. Natal, 1995.

ARANTES, O & VAINER, C & MARICATO, E. *A cidade do pensamento único – Desmanchado consensos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

ARANTES, O. Cultura e transformação urbana. In. PALLAMIN: V. M. & LUDEMANN, M. (orgs). *Cidade e Cultura: esfera publica e transformação urbana*. São Paulo: Estação Liberdade. 2002.

BARBOSA; J. L. O caos como imago urbis: um ensaio crítico a respeito de uma fábula hiperreal. In *Geographia, Revista da Pós-Graduação em Geografia da UFF*. Ano – Nº.1. Rio de Janeiro: Junho de 1999.

BAKHTIN, M. *A cultura popular na Idade Média e no renascimento: O contexto de François Rebelais*. São Paulo: Hucitec, 2002.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.

BRITO, R S. *Câmara Cascudo e a batalha da cultura*. Coleção centenário de Luis da Câmara Cascudo. Fundação Vingt Rosado. Coleção Mossoroense – Série C – Vol 941. Mossoró,1997.

BUCCI, E. O espetáculo e a mercadoria como signo. In. NOVAIS, A. (org) *Muito além do espetáculo*. São Paulo: Ed. SENAC, 2005.

CALVO, E. G. *Estado de Fiesta*. Madrid: Ed. Espasa-Calpe, 1991.

CANCLINI, N. G. *Consumidores e Cidadãos*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

CARDIM, P. Entradas solenes rituais comunitários e festas políticas, Portugal e Brasil, séculos XVI e XVII. In. JANCSÓ. I & KANTOR. I (orgs). *Festa: Cultura e sociabilidade na América Portuguesa*. São Paulo: Hucitec, Edusp, 2001. Volume I.

CARDOSO, C. A. A. *A cidade e a festa no interior do Nordeste: espetáculo de poder, modernização e transformação cultural em Campina Grande- PB*. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas – Departamento de Geografia- Universidade de São Paulo, 1987.

CASCUDO, L. C. *Mossoró, Região e Cidade*. Fundação Vingt Rosado. Coleção mossoroense, série C. Volume 999, Março de 1998.

CASTELLS, M. & BORJA, J. As cidades como atores políticos. In *Revista Novos Estudos. CEBRAP*. Nº 45. Julho de 1996.

CHAUÍ, M. *Brasil: Mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2000.

CHAVES, C. A. *Festas da Política. Uma etnografia da modernidade no sertão (Buritis-MG)*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Núcleo de Antropologia da Política/UFRJ, 2003.

COSTA, A. F. *Identidades Culturais Urbanas em época de globalização*. Conferência Proferida no XXV Encontro Anual de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais- ANPOCS. Caxambu- Brasil. 2001.

CRISPINIANO NETO, J. *Auto da Liberdade*. Mossoró: Queima Bucha, 2005.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DOCA, G. et all. A indústria da quadrilha. In *O GLOBO*. Rio de Janeiro. 19 de junho 2005. Caderno de Economia. Pg. 29.

DEL PRIORE, Mary- *Festas e Utopias no Brasil Colonial*. São Paulo: Ed Brasiliense, 2000.

Di MEO, G. *La géographie en fêtes*. Paris: Ed. Geophrys, 2001.

DURKHEIM; E. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 2003

DUVIGNAUD, J. *Festas e Civilizações*. Fortaleza: Universidade federal do Ceará, 1983.

FELIPE, J. L. A Organização do espaço urbano de Mossoró. Fundação Guimarães Duque- coleção mossoroense- série c- volume ccxxxvi, 1982.

_____. A (re) invenção do Lugar: Os Rosados e o “país de Mossoró”. In *Território/LAGET, UFRJ- ano VI no 10 (jan/jun.2001)- Rio de Janeiro:UFRJ, 2000.*

_____. A. *A (re) invenção do Lugar: Os Rosados e o “país de Mossoró”*. João Pessoa: Ed. Grafset, 2001.

_____. *Elementos de Geografia do RN*. Natal: Editora Universitária, 1988.

EKECRANTZ, J. Espetáculos midiáticos e comunicações democráticas entre a hegemonia global e a ação cívica. In. MAIA, R & CASTRO, M C P S (orgs). *Mídia, Espera Pública e identidades Coletivas*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.

FERNANDES, N. N. *Escolas de Samba: sujeitos celebrantes e objetos celebrados*. Rio de Janeiro: Secretaria das Culturas, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, 2001.

FERNANDES, N. N. Geografia Cultural, Festa e Cultura Popular: Limites do Passo e Possibilidades do Presente. In *Espaço e Cultura – N° 15-* Rio de Janeiro: UERJ, NEPEC (janeiro-junho- 2003)

FERNANDES, R. *A marcha de lampião*. Natal, 1985. (Coleção Mossoroense- Série C- volume 1074)

FERREIRA, C.B. *O Sindicato do Garrancho*. Mossoró, 2000. (Coleção Mossoroense- Série C, volume 1014).

FERREIRA, L. F. O lugar Festivo- A festa como essência espaço-temporal do lugar. *In Espaço e Cultura – Nº 15*- Rio de Janeiro: UERJ, NEPEC (janeiro-junho- 2003).

GUARINELLO, N. L. Festa, trabalho e cotidiano. In: Jancsó, I & Kantor, I (orgs). *Festa cultura e sociabilidade na América Portuguesa*. São Paulo: Ed. Hucitec./Edusp, 2001. Volume II.

HAESBAERT, R. *Des-territorialização e identidade: a rede “gaúcha” no Nordeste*. Niterói: Ed. EDUFF, 1997.

_____. Identidades Territoriais. In Rosendahl, Z. & Corrêa, R. L. (orgs). *Manifestações da cultura no espaço*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1999.

_____. Fim dos territórios ou novas territorialidades? In Identidades: LOPES, L. P. M. & BASTOS, L. C. (orgs) *Identidades: recortes multi e interdisciplinares*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2002.

_____. *Territórios Alternativos*. Niterói: Ed. EDUFF; São Paulo: Ed Contexto, 2002.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 2ª Edição. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HARVEY, D. *Condição Pós-Moderna*. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

HOBBSAWM, E. & RANGER, T. *A invenção das tradições*; tradução de Celina Cardim Cavalcanti. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia. *Subsídios ao planejamento da área nordestina- Moçoró: um centro regional do oeste potiguar*. Rio de Janeiro, 1971.

JACQUES, P. B. Espetacularização Urbana Contemporânea. In. *Territórios Urbanos e Políticas Culturais. Cadernos PPG-AU/FAUFBA/ Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Ano 2. Salvador, 2004.*

LEFEBVRE. *La presencia y la ausencia. Contribución a la teoría de las representaciones.* México, D.F. Fondo de Cultura Económica. 1983.

_____. *The Production of space.* Oxford (R.U) e Cambridge (EUA): Blackwel. 1991.

_____. *O direito a cidade.* Tradução de Rubens Eduardo Frias. São Paulo, 1991.

LIMA, E. C. A. *Fábrica dos Sonhos: a invenção da festa no espaço urbano.* João Pessoa: Idéia: 2002.

LOPES, M. S. *Mudar a CIDADE. Uma introdução Crítica ao Planejamento e á Festão Urbanos.* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

MAGNANI, J. G. C. *Festa no Pedaco: cultura e lazer na cidade.* São Paulo: Hucitec: 1998.

MAIA, C. E. S. Ensaio interpretativo da dimensão espacial das festas populares. In Rosendahl, Z. & Corrêa, R. L. (orgs). *Manifestações da cultura no espaço.* Rio de Janeiro: Eduerj, 1999.

MINISTERIO DA CULTURA.

MONTERO, P. Globalização, Identidade e diferença. In. *Novos Estudos CEBRAP* no. 49, novembro, 1997. pp.47-64.

MORIGI, V. J. *Imagens recortadas, tradições reinventadas: as narrativas da festa junina em Campina Grande – Paraíba.* Tese de doutorado apresentada ao Departamento de Sociologia da Faculdade de Filpspfia e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, Julho de 2001.

- MUMFORD, L. *A cidade na História*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1965
- NONATO, R. *História social da abolição em Mossoró*. Coleção mossoroense Vol. CCLXXXV, Mossoró. 1983.
- NOVAES, A. A Imagem e o Espetáculo. In:NOVAIS, A. (org) *Muito além do espetáculo*. São Paulo: Ed. SENAC, 2005.
- PAIVA NETO, F. F. *Mitologias do “País de Mossoró”*. Mossoró: Coleção Mossoroense, Série “C” Mossoró: volume 1056. Setembro de 1998.
- PALLAMIN, V. M. Arte urbana como prática crítica. In In. PALLAMIN: V. M. & LUDEMANN, M. (orgs). *Cidade e Cultura: esfera pública e transformação urbana*. São Paulo: Estação Liberdade. 2002.
- PEDRO DO JUAZEIRO, J. *Xilogravura: a arte de gravar*. Fortaleza, dezembro de 2005.
- RAFESTTIN, C. *Por uma Geografia do Poder*. São Paulo: Ed. Ática S.A, 1993.
- REIS, J J. Batuque negro: repressão e permissão na Bahia oitocentista. In. JANCSÓ. I & KANTOR. I (orgs). *Festa: Cultura e sociabilidade na América Portuguesa*. São Paulo: Hucitec, Edusp, 2001.
- ROJAS, C. A. A. *Tempo, Duração e Civilização: Percursos Braudelianos*. São Paulo: Cotez, 2001.
- ROBERTSON, R. *Globalização: teoria social e cultura global*. Petrópolis: Ed Vozes, 2000.
- ROCHA, A. P. B. *Expansão urbana de Mossoró (período de 1980-2004)*. Natal: Editora UFRN, 2005.
- SÁNCHEZ, Fernanda. *Cidade espetáculo: política, planejamento e city marketing*. Curitiba: Ed.Palavra, 1997.

_____. .A reinvenção das cidades na virada do século: agentes, estratégias e escalas de ação política. *In. Revista Sociologia Política de Curitiba* nº 16, p.31-49, junho, 2001.

_____. *A Reinvenção das Cidades para um mercado mundial*. Chapecó:Argos, 2003.

SANTOS, M. & SILVEIRA, M. L. *O Brasil: Território e Sociedade no início do século XXI*. Rio de Janeiro: Ed Record, 2001.

SANTOS, M. *A Urbanização Brasileira*. São Paulo, Hucitec, 1993.

SEABRA, O. C. L. O irreduzível da Festa. *In CD-RUM do XII Encontro Nacional de Geógrafos*. João Pessoa, 2002.

SILVA, T. T. (org). Stuart Hall, Kathryn Woodward. *Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SOUZA, M. L. *Mudar a Cidade: Uma Introdução Crítica ao Planejamento e à Gestão Urbanos*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

SOUZA, F F. História de Mossoró. Fundação Guimarães; Fundação Vingt Um Rosado- Coleção mossoroense . Série C. Mossoró, Maio de 2005.

SPOSITO, M. E. B. As cidades médias e os contextos econômicos contemporâneos. *In. SPOSITO, M. E. B. Urbanização e Cidades: Perspectivas Geográficas*. Presidente Prudente: Ed. ENESP, 2001.

VAINFAS, R. Da festa tupinambá ao sabá tropical: A catequese pelo avesso. *In. JANCÓS. I & KANTOR. I (orgs). Festa: Cultura e sociabilidade na América Portuguesa*. São Paulo: Hucitec, Edusp, 2001.

VAZ, L. F. A “culturalização” do planejamento urbano. *In. Territórios Urbanos e Políticas Culturais. Cadernos PPG-AU/FAUFBA/ Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Ano 2. Salvador, 2004.*

VERGOLINO-HENRY, A. Historia comum, tempos diferentes. In D`Incao, M. A & SILVEIRA, I. M. (orgs) *A Amazônia e a crise de modernização* . Belém: Museu paraense Emilio Goeldi, 1994.

WANDERLEI, W. Mossoró na Poesia de Cosme Lemos. *Oleção Mossoroense*. Volume CDLXXXI. Mossoró, 1989.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: Uma introdução teórica e conceitual. In SILVA, T. T. (org). Stuart Hall, Kathryn Woodward. *Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

YÚDICE, G. *A conveniência da cultura. Usos da cultura na era global*. Belo Horizonte: Ed. UFMG; 2004.

Rachel Soihet é professora do Departamento de História da UFF. *Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 9, 1992, p. 44-59*

JORNAIS PESQUISADOS

SANTOS, Valmir. Quadrilha da liberdade. In. *Jornal Folha de São Paulo*. São Paulo. 25 Setembro. 2003.

PENHA, O. Vãos Temáticos. *Jornal O Mossoroense*. Mossoró: Junho de 2004. Cadernos Empresa. Pg. 09.

LUIZA, A. Auto da Liberdade em cena inicia hoje, às 20h. In *Jornal de Fato*. Mossoró. 26 de setembro de 2004.

LELLYS, Chuva de bala tem última encenação hoje. In. *O Mossoroense*. Mossoró. 27 de junho de 2004.

FREIRE, I. Chuva de bala: 77 anos de resistência. In. *Gazeta do Oeste*. Mossoró. 13 de junho de 2004.

DOCA, G; TAVARES, M & LINS, L. A indústria da quadrilha: Grandes festas juninas no Nordeste movimentam pelo menos um R\$ 1 bi em negócios.) *In. Jornal O GLOBO*. Caderno de Economia. 19 de Junho de 2005.

PEREIRA, R. Avião do forró da BRA movimenta São João em Mossoró. *In. O Mossoroense*. Mossoró. 25 de junho de 2004.

ROBSON, W. Lampião invade a Mossoró moderna. *In. Jornal de Fato*. Mossoró, 13 de Junho de 2004.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)